

Marilyn Monroe, por Norman Mailer
(Um capítulo do "best seller" mais discutido do momento)

de 7 a 14 de agosto de 1973

n.º 39 Cr\$ 2,50

opinião

com a edição semanal brasileira do

Le Monde



**Os votos do general
Ernesto Geisel no Superior
Tribunal Militar**



Velhas e novas alianças

(Sobre o artigo *A Comemoração da Velha Aliança*, de Luciano Costa Neto, publicado no OPINIÃO n.º 34)

É certo que o governo português há muitos anos hipotecou suas colônias africanas às grandes companhias estrangeiras. Marcelo Caetano é um mero joguete nas mãos dos monopólios internacionais que atuam nas colônias e das potências da OTAN. O povo português nunca se beneficiou com as explorações das colônias africanas, os únicos beneficiados são os trustes norte-americanos e europeus e alguns grandes burgueses lusos ligados aos monopólios internacionais.

É certo também que as resoluções da ONU para que se proíba a venda de armas a Portugal sempre foi e continuará sendo apenas simbólica.

Sendo Portugal um "aliado" muito importante para a OTAN, explica-se porque os EUA, Inglaterra, França e Alemanha Federal armam Marcelo Caetano e seus generais até os dentes: para que continuem defendendo o mundo livre como diria o general Spínola, comandante das tropas de ocupação militar na Guiné.

A teoria e a prática

William Rogers, quando anunciou as futuras relações dos EUA com o mundo no início deste ano, falou (...) que o governo iria incrementar o apoio à autodeterminação daquelas partes da África que ainda se encontram dominadas por estrangeiros.

Pura demagogia grosseira. Quer

dizer, na teoria os norte-americanos apóiam a independência dos povos africanos, mas na prática colaboram para que isso não aconteça ao vender armas aos governos que dominam as populações nativas africanas (África do Sul, Rodésia e Portugal).

Recentemente a Inglaterra e os EUA vetaram no Conselho de Segurança da ONU a ampliação do embargo comercial a Portugal e África do Sul, numa clara demonstração de que apóiam a política colonialista do governo português e os sul-africanos com sua política.

Os gastos

Também é verdade que Marcelo Caetano gasta aproximadamente 50% do orçamento Nacional Português com as guerras coloniais. Segundo informes oficiais as despesas com a "defesa militar e segurança" desde 1961 (ano em que começou a luta de libertação em Angola) até 1968 foram de 62.139 mil contos. Mas segundo o general Câmara Pina (*O Século*, 21-70) "desde 1961 gastam-se anualmente com a defesa das parcelas de além-mar entre 10 a 12 milhões de contos". Basta dizer que no primeiro semestre de 1969 as despesas militares chegavam a 4.723 mil contos (para um total de 11.830 mil contos durante esse ano), enquanto em 1970 em igual período as tais despesas subiam para 6.733 mil contos.

Artílio Alves Silva
São Paulo, SP

Leia e assine opinião

LIVROS

RECEBA EM CASA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Este é um novo serviço da Editora Inúbia. Enviando pelo Correio o anúncio acompanhado de cheque visado ou vale postal, você recebe, sem qualquer acréscimo ou despesa, as últimas novidades editoriais pelo mesmo preço das livrarias.

Por favor mandem-me o(s) livro(s) assinalados no anúncio

Nome: _____

Endereço: _____ ZC _____

Cidade: _____ Estado: _____

- ☐ cheque visado
☐ vale postal*

no valor de Cr\$ _____

* vale postal pode ser adquirido em qualquer agência de Correio. Basta trocar a quantia em dinheiro a ser mandada por um documento para Editora Inúbia Ltda. Rua Abade Ramos, 78, Jardim Botânico - ZC 20 - Rio de Janeiro - GB

SOCIEDADES SEM ESCOLAS, Ivan Illich, Vozes, Cr\$ 15,00.

DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NA AMÉRICA LATINA E DESENVOLVIMENTO, Anibal Pinto, Zahar, Cr\$ 15,00.

ROCK, O GRITO E O MITO, Roberto Muggioli, Vozes, Cr\$ 12,00 - um estudo sobre as influências e transformações que o rock exerceu nas músicas e no comportamento.

A UTOPIA URBANA, Gilberto Velho, Zahar, Cr\$ 15,00 - estudo antropológico sobre Copacabana. O livro mostra como vivem os moradores de prédios com apartamentos quarto e sala, depois de realizarem o sonho: o de morar em Copacabana, de "qualquer maneira".

A ILHA DE GELO, Evan Hunter, Expressão e Cultura, Cr\$ 20,00 - autor de *Sementes de Violência* e *Último Verão*, Hunter escreve mais uma vez sobre a juventude e a violência do mundo.

COMUNICATIVO, Ricardo Ramos, José Alvaro Editor, Cr\$ 10,00 - poesias.

ARTE E LINGUAGEM, vários autores, Vozes, Cr\$ 15,00.

ENTREVISTAS COM JUNG E AS

REAÇÕES DE ERNEST JONES, Richard I. Evans, Eldorado, Cr\$ 25,00 - entrevistas que o professor americano Evans fez com Jung em 1946.

A SERPENTE EMPLUMADA, D. H. Lawrence, Record, Cr\$ 28,00.

O CASO MOREL, Rubem Fonseca, Artenova, Cr\$ 20,00.

A INCRÍVEL E TRISTE HISTÓRIA DA CÂNDIDA ERÊNDIRA E SUA AVÓ DESALMADA, Gabriel García Márquez, Editora Record, Cr\$ 20,00 - contos.

A SEGUNDA REPÚBLICA, Edgard Carone, Difusão Européia do Livro, Cr\$ 30,00 - segundo o historiador Hélio Silva, "é um acervo de informações que se encontram dispersas e quase perdidas em arquivos, jornais, folhetos e livros raros".

DISTRIBUIÇÃO DA RENDA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NO BRASIL, Carlos Geraldo Langoni, Expressão e Cultura, Cr\$ 25,00.

JUAREZ TÁVORA - UMA VIDA E MUITAS LUTAS, 1.º volume, José Olympio, Cr\$ 35,00 - memórias.

TODOS OS FOGOS O FOGO, Julio Cortázar, Civilização Brasileira, Cr\$ 18,00 - contos.

PRESENÇA DOS ESTADOS UNIDOS

NO BRASIL - Muniz Bandeira, Civilização Brasileira, Cr\$ 50,00.

HEGEMONIA DOS ESTADOS UNIDOS E O SUBDESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA, Celso Furtado, Civilização Brasileira, Cr\$ 20,00.

CRIME, Manuel López-Rey, Artenova, Cr\$ 30,00 - uma abordagem jurídica, sociológica e psicológica sobre o crime e suas manifestações.

MÚSICA POPULAR E COMUNICAÇÃO, C. A. de Medina, Vozes, Cr\$ 15,00.

A CRISE DA EDUCAÇÃO E SEUS REMÉDIOS, Robert Dottrens, Zahar, Cr\$ 20,00.

BAÚ DE OSSOS, Pedro Nava, Ed. Sábido, Cr\$ 25,00 - memórias.

O EU DIVIDIDO, Ronald Laing, Vozes, Cr\$ 25,00.

MASSACRE, Dee Brown, Melhoramentos, Cr\$ 26,00 - história dos índios americanos durante a conquista do oeste, as reservas e a política do general Custer.

GUETO DE VARSÓVIA, Marcos Margulies, Vozes, Cr\$ 16,00 - história da Polónia, num relato que vai desde a Idade Média aos acontecimentos contemporâneos.

opinião

Uma publicação da
Editora Inúbia Ltda.

DIRETOR
Fernando Gasparian

REDAÇÃO

EDITOR
Raimundo Rodrigues Pereira

SECRETÁRIO DE REDAÇÃO
Antonio Carlos Ferreira

EDITORES-ASSISTENTES
Arlinda Mungoli, Abel Silva, Carlos Castilho,
Juracy Andrade, Marcos Gomes

REDATORES
Ana Maria Brisola, Antonio José Mendes, Eva
Salm, Fátima Lara, Heloisa Dadoia, Jô Amado,
João Lizardo, Maria Vilela, Nádia Rod Moreno,
Regina Lemos, Rinaldo Brito

CORRESPONDENTES
Alberto Carbone (América Latina), Bernardo
Kucinski (Londres), José Bessa (Paris), Jillo César
Martinez (Brasil), Paulo Francis (Nova York),
Vanna Bracca (Milão), Hamilton Almeida
(Salvador), Ivan Maurício (Recife), Teodora
Braga (Belo Horizonte)

EDITORES-CONTRIBUÍNTES

Aguinaldo Silva, Aloysio Biondi, Gerson Toller,
Gomes, Jean-Claude Bernardet, Sérgio Augusto

ARTE

Valdir de Oliveira, Cássio Loredano (ilustrações),
Diter Stein (assistente)

ADMINISTRAÇÃO

GERENTE ADMINISTRATIVO
Raimundo Andrade

Assinatura para o Brasil: Cr\$ 120,00 a anual e Cr\$
65,00 a semestral; para o exterior: US\$ 30 a anual
e US\$ 15 a semestral. Envio por via aérea ou pelos
serviços postais de entrega rápida. Redação: Rua
Abade Ramos, 78, Jardim Botânico, Rio de Janeiro.
Telefones: 244-7466 e 226-1764. Administração:
telefone 244-5326. Distribuição: Abril S. A.
Cultural e Industrial, Rua Emba Gualdi, 575 Lapa,
São Paulo, Composto e Impresso na Editora Mary
Lida, Rua da Resende, 65, Rio de Janeiro.

ALÉM DA EDIÇÃO BRASILEIRA DO LE MONDE
OPINIÃO PUBLICA AINDA UMA SELEÇÃO
DE ARTIGOS DOS SEGUINTE JORNAIS E REVISTAS

The Washington Post
THE
GUARDIAN

The New York Review
of Books
NEW STATESMAN

A extraordinária variedade de influências a que estará naturalmente sujeito quando assumir a presidência da República poderá alterar o comportamento até agora discreto, coerente e inflexível do general Ernesto Geisel. Entretanto, o mais provável é que ele mantenha as mesmas características que demonstrou durante toda a sua vida pública.

Por isso, seus votos nos processos políticos julgados pelo Superior Tribunal Militar constituem um indicador razoável de suas convicções pessoais sobre temas como participação de estudantes na política nacional, delitos de opinião e manifestações da esquerda.

Constituído por 15 ministros, o STM, na época de Geisel, apreciou um grande número de processos referentes aos chamados "crimes de subversão". Em geral, a atuação do futuro presidente da República foi enérgica.

O rigor do gen. Ernesto Geisel no STM

Os votos do general Ernesto Geisel quando ministro do Superior Tribunal Militar constituem indícios importantes para compor a personalidade política do reconhecido candidato à presidência da República. Neste número, OPINIÃO publica o resumo de alguns processos julgados entre 1967 e 1969



SUBVERSÃO

Caso — Três civis acusados de agitar camponeses, operários e ferroviários de Magé, Estado do Rio, em 1964, foram absolvidos pela 1.ª Auditoria da Aeronáutica. O promotor recorreu ao STM.

Sentença do STM — O tribunal considerou que entre a época do suposto crime, 1964, e o momento do julgamento, 1967, havia passado muito tempo sendo impossível reconstituir os fatos e apurar adequadamente as acusações. Como a denúncia apresentada foi considerada vaga e insuficiente decidiu pela manutenção da sentença da 1.ª Auditoria da Aeronáutica absolvendo os réus.

Voto de Geisel — Pela absolvição, de acordo com a maioria — setembro 67.

Caso — Civis do Distrito de Campo Azul, Minas Gerais, foram condenados pela Auditoria da 4.ª Região Militar acusados de tentativa de organização de Grupos dos Onze, organização política subordinada ao comando do ex-deputado Leonel Brizola. Um dos réus apelou.

Sentença do STM — "A condenação foi baseada nos depoimentos de um inimigo confesso dos acusados e de um conhecido ladrão, constantemente preso por furto ou bebedeira. A prova em que se estriba a sentença é precária, imprestável mesmo". Por unanimidade, a sentença foi revogada e os réus absolvidos.

Voto de Geisel — Pela absolvição, de acordo com a maioria — junho 67.

Caso — Entre 1963 e 1966 o acusado permaneceu no exterior realizando curso de aperfeiçoamento promovido pela Eletrobrás em intercâmbio cultural com a embaixada da Polônia no Brasil. Nesse período e sem o seu conhecimento foi indiciado em processo, julgado e condenado à revelia a 14 anos de prisão. Seu advogado recorreu ao STM pedindo habeas-corpus e anulação do processo.

Sentença do STM — "Condenação totalmente sem fundamento. O acusado, dado como confesso, nem sequer foi ouvido, tanto na fase processual como na de investigações". O habeas-corpus foi concedido e o processo anulado.

Voto de Geisel — Vencido. Concedeu o habeas-corpus mas negou a nulidade do processo — junho 68.

LEI DE IMPRENSA

Caso — O proprietário do jornal *Diário da Manhã*, de Passo Fundo, RGS, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional por ter escrito artigos, alguns de certa violência, contra seu inimigo político, o prefeito da cidade. O juiz auditor da 3.ª Região Militar não aceitou a denúncia julgando que o jornalista deveria ser processado segundo a Lei de Imprensa e não a Lei de Segurança Nacional. O promotor militar recorreu.

Sentença do STM — Para a maioria dos membros do tribunal, as críticas do jornalista ao prefeito ultrapassaram o âmbito da Lei de Imprensa devendo ser julgadas de acordo com a Lei de Segurança. Prevaleceu, portanto, a competência da Justiça Militar que fora negado pelo juiz auditor.

Voto de Geisel — Pela aplicação da Lei de Segurança, de acordo com a maioria — julho de 1968.

IGREJA

Caso — D. Valdir Calheiros, bispo de

Volta Redonda, foi impedido de testemunhar a favor do diácono francês Guy Michel Camille Thibault, acusado de subversão. O Conselho de Justiça da 2.ª Auditoria da Aeronáutica recusou o depoimento da testemunha alegando a íntima amizade entre o réu e D. Valdir. Os advogados de defesa pediram correção do processo e habeas-corpus.

Sentença do STM — O tribunal julgou que o pedido de habeas-corpus era descabido mas concordou com a defesa garantindo a D. Valdir o depoimento a favor do réu. "Para assegurar ampla defesa do paciente" — diz a sentença.

Voto de Geisel — Como relator do processo, o ministro Ernesto Geisel fundamentou a decisão do tribunal orientando os votos dos demais ministros.

UNE

Caso — Ao serem presos em flagrante durante a realização do XXX Congresso da UNE (União Nacional de Estudantes), os líderes universitários Luiz Gonzaga Travassos da Rosa e José Dirceu de Oliveira e Silva já estavam sendo procurados pela polícia paulista encarregada de cumprir pedido de prisão preventiva contra os dois. Os advogados solicitaram habeas-corpus tentando anular o flagrante e a prisão preventiva.

Sentença do STM — Embora tenha concordado em revogar a prisão preventiva, por excesso de prazo, o tribunal manteve o flagrante.

Voto de Geisel — Vencido parcialmente. O ministro era favorável à manutenção do flagrante e da preventiva — novembro de 1968.

Caso — O presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito Cândido Mendes compareceu ao XXX Congresso da UNE, em Ibiúna, SP, onde foi preso em flagrante. O líder universitário — e mais 70 outros congressistas — teve sua prisão preventiva decretada, o que motivou

recurso ao STM. Seu advogado alegou que mais de 800 estudantes foram presos em Ibiúna e apenas 71 tiveram a preventiva decretada evidenciando a parcialidade da Justiça.

Sentença do STM — O tribunal foi rigoroso nesse caso. Justificou a manutenção da preventiva alegando o aumento da agitação na área estudantil e a iminente realização de um novo congresso clandestino.

Voto de Geisel — Pela manutenção da preventiva, de acordo com a maioria — novembro de 69.

Caso — Detidos durante uma passeata organizada em Belo Horizonte pela UNE, três estudantes universitários solicitaram o relaxamento de sua prisão e suspensão do processo por falta de causa justa.

Sentença do STM — Concedeu a suspensão da prisão preventiva negando, entretanto, o trancamento do processo. "Haver ou não razão para que tais associações (UNE) não mais pudessem funcionar é assunto que escapa ao julgador, ao qual apenas incumbe examinar se o fato é ou não criminoso" — diz o acórdão.

Voto de Geisel — De acordo com a maioria — junho de 68.

ESTUDANTES

Caso — O juiz auditor não aceitou a denúncia e requereu arquivamento do processo contra um grupo de estudantes acusados de promoverem a organização de células comunistas na Faculdade Nacional de Filosofia. O promotor militar recorreu ao STM.

Sentença do STM — A denúncia foi considerada vaga e imprecisa mas o tribunal negou o arquivamento do processo decidindo pelo prosseguimento do inquérito.

Voto de Geisel — De acordo com a maioria — julho de 68.

Caso — Estudante paulista convocado a depor pela polícia federal de São

continua na página 4

O difícil caminho de Aleixo

"Pretendemos oferecer um caminho fluído suavemente, sem choques, sem ressentimentos, sem que sequer possa parecer derrota de quem quer que seja". Essas palavras, contidas num manifesto sobre o Partido Democrático Republicano que o general Carlos Luis Guedes tentou inutilmente publicar nos jornais de Minas e São Paulo, resumem o apelo político lançado há alguns dias pelo ex-comandante da IV Região Militar de Juiz de Fora apoiando o movimento iniciado pelo ex-presidente Pedro Aleixo para criação do PDR.

Segundo o general Guedes o novo partido representa uma opção para os jovens e, em seguida, para os descontentes: "os que não viram nem sentiram nos partidos atuais a autenticidade indispensável para o exercício de uma delegação". Guedes, de 69 anos de idade, 51 dos quais dentro do Exército (passou para a reserva em 1969), dedica-se agora ao lado de Pedro Aleixo à Executiva Regional Provisória, criada em Belo Horizonte, coordenando a nomeação das novas comissões municipais para obter o maior número de adesões no Estado, a fim de registrar o PDR.

Na verdade, a tarefa de criar um novo partido não parece ser tão fácil, apesar das previsões otimistas de Pedro Aleixo no início deste ano de que até agosto o PDR já teria cumprido todas as formalidades legais para obter o registro. Hoje, no entanto, Aleixo acusa o ministro da Justiça de criar dificuldades ao PDR ao enviar ao Congresso projeto de lei fixando prazo de um ano a partir da publicação do manifesto de lançamento para o

cumprimento de todas as formalidades legais. "Há medo, diz Aleixo, de que se crie mais um partido no Brasil, pois se este surgir acabará com o monopartidarismo que hoje impera em nosso país".

Antes da iniciativa do ministro da Justiça a legislação eleitoral garantia a criação de outros partidos desde que fossem cumpridas as condições estabelecidas para o número de filiados, ou seja, um milhão e 200 mil eleitores distribuídos em 11 estados. Mas, de acordo com o novo projeto, o prazo para registro do PDR venceria a 31 de julho passado sem ter sido possível providenciar a documentação necessária. Segundo Pedro Aleixo, foi preciso republicar o manifesto do PDR pela terceira vez (o primeiro manifesto foi publicado em 31 de maio de 1971 e o segundo em agosto do ano passado) no *Diário Oficial da União*, na edição de 18 de junho passado, e assim ganhar mais um ano.

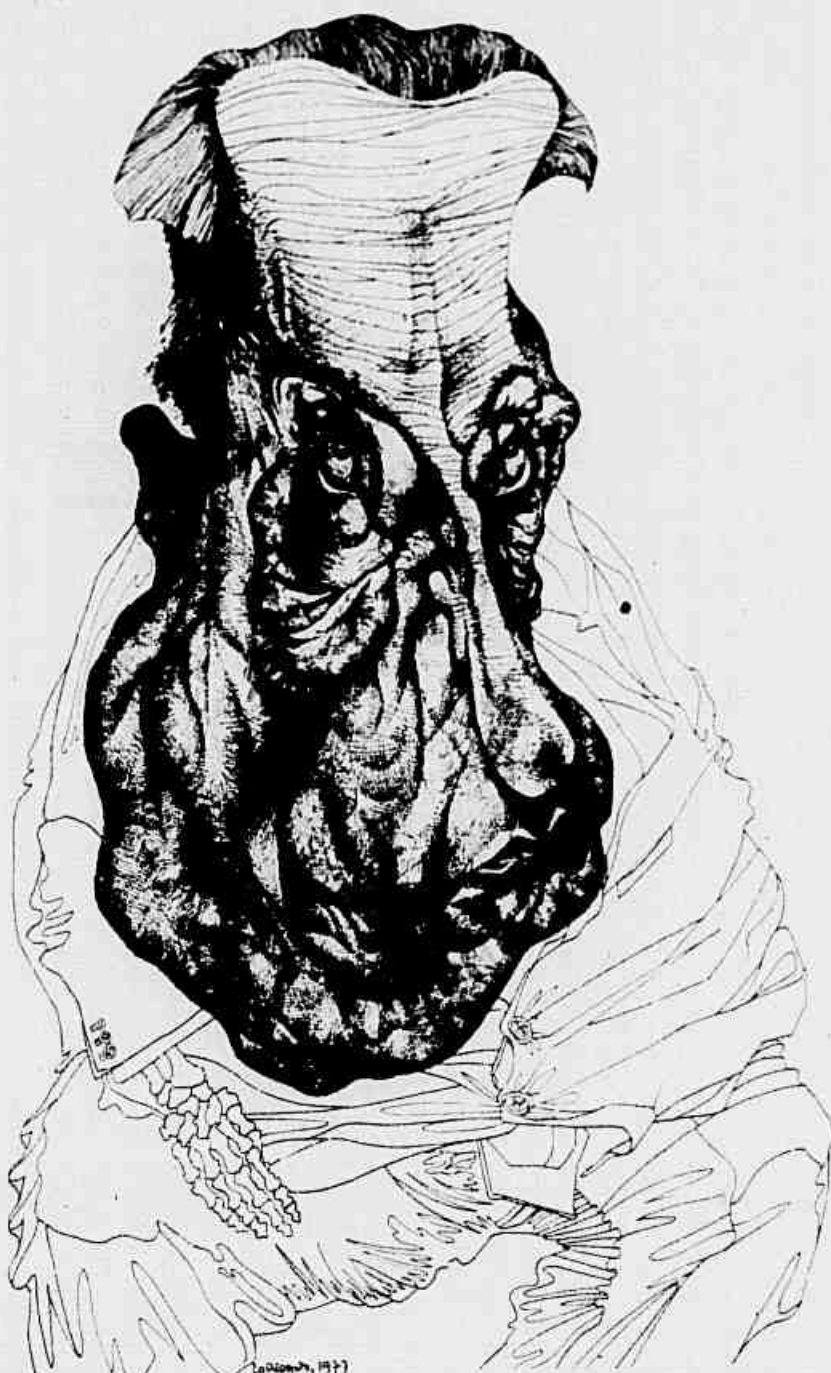
Contudo, as dificuldades do PDR não são somente de ordem burocrática. Não parece fácil conseguir as adesões necessárias para sua formação, aproximadamente 7% do eleitorado do último pleito. "Esperávamos conseguir 200 mil assinaturas em Belo Horizonte e 500 mil em São Paulo", diz desanimado o general Guedes. "Em Belo Horizonte conseguimos apenas 27 mil e até agora São Paulo tem sido um fracasso total".

O general Guedes queixa-se também de que é extremamente difícil conseguir estas assinaturas. "Primeiramente, a cidade deve ter diretório do partido. As assinaturas

têm de ser registradas em seções eleitorais e numa lista não podem haver indivíduos de seções eleitorais diferentes. Não terminam aí as dificuldades. O nome assinado tem de ser exatamente o mesmo do cartório pois qualquer erro anula a assinatura. A pessoa que colhe as assinaturas tem por isso de conferir o nome de cada assinante". Além disso há pessoas que condicionam o seu apoio ao novo partido em troca de algum benefício. Em São Paulo chegaram a pedir ao PDR um automóvel e 30 mil cruzeiros para fazer a coleta de assinaturas.

Tanto o ex-vice-presidente Pedro Aleixo como o general Guedes acreditam porém que apesar dos embaraços criados na área federal e dificuldades em sensibilizar os eleitores há condições para a formação do PDR. Guedes é mais explícito no que chama de "busca da solução brasileira". Para ele "devemos nos voltar, agora, para o julgamento da História. Não queremos que o nosso tempo, quando a pesquisa o tenha dissecado, com análise rigorosa e profunda, seja caracterizado como de obscurantismo e de opressão. Terá que ser entendido como hiato indispensável para saneamento de condições criadas por processos indefensáveis, mas breve em nossa vida de nação".

Quanto à posição política do futuro partido também o general Guedes quem explica: "O PDR não é contra nem a favor do governo. É um partido. E se sua atuação na vida pública merecer a preferência de poderável parcela da população, um dia será governo".



Paulo foi preso e encaminhado ao II Exército. Quatro dias depois, quando já tinha sido enviado ao STM pedido de habeas-corpus e requerimento solicitando apuração dos abusos cometidos pelas autoridades, o estudante foi solto.

Sentença do STM — O tribunal considerou que o pedido de apuração de responsabilidades por abuso contra a liberdade individual não poderia ser feito no corpo de um pedido de habeas-corpus. Quanto a esse, a ação estava prejudicada por ter o acusado readquirido a liberdade.

Voto de Geisel — O ministro foi relator do processo fundamentando a decisão do tribunal seguida pela maioria — maio de 68.

Caso — Estudante mineiro acusado de depredar uma viatura do DNER foi preso pela polícia que somente nove dias depois encaminhou o auto de prisão à Auditoria Militar. O advogado pediu habeas-corpus.

Sentença do STM — O tribunal concedeu o habeas-corpus considerando irregular a prisão. A Constituição determina a imediata comunicação ao juiz competente da prisão de qualquer pessoa — foi o fundamento da decisão.

Voto de Geisel — Vencido. O ministro votou contra a concessão do habeas-corpus — julho de 68.

Caso — A presidenta do Grêmio Estudantil do Instituto de Educação de Goiás foi convidada a prestar esclarecimentos no 10.º Batalhão de Caçadores. Atendendo ao pedido, a estudante compareceu voluntariamente mas em vez de depor foi presa em flagrante, acusada de participar de passeata realizada no dia anterior.

Sentença do STM — O acórdão do tribunal diz que "não houve constatação de crime na hora e que, pelo fato de não ter existido flagrante, não poderia ele ter sido lavrado". O habeas-corpus foi concedido.

Voto de Geisel — Pela concessão do HC, pelo prosseguimento do processo — setembro de 68.

DELITOS DE OPINIÃO

Caso — O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony foi acusado de ultraje às autoridades constituídas, às leis vigentes, aos símbolos nacionais e ao Exército brasileiro. Os delitos teriam ocorrido em dois discursos feitos em Brasília, na inauguração de uma livraria e no campus da Universidade. O promotor militar recorreu ao STM contra a decisão do juiz auditor da 4.ª Região que recusou o recebimento da denúncia.

Sentença do STM — Alcides Carneiro, ministro relator do processo apresentou uma ampla e bem armada defesa do acusado mostrando a inépcia da denúncia. "O denunciado Carlos Heitor Cony, segundo a ficha da polícia que vasculhou sua vida, possui bom caráter, é católico praticante, bom chefe de família, não joga, não bebe e fuma moderadamente. Colocado entre as declarações de um homem assim, além do mais, notoriamente corajoso e oficial da reserva do Exército, e os depoimentos de quem ouviu coisas diferentes num discurso improvisado, a um juiz é fácil a opção" — disse. O despacho do juiz auditor recusando a denúncia foi confirmado.

Voto de Geisel — Vencido. Pela manutenção do processo contra Carlos Heitor Cony — agosto de 67.

Caso — Havia uma série de acusações contra um bancário paulista: participar da CGT, ser comunista, escrever manifestos e até ser favorável às "normas e ações do governo deposto e esperar que o novo governo continue dando liberdades sindicais". Seu advogado pediu habeas-corpus por inépcia da denúncia.

Sentença do STM — Concedeu o habeas-corpus concordando com a tese da falta de fundamento para a denúncia.

Voto de Geisel — Vencido. Negou a medida — agosto 68.

O desgaste da imagem

Achamada "Guerra do Bacalhau", entre a Islândia e a Grã-Bretanha, é um exemplo da propaganda política nas relações internacionais. De um lado a Agência de Relações Públicas Whittaker Hunt, movimentando a conta da Islândia, dentro de uma linha "ecológica" (proteger os cardumes de bacalhau de uma possível extinção); de outro lado a MarkPress, famosa pela movimentação da conta de Biafra durante a guerra civil na Nigéria, defendendo os interesses da Federação Britânica de Pesca com base no "respeito aos tratados internacionais". Na impossibilidade de uma solução clássica (armada?) do conflito, vencerá o lado que ganhar para si a opinião pública internacional à qual se dirige, em última análise, as duas máquinas publicitárias.

E dentro dessa perspectiva de relevância cada vez maior da opinião pública mundial que assume uma certa importância o desvanecimento rápido, nos últimos meses, da imagem do "Milagre Brasileiro" no exterior. Essa imagem atingiu o apogeu em princípios deste ano, após um processo de vários meses em que matérias de natureza econômica ocupavam mais e mais espaço na imprensa internacional. Na verdade a imagem diluiu-se sem nenhuma razão aparente, e principalmente sem que nada semelhante acontecesse com o objeto supostamente refletido nessa imagem, ou seja, a "performance" em si da

economia brasileira, invariável, até agora. O fenômeno é ainda mais interessante porque é inegável o caráter perene do sucesso obtido dentro do país pelas campanhas da AERP (Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República). A assessoria conseguiu atingir uma parcela da população bem maior do que a dos naturalmente simpáticos à política e à filosofia governamentais. Mas ela não teria tido sucesso se não possuísse uma qualidade intrínseca, do ponto de vista da técnica de propaganda, exatamente o que não aconteceu no exterior com a imagem do "Milagre Brasileiro".

Para começar, pela primeira vez em nossa história aplicou-se uma estratégia global e relativamente sofisticada na conformação de uma imagem de governo e principalmente de nacionalidade — e com recursos suficientes para a concretização da campanha. O amor indiscriminado à comunidade a que se pertence ("Brasil"), a confiança num futuro que não precisa ser discutido ou mesmo definido ("Ontem, hoje, sempre"), o orgulho puro e simples de ser brasileiro ("Brasil"), o máximo de otimismo num mínimo de palavras, em doses ligeiras, cuidadosamente calculadas para uma assimilação tranquila pela vasta camada da população videlicet: aplegada. Brasil é a palavra recorrente, num uso novamente genérico de um conceito que pode permanecer indefinido lo

nacionalismo.

A imagem do "Milagre Brasileiro" no exterior foi construída a partir da imagem interna de "Brasil Grande" criada pela AERP. Inútil é demais ressaltar que o antipático "Brasil amarelo ou deixo" nada tem a ver com a filosofia da AERP ou com sua campanha, mas sem contar, na sua sustentação fora do país, com um organismo comparável à AERP. O Brasil não possui, até hoje, um serviço de propaganda e informações no exterior autônomo, como o USIS, norte-americano, ou mesmo o Central Office of Information, britânico. O "Milagre Brasileiro" chegou ao exterior trazido por viajantes, ministros de Estado, secretários de Estado, embaixadores, uma ou outra literatura avulsa, mas acima de tudo pessoas que já estavam condicionadas pela imagem interna que elas próprias ajudaram a criar, ou visitantes de fora, jornalistas, em contato, dentro do país, com essas mesmas pessoas. Da simulação dessas atitudes nasceu a imagem do "Milagre Brasileiro", que nada mais era do que a projeção externa de uma imagem interna, fenômeno perfeitamente possível no mundo da ótica física, mas destinado ao fracasso no caso específico da propaganda política do Brasil.

Para efeito de análise podemos dizer que a imagem se fragmentou em duas etapas sucessivas. A primeira etapa pode ser sentida já na matéria de capa

do Newsweek dedicada ao "Milagre Brasileiro", de março deste ano: o "milagre" é apresentado com duas faces, uma de "milagre" propriamente dito (crescimento do PIB, etc.) e a outra mostrando como esse mesmo milagre deixou de beneficiar parte da população. Mas a crítica do tipo "as duas faces do milagre" logo se radicalizou, no terreno hostil da Europa.

O grande problema, agora do ponto de vista da propaganda política externa do governo, é o que colocar no lugar da imagem do "milagre". A situação já começa a criar um começo de pânico em vários organismos governamentais mais diretamente afetados pela opinião pública no exterior. Recentemente, por exemplo, o general Bandeira de Melo, presidente da FUNAI, preferiu cancelar uma conferência já programada em Londres, para onde ele iria exatamente para dar a conferência (no lugar da conferência houve um encontro reservado com algumas personalidades londrinas ligadas aos índios).

Talvez ainda seja muito cedo para se dizer que a imagem do "Milagre Brasileiro" morreu para sempre. Se a economia mantiver as mesmas linhas gerais de comportamento que vem mantendo, por um período adicional de dois ou três anos, ainda se voltará a falar do "Milagre Brasileiro". Mas nunca com a admiração dos primeiros tempos.

Volta à integração?

Nascida do entusiasmo individual de altos personagens do governo, fruto de estudos do aplicado técnico Anísio Teixeira e olhada com desconfiança até pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira — que não queria uma Universidade tão perto do Palácio do Planalto — a Universidade de Brasília causou um forte impacto inovador no sistema universitário brasileiro. Acabou com a figura do catedrático, exterminou as faculdades, criou institutos centrais e departamentos, estabeleceu o conceito de "crédito" e proporcionou ao aluno a escolha de matérias que desejava cursar, obedecendo ao critério do número mínimo de disciplinas.

Hoje, onze anos depois do início dessa experiência, a maioria das universidades brasileiras mantém regime de trabalho semelhante. Mas, no início dos anos 60, junto com a construção de Brasília e a instalação da indústria automobilística, as inovações da UNB chegaram a ser encaradas como um passo muito avançado e de difícil digestão no sistema de ensino do país. Desde a sua instalação, em precárias salas do Ministério da Educação, em 1962, até este momento, a Universidade de Brasília navegou por mares de incompreensão e teve seus planos modificados algumas vezes até alcançar a fórmula atual.

A Universidade de Brasília pretende integrar o norte e o centro-oeste brasileiro e se constituir em local de pesquisa permanente para melhoria de condições de vida das populações ao redor do Distrito Federal.

Esses objetivos, que hoje parecem se materializar devido apenas ao esforço individual de cada estudante, poderiam ter sido atingidos anos antes. Mas a proximidade do Palácio do Planalto parece ter determinado a reserva inicial que se foi transferindo, gradativamente, aos reitores e administradores até ser instalado um forte sistema disciplinar, baseado no decreto-lei 477.

Com capacidade para comportar sem problemas mais de 10 mil alunos, a UNB mantém atualmente apenas 5 mil; menos que o Centro Universitário de Brasília (CEUB) e pouco mais que o dobro da Universidade do Distrito Federal. No longo corredor separado por belos jardins do Instituto Central de Ciências — o "minhocão", com 700

metros de comprimento — qualquer aproximação de estranhos é polidamente evitada pelos estudantes em nome da tranquilidade a preservar. Essa acentuada discricção contrasta com a pequena densidade de alunos nas instalações excepcionalmente bem construídas, evidenciando um progressivo isolamento dos universitários.

Em nome de sedimentadas desconfianças anteriores, a UNB não funciona à noite e muito pouco à tarde. No entanto, mesmo o reduzido número de estudantes causa problemas internos. Permanentemente fiscalizados pelo computador — encarregado de implacável vigilância sobre o aproveitamento escolar de cada um — entre os alunos da Universidade surgiu a figura do excedente interno. Ou seja, o estudante que pertence à UNB mas não encontra vagas nos cursos que deseja fazer. Com a diminuição do número de vagas — há pelo menos 50% de capacidade ociosa — aumentou o nível de renda dos novos alunos que naturalmente tendem a ser menos sensíveis a movimentos reivindicatórios. Por último, a guinada lenta mas progressiva no sentido do estudo técnico — por orientação direta dos dirigentes instalados na reitoria — deve extinguir os últimos vestígios da proposta inicial.

A grande expansão dos técnicos em detrimento dos departamentos de ciências humanas deverá levar, a médio prazo, a resultados surpreendentes se analisados a partir do primeiro plano diretor. Afastada de sua preocupação regional, a UNB começa a formar bom número de técnicos para a indústria que está em São Paulo.

Se os primeiros programas continham boa dose de idealismo, os atuais contêm uma objetividade perene que se manteve no decurso das últimas administrações e sobreviveu às tentativas de reformulação. Pequenos desentendimentos, como aquele que terminou com a demissão de alguns professores do departamento de História, demonstram que o cronograma traçado pela racionalidade científica ainda não se esgotou. Pois com extrema regularidade novos portos são tocados na rota da elitização. (Alves de Souza)

Esperanças políticas

Homenagens ao senador Filinto Müller e ao deputado Souza Santos, falecido poucos dias antes do início do recesso parlamentar, marcaram o reinício da atividade legislativa nesta época fria e seca em Brasília. E, logo depois dos primeiros contatos e de sucessivos encontros na famosa sala do café, na Câmara dos Deputados, os parlamentares viajaram de volta a seus Estados pois, na realidade, as atividades no plenário terão seu verdadeiro início nesta semana.

Apesar dos limites de praxe, o segundo semestre deste ano reserva aos congressistas um variado conjunto de emoções. Ainda este mês serão reiniciados os previsivelmente acalorados debates da comissão mista que analisa o projeto de lei criando o colégio eleitoral para eleger o presidente da República. A questão da proporcionalidade dos representantes estaduais, de acordo com o número de deputados de cada partido, foi eliminado do projeto inicial defendido ardorosamente pela ARENA.

Em Brasília, mas fora dos plenários, a reunião dos coordenadores estaduais da ARENA para discutir a situação dos governadores e secretários de Estado que pretendem disputar as eleições em 1974 constitui um outro tema capaz de provocar repercussões na vida política. Enquanto diversas facções do partido do governo e o próprio sistema não vêm com boa vontade a candidatura dos delegados estaduais da revolução, uma outra corrente apóia e procura facilitar o caminho dos governadores e secretários. As discussões estão marcadas para esta semana e o novo presidente da ARENA, o piauiense Petrônio Portella, já se manifestou favorável à diminuição dos prazos de desincompatibilização chegando a afirmar que os governadores não devem ser proibidos de disputar eleições para o Congresso.

A convenção da ARENA que homologará as candidaturas dos generais Ernesto Geisel e Adalberto Pereira dos Santos é, sem dúvida, o acontecimento mais importante de todos os programados para os últimos seis meses do ano. Está marcada para setembro e, durante a reunião nacional, o partido debaterá a reforma de seu programa. Entretanto, espera-se

que deputados e senadores não se limitem a discutir apenas esses temas já previstos e saldar alguns compromissos legislativos. É possível supor que depois do recesso o Congresso se revigore acentuadamente.

O arenista Flávio Marcílio causou a primeira surpresa, nos últimos dias anteriores à volta dos parlamentares. Em um discurso feito a uma turma de estudantes de Direito de Brasília, numa inesperada demonstração de vitalidade crítica "os que abusam do direito da força, nem sempre com as melhores intenções, apregoam a inutilidade e vaticinam a falência dos legislativos". É bem verdade que ao presidir a sessão de instalação da Câmara dos Deputados ele, prudentemente, acrescentou: "as democracias ocidentais sofreram na própria carne as consequências dos equívocos relacionados com o conceito de liberdade, equívocos relacionados à ideia de liberdade absoluta. Quando hoje se invoca uma impossível volta ao liberalismo do início do século passado nem sempre se afirma que tal estado de coisas não existiu como nossa fantasia gostaria que houvesse sucedido". Mas a aparente retificação de suas declarações deve ser creditada mais à esperteza do que a uma reconsideração.

Na área oposicionista, as maiores surpresas podem vir de um eficaz aproveitamento de uma conjuntura favorável determinada pelo clima natural de fim de governo. O MDB deve se esforçar para concretizar a possibilidade de comparecimento dos ministros de Estado para prestar esclarecimentos ao Congresso. A exemplo das amenas visitas de Dias Leite e Práti de Moraes ou da agitada presença de Delfim Netto, espera-se provocar novos debates.

O presidente da ARENA, Petrônio Portella, o presidente do Senado Federal, Paulo Torres e Flávio Marcílio, presidente da Câmara dos Deputados, segundo indicam algumas evidências, participam dessas esperanças. Segundo raciocínios de ordem prática a maioria dos ministros não terá como recuar. Longe da análise de obras ainda em realização, eles devem concordar em apresentar o balanço final de um governo que não pode se encerrar somente com a frieza de um discurso. (A. S.)

Possibilidades perdidas

AE



Índios Atoari

A inauguração solene das obras da Perimetral Norte, uma das mais extensas e a mais cara das estradas já programadas para a Amazônia, na semana passada, pelo presidente Medici, não serviu para esclarecer algumas dúvidas importantes criadas pelo desencontro de informações entre os próprios órgãos governamentais, o Ministério dos Transportes e particularmente o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER).

Ao ser anunciada, há 9 meses, a Perimetral parecia dispor de todas as condições para se tornar uma estrada planejada cuidadosamente, após longos e minuciosos levantamentos da área que atravessaria, para que assim não fossem repetidos os erros exaustivamente apontados — e às vezes admitidos oficialmente — na construção da Transamazônica. A Perimetral contaria com os preciosos dados do Projeto Radam (levantamento aerofotogramétrico, com imagens de satélite, de boa parte da Amazônia) e um paciente trabalho de topografia em campo.

Mas no domingo da semana passada, ao serem iniciadas simbolicamente as obras da estrada, permaneciam dúvidas cruéis — as mesmas que a Transamazônica alimentou até sua conclusão — surgidas dos próprios documentos oficiais. Durante a solenidade o DNER distribuiu um documento à imprensa afirmando que a estrada terá 4.215 km de extensão. Mas referia-se apenas ao primeiro trecho (de Macapá, capital do território do Amapá, até Mitu, na fronteira com a Colômbia, com 2.586 km, que anteriormente eram calculados em 2.090 km), esquecendo o segundo, de Cruzeiro do Sul, no Acre, até Cucul, na fronteira colombiana. Na exposição de motivos apresentada ao presidente da República, o ministro Mário Andreazza dizia que o segundo trecho, a ser construído pela engenharia militar, teria 1.180 km de extensão.

Somando, obtém-se um resultado (3.766 km) muito distante (449 km) daquele apresentado pelo DNER. Onde colocar os 449 km excedentes (em dinheiro: no mínimo 134.700 mil cruzeiros, a 300 mil cruzeiros o quilômetro, o preço mais barato)? No primeiro trecho, no segundo ou na margem de segurança, adotada para prevenir os erros de cálculo e execução? (Tem sido comum o crescimento das estradas e, com ele, o dos custos.) Um prospecto do DNER

coloca esses quilômetros no segundo trecho, aumentando-o de 1.180 para 1.629 km antes mesmo de haver começado sua construção. Oficialmente, porém, prevalece a medição anterior.

Mas novamente torna-se impossível saber qual a dimensão exata da estrada, quanto deverá custar ou por que certos trechos alagados, sem pontos de apoio e pouco conhecidos, têm seu preço calculado abaixo de outros que atravessam campos naturais, próximos a alguma cidade e já razoavelmente bem conhecidos, como o primeiro, que vai de Porto Grande, pequena cidade amapaense, até o rio Citaré, 473 quilômetros entregues à Construtora Mendes Júnior. Ou ainda que critérios são usados para estabelecer um preço mais barato para o trecho entregue à engenharia militar.

Além dessas dúvidas, algumas contradições insanáveis. O longo tempo entre o anúncio e o início das obras não foi suficiente para evitar atrasos. As obras deveriam começar em julho para aproveitar integralmente o período de poucas chuvas, que vai até dezembro. Mas, embora iniciado simbolicamente, o trabalho só será efetivo na segunda quinzena de agosto. As construtoras terão que cumprir em quatro meses o que estava previsto para seis? Outra dúvida: por que é iniciada a construção de uma nova e grandiosa estrada como a Perimetral antes que as outras — já numerosas — tenham sido definitivamente concluídas ou implantadas de tal maneira que sua existência não possa mais ser posta em dúvida? (Quase um ano depois de concluídos, os 2.250 quilômetros da Transamazônica, em boa parte intratáveis, não possuem esse mérito.)

As dúvidas são muitas e importantes porque, na Amazônia, uma estrada nunca é apenas isso: ao atravessar uma região que possui a maior bacia hidrográfica do mundo, 3/5 do território brasileiro, de características supostamente homogêneas mas na verdade de complicadas e sutis diferenciações, ela em parte assume o papel desempenhado pelos rios. Historicamente, o rio tem sido a frente de penetração, conquista e civilização — sinônimo de ocupação humana através da colonização — das áreas pioneiras amazônicas. Por suas deficiências ocasionais (trafegabilidade apenas em determinadas épocas e só em certos trechos) o rio tem sido substituído a partir da última década

pela estrada. Esta, como o antigo caminho fluvial, não é apenas um meio de comunicação entre dois pontos isolados: é sobretudo o instrumento de aplicação de uma determinada política de ocupação. Para alguns, trata-se só de uma substituição de meios. Para outros, essa mudança subentende uma transformação radical de conteúdos. O rio teve o seu "modelo" próprio: originou núcleos ribeirinhos dedicados

máquinas e homens para as frentes de trabalho é extremamente custoso, as máquinas se desgastam na metade do tempo de outras áreas por causa da umidade, etc.).

Por todos esses fatores, a discussão em torno de cada estrada construída na Amazônia tem que envolver o "modelo" econômico e político a ela associado (embora dificilmente isso ocorra porque tais obras, consideradas de impacto pelo governo, não estão abertas a uma exaustiva controvérsia pública). A suposição geral é de que a Amazônia é uma só, sendo possível praticar numa nova estrada todos os procedimentos empregados na anterior.

O primeiro: para garantir a existência de uma estrada é preciso instalar uma colonização dirigida, com excedentes populacionais de outras regiões, às suas margens. O passo automaticamente posterior é a colonização através de particulares, em condições naturalmente mais favoráveis do que as que tiveram os colonos pioneiros ao realizarem o "desbravamento". Depois disso — e independentemente de saber se é aconselhável ou não a prática agrícola nesses solos — espera-se que a estrada proporcione a descoberta de novas riquezas, especialmente minerais (o ministro Mário Andreazza disse que a Transamazônica permitiu descobrir as riquezas dos rios Sucurundi e Aripuanã, embora entre eles haja uns 900 km de distância). Parte-se então para projetos de pesquisa custeados pelo governo e oferece-se incentivos às incursões empresariais. Complementando o modelo, a pecuária, que no caso da Perimetral é generosamente aquinhoadada pela existência de vastos campos de pastagens naturais. No caso específico da Perimetral, há ainda a função de garantir a fronteira (ela passa a uma distância média de 120 km das fronteiras com Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa), o que deve ser feito pela associação de todas essas atividades econômicas tornando-as mais necessárias e inquestionáveis.

Cada detalhe de construção da

tentaram realizar o mesmo propósito através da Rodovia Marginal da Selva, mas até agora ela é apenas um projeto devido a enormes dificuldades existentes numa área repleta de grandes rios, pantanosa, sem população e endêmica em doenças; 2) a Perimetral vai ativar o comércio entre Boa Vista, capital de Roraima, Macapá, capital do Amapá, Manaus, Venezuela e Colômbia (a mesma função é atribuída às estradas Manaus-Boa Vista-Fronteiras, que liga o extremo norte ao centro-sul brasileiro e vai até a Venezuela e a Guiana, e a Brasília-Bogotá, um acesso muito mais rápido e fácil — a estrada será pavimentada — à Colômbia); 3) a Perimetral vai ocupar os "espaços vazios" promovendo a colonização com o nordestino, a partir de uma base que será instalada em Caracará, pequena cidade às margens do rio Branco, em Roraima (essa é uma região com áreas inteiramente alagadas de mais de 100 km, outras de solo muito ácido, e onde já há uma migração espontânea de colonos, principalmente maranhenses, muito grande).

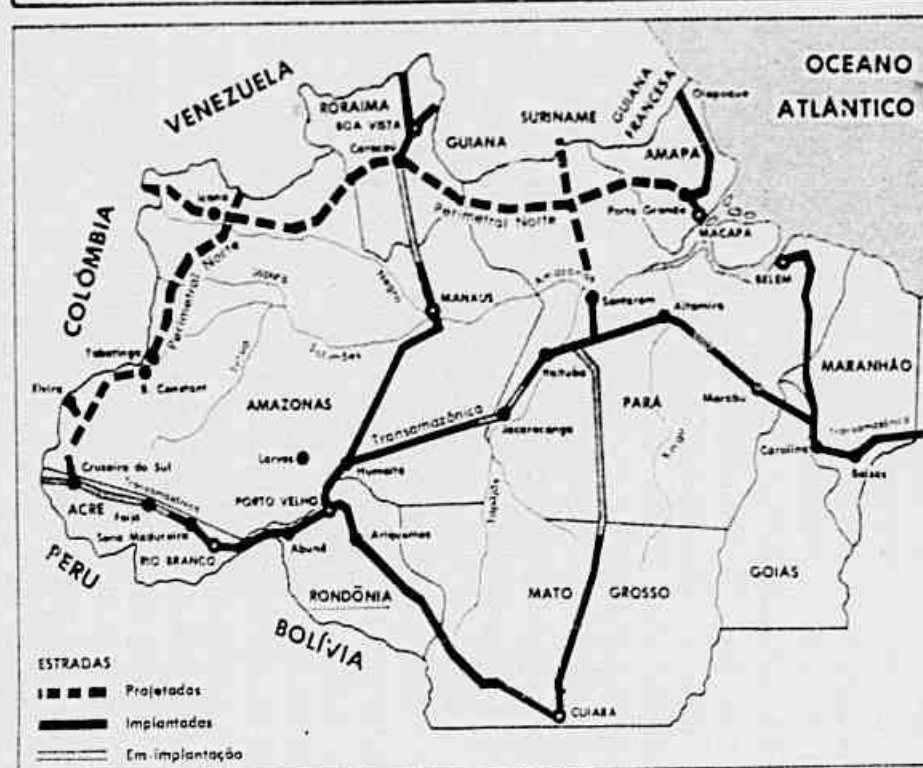
Praticamente a Perimetral começa no "escuro", como todas as outras, apesar das grandes promessas feitas pelo Ministério dos Transportes. Elas poderiam ser fundamentadas pelo Projeto Radam se o trabalho que ele começou há dois anos na área de influência da Perimetral já tivesse sido concluído. Mas agora, quando começava a verificação dos dados através de pesquisas de campo e a confecção de mapas, os técnicos foram transferidos do norte para o sudeste da Amazônia por ordem do ministro Dias Leite, das Minas e Energia, interessado em saber mais depressa quais as riquezas minerais existentes nos vales dos rios Sucurundi e Jamaxim.

Talvez por isso os habitantes das (poucas) cidades que a Perimetral vai atravessar sintam dificuldade em determinar precisamente qual o seu significado, que importância econômica ela terá. Os habitantes de Porto Grande, uma cidade de menos de 2 mil habitantes, onde o presidente Medici esteve para inaugurar as obras, divide seu entusiasmo entre a estrada, que repentinamente aumentará sua população e problemas (estima-se que 3.500 pessoas serão empregadas pela Mendes Júnior no seu trecho, mas quase todas virão de outras regiões), e uma usina de açúcar que o grupo Inojosa, de Pernambuco, está instalando ali: ela criará 900 empregos diretos, aos quais os locais terão acesso.

O que não falta, entretanto, é entusiasmo. O prefeito de Macapá, capitão-de-mar-e-guerra José Lisboa Freire, espera que a estrada torne o Amapá conhecido, pois para ele o maior problema do território é ser ignorado pelos empresários, que só chegam até o Pará. O diretor da Rádio Difusora de Roraima, Alcides Lima, espera "poder ir a novos lugares por terra". E as centenas de pessoas que foram ver pela primeira vez um presidente da República passar pelo solo amapaense de Porto Grande julgam estar sendo descobertas, retiradas de um isolamento que para elas é angustiante.

A crença que uma estrada desperta hoje entre a população amazônica só pode ser medida se relacionada à fé quase religiosa que existia (e na maior parte da região ainda existe) no rio. Durante quatro séculos ele criou um tipo de homem e determinou suas atividades. Com a estrada virá a pressa que caracteriza a sociedade moderna e muita coisa deve mudar. É certo que a Perimetral tirará da tranquilidade o último grande contingente populacional indígena, que pode ser tanto de 10, 20, 47 mil, de acordo com as estatísticas desencontradas que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) divulga a cada semana, ou entre 5 e 7 mil, segundo as estatísticas do Museu Emílio Goeldi, de Belém. Até agora, apesar do grande alarde da FUNAI, o trabalho de contato com os índios mal foi iniciado e ainda não conta nem com verbas próprias. Há nove meses, quando a Perimetral foi anunciada, a FUNAI garantia que os índios estariam protegidos antes que a estrada começasse. (Lúcio Flávio Pinto).

PERIMETRAL NORTE



à prática do extrativismo como atividade econômica fundamental, subordinada — através de um original sistema de trocas — a dois entrepostos comerciais, Belém e Manaus. Com Populações fixadas à margem dos rios, principalmente na calha do Amazonas, as áreas situadas para além de cada margem do grande eixo dessas bacias permaneciam virgens e desconhecidas. As estradas surgem para preencher esse vácuo e complementar os rios naquilo que eles não realizaram: a penetração pelo interior até as extremidades, nas fronteiras.

Assim, são mais que simples meios de ligação, não só porque têm que criar uma determinada atividade capaz de atrair populações para as suas margens e com isso justificar sua existência, mas também pelos seus elevados custos (só é possível trabalhar durante os seis meses de poucas chuvas, o deslocamento de equipamentos,

estrada assume, nessas circunstâncias, uma dimensão maior: os possíveis erros, imperfeições, características, custos excepcionalmente altos, precariedade, etc., são justificados pela função colonizadora e civilizadora que é atribuída à estrada. Ela vai permitir o aproveitamento econômico de áreas novas e promissoras, tornará possível a exploração de minérios e vai permitir a incorporação definitiva de áreas despovoadas.

A estrada realiza tudo isso? À falta de uma discussão aberta, o ministro Mário Andreazza — ao apresentar a exposição de motivos justificando e pedindo a construção da Perimetral — responde que sim. Ele garante que: 1) atravessando a parte oeste da Amazônia, entre as fronteiras — muitas vezes contestadas — da Venezuela, Colômbia e Peru, a Perimetral garantirá ao Brasil a posse dessa área (os três outros países

Pernambuco sempre viveu sob o domínio do PSD. Baseados na filosofia do maneirismo, os pessedistas conseguiram a liderança em todo o Estado empregando o método político de nomear, remover, demitir, aposentar, promover e indicar autoridades, professores, coletores, soldados e sargentos nos municípios do agreste e sertão.

Donos de riquezas, de terras, de boiadas e até de gentes, os coronéis do sertão encontravam nos políticos da capital (governador, deputados e senadores) sempre pessoas interessadas em atender seus pedidos. Os políticos recebiam em troca milhares de votos de eleitores que os apoiavam sem mesmo conhecê-los, simplesmente por se tratar do "candidato do coronel".

O coronel José Abílio ("Bendito PSD, espada de glória e respeito, partido abençoado que, até hoje, nenhuma força pode destruir"), líder de Bom Conselho, sertão de Pernambuco, deixou documentos comprobatórios da existência dos chamados "votos de cabresto", que eram cedidos até por telegrama. Às vésperas do pleito. Tornou-se célebre um telegrama de Agamenon Magalhães (líder do PSD e governador do Estado) a José Abílio solicitando apoio para um correligionário do PSD: "Pedimos reservar toda votação de Bom Conselho para Barros Barreto".

Habilidade de Guerra

O fim da década de 50 trouxe a fase de declínio do prestígio político dos coronéis e disso soube se aproveitar a conservadora UDN para eleger governador, em 1958, o usineiro Cid Sampaio, com apoio das forças conservadoras do Estado. Entusiasmado com o poder, os udenistas se aliaram ao PTB e ganharam a Prefeitura do Recife através de Miguel Arraes.

As duas derrotas abalaram a liderança de Etelvino Lins, um seguidor da política do velho Agamenon, com carreira de típico pessedista que fora promotor público em Caruaru e Goiana, delegado de polícia no Recife; secretário de segurança, interventor federal durante o Estado Novo e senador e governador de Pernambuco.

Mas logo UDN e PTB brigaram. Numa verdadeira reviravolta na política de Pernambuco, um esperto deputado pessedista, Paulo Guerra, utilizou a cisão para apoiar a candidatura de Miguel Arraes para governador. Guerra, com apoio do PSD, saiu vice da chapa de Arraes. Revoltado com esse pacto e sentindo-se desrespeitado, Etelvino Lins apresentou sua renúncia oficial à vida pública.

A habilidade de pessedista de Paulo Guerra veio se solidificar quando no dia 2 de abril de 1964, apesar do seu envolvimento com Arraes, foi empossado governador de Pernambuco. Era a consagração política de um velho criador de gado e industrial de algodão, que já tinha sido prefeito de Orobó, em 1938, prefeito de Bezerros, em 1940, delegado de polícia em Recife, em 1941, deputado federal, de 1946 a 1954 e deputado estadual, de 1958 a 1962.

No governo, Paulo Guerra montou a sua estrutura de poder em Pernambuco, graças às constantes edições do *Diário Oficial*, nomeando seus correligionários do sertão. Outro pessedista foi indicado para suceder Guerra, era o petrolinense Nilo Coelho, filho do famoso *Coronel Quelé*, Clementino de Souza Coelho, da "gloriosa Guarda Nacional". Nilo Coelho, médico e industrial, juntamente com seus seis irmãos, domina o comércio de mamona, sisal, caró, algodão e melão num parque industrial que se estende por toda região do São Francisco até o Piauí. Nilo já foi deputado estadual, em 1954, e deputado federal de 1958 a 1966. Seus irmãos também fazem política: José (prefeito de Petrolina duas vezes) e Geraldo (atual prefeito da cidade). Há 12 anos que a Prefeitura de Petrolina, cidade localizada às margens do São Francisco, é ocupada pelos Coelho.

Para substituir Nilo Coelho foi indicado o ministro Eraldo Gueiros, do Supremo Tribunal Militar, um homem

A longa história da crise pernambucana

É possível que uma precária trégua tenha sido estabelecida na conturbada crise que envolveu a Assembleia Legislativa nas últimas semanas. Depois de uma série de consultas que parece evidenciar uma primeira vitória do senador Patrônio Portela, presidente nacional da ARENA, os principais líderes pernambucanos, os senadores Paulo Guerra, João Cleofas e Wilson Campos, aceitaram como solução conciliatória o lançamento de um candidato único à presidência da Assembleia, em substituição ao deputado "rebelde" Enio Guerra que renunciou ao cargo na semana passada.

Na verdade, a escolha para presidente da Assembleia do deputado Nivaldo Machado, um parlamentar hábil de origem política nunca definida (andou entre o ex-PSD e ex-UDN, partidos extintos pelo movimento militar de março de 1964 sem nunca pertencer a nenhum dos dois) foi mais o resultado de um recuo do senador Paulo Guerra, líder do grupo "rebelde" da ARENA pernambucana. Antes da escolha, Paulo Guerra estava decidido a lançar outro candidato rebelde à presidência da Assembleia, pois segundo afirmou "a hora de lutar não é que escolhamos e não nossos adversários".

De qualquer forma, a precariedade da solução encontrada está visível na promessa do grupo "rebelde" da ARENA de voltar a denunciar irregularidades na administração do governador Eraldo Gueiros, embora o governador, na tentativa de diminuir essas críticas tenha intimado todos os seus secretários e diretores de autarquias e empresas de administração direta e indireta, a renunciarem, caso desejem concorrer a alguma posição política em 1974.

O correspondente de OPINIÃO em Recife, Ivan Maurício, fala das raízes da crise pernambucana, da luta que travam as várias facções políticas do Estado.

sem antecedentes políticos partidários. Gueiros, 60 anos, de tradicional família presbiteriana de Canhotinho, agreste de Pernambuco, veio diretamente do Rio de Janeiro, onde se encontrava desde 1965, para governar o Estado, trazendo o hábito de usar gravatas largas e coloridas e um passado de estrevante de cartório, promotor de Águas Belas, sertão pernambucano, promotor substituto da Justiça Militar, auditor da 7.ª Região Militar e ministro do STM designado durante o governo Costa e Silva.

Embora goste muito de viajar, Eraldo Gueiros é considerado caseiro pela família. Tem predileção especial pela filha Valéria, casada com seu secretário assistente Fausto Freitas, de quem "faz todos os gostos", segundo seus assessores diretos. Gueiros mora no palácio, junto com Valéria e Fausto, além de outro genro. Sempre foi muito generoso com os parentes, desde que assumiu o governo nomeou cinco deles para os cargos de alta confiança na administração estadual e três na Prefeitura do Recife.

No início de sua administração, o senador Paulo Guerra, através de sua influência junto ao vice-governador Barreto Guimarães, colocou pessoas de sua confiança em mais de 60% dos postos da administração direta e indireta. Tudo indicava que Guerra e o velho PSD ainda continuariam no poder.

Em janeiro de 1972, veio o primeiro desentendimento: Eraldo Gueiros, a conselho de seus assessores, decidiu reestruturar o diretório regional da ARENA, marginalizando os grupos de Guerra e Coelho. As antigas lideranças políticas tiveram que ceder, através da assinatura de um protocolo, a liderança ao governador Gueiros. Mas



Paulo Guerra

em 1969, segundo os resultados das convenções municipais da ARENA, Paulo Guerra formou base eleitoral em 80% dos 164 municípios pernambucanos.

As relações entre os grupos ficaram tensas. O deputado Enio Guerra, primo de Paulo ainda se mantinha na liderança de Gueiros na Assembleia. Mas o clima ficou insuportável em novembro de 1972, durante as eleições municipais, quando o grupo de deputados ligados a Paulo Guerra passou a protestar contra a interferência de assessores de Gueiros no panorama eleitoral.

O secretário José Paes de Andrade, do Interior e Justiça, foi acusado pelos guerristas de ter feito quase 30 prefeitos nas últimas eleições, pois sua pasta lida diretamente com as prefeituras do interior e também interfere na indicação de delegados, promotores e juizes. O genro de Gueiros, secretário Fausto Freitas, também é acusado de ter feito política aberta durante as eleições.

A campanha eleitoral de novembro de 1972, em Pernambuco, se desenvolveu num clima de violência, deixando um saldo de 10 mortos, 32 feridos e 36 tiros. "Eu mesmo fui uma vítima dessa anarquia, nas eleições foram assassinados quatro amigos e parentes próximos meus no município de Parnamirim, inclusive meu candidato a prefeito, fui pedir um delegado novo ao governador e antes desse delegado chegar lá, estavam todos mortos", diz o deputado arenista Lusmar Lócio, eleito pelo sertão do Araripe com 10 mil votos.

Em dezembro de 1972, o deputado Enio Guerra renunciou à liderança de Gueiros e passa a comandar um grupo dissidente no partido que recebeu o

nome de "ARENA rebelde". Em fevereiro, os rebeldes, com apoio do MDB, derrotam o candidato de Gueiros à presidência da Assembleia e elegem Enio Guerra.

"O velho PSD insiste em se reagrupar contra todas as diretrizes da revolução, quem sofre com isso não é a minha imagem, mas a da ARENA, ainda está para ser criada uma geração política compatível com os interesses do desenvolvimento," comentou, na época, Gueiros.

Apesar de afirmar não ter sido atingido pela derrota de seu candidato, na Assembleia, Gueiros iniciou uma represália contra o grupo de Guerra: em menos de 15 dias foram demitidos 25 delegados e 66 comissários, na área de atuação dos deputados rebeldes. Logo em seguida, o secretário Marcus Vinicius Vilaça, o último elemento do grupo guerrista a ocupar cargo de confiança na administração Gueiros, pediu demissão do cargo.

A partir de maio os rebeldes passam a apresentar denúncias contra Gueiros. Do arenista Antônio Ailton Benjamin: "todo seguro do Estado, depois da posse do governador, vem sendo feito através de uma corretora apenas, trata-se da S. A. Rocha que tem como um de seus diretores o senador Wilson Campos". Do arenista Lusmar Lócio: "existe um grande envolvimento do governo com a imprensa". Lusmar conseguiu aprovar um requerimento que autorizou uma CPI para "apurar os gastos excessivos com publicidade e promoção da administração direta e indireta". Primeiros resultados da CPI: "mais de Cr\$ 20 milhões foram gastos em publicidade e promoção no governo Eraldo Gueiros; vários secretários serão intimados a depor perante a comissão parlamentar de

inquérito". Do arenista Antônio Ailton Benjamin: "o governador Eraldo Gueiros eletrificou e perfurou poços na sua fazenda Salobro, de 90 hectares, localizada no município de Brejo da Madre Deus, mediante contrato particular firmado com a Companhia de Eletrificação de Pernambuco — CELPE — e o Departamento de Poços e Acudagem do Estado — DEPA".

Ainda em maio, um documento assinado por bispos do Nordeste foi transcrito nos anais da Assembleia, com apoio de toda bancada da ARENA, e a Assembleia prestou uma homenagem ao cego pernambucano. "Esse documento dos bispos Eu Ouvi os Clamores do Meu Povo é subversivo e a presença de Dom Helder na Assembleia, pregando a subversão, foram episódios deploráveis", lembra o vereador Vandekolk Wanderley, secretário da ARENA em Pernambuco.

A partir do episódio da homenagem ao cego, começaram a circular rumores de cassação na Assembleia de Pernambuco, que atingiria os deputados rebeldes. Para pacificar o partido vieram dois emissários: o ministro pernambucano Moura Cavalcanti e o deputado Etelvino Lins, que apesar de ter anunciado a sua retirada do cenário político voltou em 1970, "atendendo a pedidos", sendo o deputado federal mais votado de Pernambuco (40 mil votos).

Na volta de uma viagem à África o senador Paulo Guerra trouxe uma definição para o grupo rebelde, que recuou com a renúncia de Enio Guerra à presidência da Assembleia. Disse o senador no aeroporto de Recife: "a luta contra os desmandos administrativos do governo Eraldo Gueiros vai continuar, agora está sacramentada a divisão da ARENA em Pernambuco".

Paulo Guerra tinha passado 56 dias na África, longe dos atritos políticos, tratando de mais um investimento da sua firma Pernambuco Exportadora de Zebu que pretende instalar uma fazenda em Lourenço Marques, Moçambique, com 50 mil hectares, para criação de gado zebu. Ele e seus 13 filhos constituem um dos mais fortes grupos de pecuaristas do Nordeste, possuindo cerca de seis mil cabeças de gado.

Ganhando tempo

Depois de dois pronunciamentos, considerados fortes, no Senado, um sobre a falência do Nordeste e outro contra a reforma agrária do INCRA, Paulo Guerra tem evitado a tribuna e suas entrevistas à imprensa tornaram-se irônicas. Em seu escritório no Recife, onde mantém um pequeno auditório para atender seus eleitores em maioria vindos do sertão, Paulo Guerra, aos 57 anos, fala para OPINIÃO: "Não existe nenhum interesse do sistema em alijar as velhas lideranças, que têm reduto eleitoral firmado, do processo político do país, mas a revolução deu oportunidades a muitos que não souberam aproveitá-las".

"Não ignoro as lideranças tradicionais, mas é óbvio que tenho as minhas", diz Eraldo Gueiros. Apesar de sua propalada amizade com o general Ernesto Geisel e de ter sido companheiro de trabalho no STM do general Adalberto Pereira dos Santos, seu futuro político é um tanto difícil de ser previsto, devido aos insucessos de sua administração.

Já Paulo Guerra quer ganhar o tempo. Seu mandato no Senado só terminará em 1978 e por enquanto o governo de Pernambuco só-lhe cairá nas mãos em caso de uma intervenção federal. Nilo Coelho, embora desminta a quem lhe perguntar, já segredou a amigos seu interesse em disputar uma vaga no Senado em 1974.

Se as duas forças pessedistas de Pernambuco, consideradas as últimas dentro dos padrões tradicionais, continuarem intactas diante de mais um governador nomeado pelo sistema, só o tempo e as *démarches* habilidosas de cada um poderão responder. Sugere dona Terezinha, secretária particular do senador Paulo Guerra há nove anos: "esse homem já se meteu em cada encrenca danada e sempre se saiu bem".

Feijoada à Califórnia

Era uma vez o feijão uberabinha, rosinho ou entofre na mesa do consumidor brasileiro. Com a corrida do produtor de feijão à soja, provocada principalmente pela política de incentivo às exportações, o feijão sumiu da mesa do consumidor e do mercado e seu preço subiu, alcançando até Cr\$ 300,00 a saca de 60 quilos. E o maior país consumidor e produtor mundial de feijão chegou à posição aparentemente absurda de ter de importar feijão americano para abastecer o mercado interno.

Para os técnicos do governo — segundo um representante da Bolsa de Gêneros Alimentícios — essa situação reduz-se a um cálculo econômico extremamente simples: o de comparar quando se ganha em divisas exportando soja e quanto se perde importando feijão.

Mas consciente da má experiência da importação do feijão mexicano em 1962 — que teve o triste fim de apodrecer estocado por não ter obtido a aceitação do nosso consumidor — o governo resolveu dessa vez agir com mais prudência e não importar diretamente. Autorizou a CACEX a aceitar os pedidos de importação de feijão e, para incentivar a compra no exterior, o Conselho de Política Aduaneira — CPA — eliminou o imposto de 55% sobre a importação do produto.

Assim reapareceu no mercado o feijão, vindo da Califórnia, a preços

mais baixos, variando entre Cr\$3,40 a Cr\$3,45 o quilo. E, naturalmente, quem teve o privilégio dessa importação foram os grandes supermercados: Casas da Banha, Sendas, Mar e Terra e Ideal, que em troca assumiram o firme compromisso com o governo de conter a alta dos preços do feijão nacional, que estava sendo vendido a Cr\$ 5,00 o quilo. Hoje encontra-se ao lado do feijão estrangeiro, o nosso tipo mais barato — o do Paraná — a Cr\$ 3,95, seguido pelo uberabinha a Cr\$ 4,60, o brejeiro a Cr\$4,90 e de Minas e de Goiás a Cr\$5,50, e finalmente o rosinho com o preço de Cr\$ 6,70 o quilo.

Sabor ácido

As 10.373 sacas de 46 quilos, liberadas dia 13 do mês passado, foram praticamente vendidas em dois dias. O sucesso do feijão importado parece estar mais no preço que na qualidade, apesar da intensa propaganda paga pelos supermercados na TV e em alguns jornais. Todos — menos os representantes dos supermercados — são unânimes em dizer que ele é inferior ao nacional. Segundo a Central de Cereais, que reúne produtos de Goiás, RS, Paraná e Maranhão, alguns lotes estão sendo bem aceitos e contém feijão de boa qualidade, cozinhando bem, com bom paladar e de caldo grosso. Mas na maioria dos lotes que chegaram, o feijão é velho, da safra de

**Está chegando
o feijão norte-americano
para substituir
o preto, o uberabinha
e o rosinho,
que sumiram do mercado.**

70/71 da Califórnia, e que os EUA mantêm estocado para socorrer a população em caso de calamidade pública ou ajudar outros países, em idênticas dificuldades. Esses lotes são compostos de feijão cascudo, de paladar ácido e pouco caldo, demorando mais para cozinhar.

Vantagens dos grandes

O monopólio das operações de feijão importado pelos supermercados lhes traz evidentes vantagens: numa época em que há escassez de feijão — o produto de mais largo consumo popular no Brasil — a venda de feijão importado mais barato exclusivamente pelos supermercados atrai inevitavelmente uma maior afluência de consumidores para eles. Isso dá às grandes cadeias uma dupla vantagem:

des passam a faturar muito mais porque a maioria dos consumidores que entra num supermercado para comprar feijão, dificilmente sai só com o feijão (afinal os supermercados foram organizados para induzir as pessoas a consumir). Além disso, os grandes prejudicados são os feirantes e pequenos comerciantes que perdem muitos fregueses e acabam indo à falência — o que no final contribui com a centralização do comércio varejista nas mãos dos supermercados. Um representante da cadeia Ideal (26 lojas no Grande Rio) não quis fornecer a quantidade de feijão que importou dos Estados Unidos, alegando que esse sigilo faz parte do negócio e da política de impacto praticada em colaboração com o governo. Se bem que ninguém lhe possa negar esse direito, isso dá à cadeia Ideal uma enorme capacidade de manobra: não desvendando publicamente a quantidade importada ou então fornecendo estimativas exageradas, o produtor e o atacadista interno pensarão que o supermercado está importando feijão em grandes quantidades e assim os supermercados poderão adquirir o feijão nacional por preços menores. Essa política de favorecer a concentração do comércio varejista é aliás uma das orientações oficiais do ministro Delfim Netto, que responsabiliza em grande parte os pequenos comerciantes e feirantes como causadores de crises no

abastecimento e especulação de preços. No caso da carne, por exemplo, o governo também tomou posição a favor dos grandes supermercados em detrimento dos açougues: a carne que os frigoríficos estocaram com financiamento governamental somente será distribuída aos supermercados. A posição oficial é a de que se o abastecimento fosse de competência exclusiva dos grandes supermercados, seria muito mais fácil de ser controlado. E é claro que os supermercados procuram explorar esta vantagem, se bem que não está absolutamente provado que eles vendam tudo mais barato ou que substituam com eficácia as milhares de vendas, açougues, feiras que servem ao consumidor, e ao mesmo tempo, servem de alternativas ao supermercado.

No caso do feijão, não há dúvidas de que os supermercados estão atualmente ajudando o governo a conter os preços, se bem que evidentemente o feijão importado não resolver o problema da escassez. De acordo com os atacadistas da Guanabara, a contenção do consumo ainda persiste e só será resolvida com a normalização das safras, o que poderá ocorrer nos próximos anos depois que foram fixados preços mínimos generosos para o feijão. No Rio, o consumo — que em épocas normais é de 30 mil sacas por dia — está atualmente em 10 mil sacas diárias.

PESQUISA

A alimentação da classe trabalhadora de São Paulo

Renda e alimentação, o precário equilíbrio

A questão da alimentação é um assunto extremamente atual. Em São Paulo os jornais tratam com grande destaque o abastecimento da carne e as medidas tomadas para a sua regularização e esse é um tema bastante comum nas conversas das pessoas comuns. Espera-se também que a partir desta semana o governo federal dê início, através da sua Assessoria Especial de Relações Públicas — AERP — a uma campanha de nacional "educação alimentar".

E dentro desse quadro que ganha especial interesse o estudo sobre Nível Alimentar da População Trabalhadora da Cidade de São Paulo, distribuído na semana passada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos — DIEESE, apesar de estar baseado em dados até certo ponto antigos — os mesmos que foram recolhidos para a elaboração de uma pesquisa sobre o padrão de vida dos trabalhadores de São Paulo no período 1969/70. Segundo essa pesquisa a alimentação do trabalhador paulista é "insuficiente e inadequada" (embora a maior parte dos orçamentos familiares seja aplicada na compra de comida), e "o nível alimentar está diretamente relacionado com o nível de renda". Para Maria Lucia Soboll, responsável pela elaboração do trabalho, que ostenta com o conveniente bom humor o raro título de economista doméstica formada pela Faculdade de Viçosa (MG) e está atualmente preparando sua tese de mestrado no Centro de Estudos de Dinâmica Populacional da Faculdade de Saúde Pública da USP, nenhuma dessas conclusões é novidade. "Que quem ganha pouco come mal e quando ganha mais come melhor são noções do senso comum, diz ela, o que é importante nessa pesquisa é que esse fato foi quantificado, foi medido".

Renda e nutrientes

Algumas considerações e conclusões do trabalho parecem realmente relevantes. Verificou-se que no conjunto da população examinada o consumo de calorias, de ferro e de niacina (vitamina do complexo B cuja carência provoca a pelagra ou doença

dos três D: dermatite, diarreia e demência) se dá em quantidades em torno do mínimo necessário para manter trabalhando pessoas que gozam de saúde. Quanto aos demais elementos nutritivos, porém, a situação é bem pior. "Observa-se claramente, diz o trabalho, que a alimentação da população paulistana amostrada apresenta-se deficitária em todos os elementos nutritivos com exceção das calorias, ferro e niacina que atendem às recomendações fixadas. Todos os demais nutrientes consumidos pela população amostrada encontram-se insuficientemente adequados às necessidades. Dentre esses ressaltam-se as péssimas adequações de vitamina A (necessária à saúde dos olhos, crescimento e constituição dos tecidos encontrada em verduras como couve, espinafre, cenoura, em frutas como pêssego, mamão, manga, em gema de ovo, manteiga e queijo, e cuja ausência pode provocar desde pequenas alterações oculares até a perda total ou parcial da visão) e cálcio (de grande influência na formação dos ossos, dos dentes, no funcionamento adequado dos nervos, do coração e da coagulação sanguínea). A primeira oscilando entre 33% e 37% (do mínimo) e a segunda entre 49% e 52%; não atingem a metade do que seria ideal. As baixas porcentagens de nutrientes verificadas refletem de uma maneira geral o restrito consumo de leite e derivados, carnes, frutas e hortaliças".

O conjunto da população que serviu de base à pesquisa foi dividido em três faixas de renda: de até Cr\$ 500,00 (média de Cr\$ 349,52) por mês a mais baixa, de Cr\$ 501,00 a Cr\$ 1.000,00 por mês a faixa intermediária, e acima de Cr\$ 1.000,00 (média de Cr\$ 1.674,9) a superior. (note-se que esses níveis de renda foram verificados à época do início da pesquisa quando o salário-mínimo vigente era de Cr\$ 156,00 por mês).

"É evidente a relação entre o aumento da renda e o maior consumo de nutrientes, embora mesmo para o nível de renda superior se verifique um grande distanciamento entre o consumo efetivo e o ideal necessário

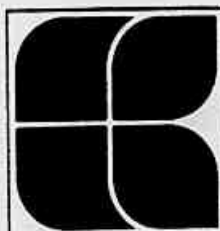
continuação da página 8

O BALANÇO COMPLETO E EXATO DE DOIS SÉCULOS DE RELAÇÕES



A obra de Moniz Bandeira, pela rica e minuciosa documentação que contém, pela exaustiva pesquisa que lhe antecedeu o preparo, é livro-chave, livro-fonte indispensável para quem deseje conhecer a fundo as ligações políticas, econômicas e culturais que têm unido Brasil e Estados Unidos ao longo dos últimos duzentos anos. Volume de 520 páginas — Cr\$ 50,00.

PROCURE-O NAS BOAS LIVRARIAS
OU PELO REEMBOLSO POSTAL A



EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua da Lapa, 120 — 12.º andar, Rio de Janeiro, GB

Renda e alimentação, o precário equilíbrio

continuação do página 7

para a manutenção da saúde". Era de se supor que a população de renda inferior (I) por razões econômicas apresentasse baixas percentagens de alguns nutrientes. Essa hipótese se confirma. As deficiências vitamínicas por exemplo são bem acentuadas: vitamina A, um déficit de 73,8%; riboflavina (vitamina do complexo B, cuja ausência provoca lesões na boca, no estômago, nos olhos e cutâneas no rosto) e vitamina C (encarregada de manter o funcionamento normal das células e a resistência do organismo a certas doenças, cuja ausência provoca o escorbuto, fragilidade e porosidade dos ossos, encontrada em frutas cítricas — laranja, limão — e hortaliças), déficit de 43,7%.

A população trabalhadora de renda superior, como seria de se esperar, como melhor. Apresentando excesso com relação às calorias, proteínas, ferro, niacina e ácido ascórbico (vitamina C). E porém deficiente em cálcio, vitamina A, tiamina (vitamina do complexo B, cuja carência provoca a doença conhecida como beribéri, que atinge o sistema nervoso provocando neurastenia, falta de iniciativa, depressão mental, irritabilidade, fadiga fácil e outros sintomas). A maior deficiência é relativa de vitamina A: há um déficit de 50,2%. A maior disponibilidade econômica por si só favorece uma elevação do consumo de alimentos, haja vista que as necessidades de proteínas e ácido ascórbico passaram a ser prontamente atendidas.

Qualidade e renda

Além das diferenças da quantidade de alimentos consumidos de acordo com o nível de renda nota-se que a qualidade nutritiva desses alimentos também varia de acordo com o orçamento familiar. Isso é particularmente notável quanto às proteínas e ao ferro de origem animal em contraposição ao de origem vegetal. "As proteínas de origem animal (peixes, ovos, carne, leite e derivados) são consideradas de qualidade superior à de origem vegetal por conterem em quantidade os aminoácidos essenciais, capazes de manter os processos vitais e o crescimento normal do organismo. Por outro lado o ferro de origem animal é mais prontamente absorvido pelo organismo, e a maior parte das anemias nutricionais tem como causa a deficiência do ferro alimentar.

As proteínas de origem animal em relação à proteína total, em nenhum mês investigada, atinge a proporção ideal estabelecida — 50% para atender às necessidades orgânicas. Com relação ao ferro de origem animal, não chega a atingir a metade da proporção ideal fixada (ou seja, 75% do total) muito embora tenha sido quantitativamente adequado ao necessário".

As proporções se alteram substancialmente com o acréscimo da renda: população de renda inferior, 34,1% de proteína animal em relação à proteína total; renda média, 40,1%; renda superior, 49%, praticamente a proporção recomendada. Proporção de ferro animal/ferro total, 19,1% para a classe de renda inferior; 30,7% para a superior.

Mas o trabalho do DIEESE apresenta ainda outros indícios de que a renda influi na melhoria alimentar tanto do ponto de vista quantitativo quanto no qualitativo, sendo um fator decisivo para o consumo de produtos de origem animal, mais nutritivos, porém também mais caros. A faixa de renda inferior, por exemplo, toma 163,5 gramas de leite por dia enquanto a superior toma 281,4, ainda assim bem abaixo dos 500g de leite e derivados recomendados em rações

bem balanceadas. Hortaliças, consumo médio diário per capita: classe de renda inferior, 42 gramas; renda superior, 90 gramas. Consumo médio diário per capita de frutas: 60g na inferior; 129g na superior. Consumo de ovos diário per capita 9,2g no estrato de renda inferior; 20,4g no superior.

Diante desses dados a conclusão do estudo é que "à medida que aumenta a renda verifica-se uma distribuição diferenciada dos gastos efetuados com os vários tipos de produtos alimentares. Assim, observa-se na classe de renda superior, por um lado, a compra de maior quantidade de alimentos e, por outro, a aquisição de alimentos qualitativamente mais importantes para o organismo humano".

Feijão e arroz

O feijão, o arroz e a carne foram analisados separadamente no trabalho em virtude do seu papel no consumo total de nutrientes. No caso da carne a população de renda superior consome per capita 114g por dia, enquanto a inferior come 52g, menos da metade. No entanto a inferior come mais feijão e mais arroz.

"O consumo médio diário per capita de feijão, embora não corresponda à necessidade média diária per capita, assume um papel destacado como fornecedor de nutrientes para a população investigada, principalmente para a de renda inferior. Comparando-se a participação dos nutrientes fornecidos pelo feijão e pela carne, em relação ao total de nutrientes consumidos em média por pessoa nos dois estratos de renda considerados observa-se que: a) o consumo do feijão é responsável pelas mais altas percentagens de nutrientes consumidos, provendo 22,7% de proteína e 35,1% de ferro do total desses nutrientes consumidos em média por pessoa do nível de renda inferior; b) o consumo de carne responde pelas mais elevadas percentagens de nutrientes consumidos, em média, por pessoa de renda superior, uma vez que 26,8% de proteína e 22,2% de ferro resultam do consumo desse alimento. O consumo de arroz e feijão agregados desempenha uma função básica para a alimentação do trabalhador, haja vista que altas percentagens de nutrientes consumidos em média por pessoa de nível de renda inferior ou superior provêm, em grande proporção, do consumo desses dois alimentos".

Limitações de pesquisa

Algumas observações com relação à pesquisa apresentada pelo DIEESE. A primeira refere-se à atualidade. Numa cidade de crescimento vertiginoso como São Paulo as condições podem mudar muito no espaço de 3 anos. E há também a influência do sistema de abastecimento. "Houve modificações, concorda Maria Lucia Soboll, autora da pesquisa, inclusive no salário-mínimo que no começo do trabalho era de Cr\$ 156,00 por mês. Quando se fala em renda de Cr\$ 500,00 isso quer dizer mais de dois salários-mínimos na época".

Ela acha importante lembrar também que um estudo como esse não pode registrar várias condições que alteram a necessidade e a capacidade de absorver os elementos nutrientes dos alimentos. Os casos de pessoas doentes, por exemplo, não foram levados em conta pois todos os cálculos foram feitos supondo o estado de saúde normal. "Também não foram considerados, diz a professora Soboll, ocorrências específicas como crianças que precisam de mais proteínas e por apatia ou falta de apetite comem menos, ou gestantes, que precisam se alimentar melhor, mas às vezes têm muitos filhos e deixam de comer para dar aos filhos".

Não vê porém grandes falhas no sistema de dados e no trabalho de coleta, que ela acompanhou de perto. "O sistema adotado foi o de

cadernetas, nas quais as donas de casa iam registrando tudo o que compravam, e antes foi feito um levantamento do que já havia na casa. No princípio nós tivemos medo de que as pessoas não quisessem colaborar mas aconteceu o contrário. Houve uma grande boa vontade, como se percebessem que alguma coisa ia ser feita por eles. As dificuldades foram poucas: algumas desistências e casos de pessoas que queriam exagerar o consumo (como exemplo disso ela conta o episódio de uma dona de casa que fumava cigarros baratos mas anotava na caderneta a compra de cigarros Minister) mas foram dispensadas porque se percebia logo que o consumo apresentado estava acima das possibilidades da renda".

Uma última observação a ser feita a propósito da pesquisa refere-se ao fato de que ela aponta, sem aprofundar-se no problema, a possibilidade de que a deficiência alimentar provoque deficiências orgânicas. Mas as considerações nesse terreno são apenas genéricas: "As insuficientes adequações de cálcio e vitaminas, principalmente de vitamina A — diz o trabalho a certa altura — sugerem a existência de múltiplas formas de doenças carenciais em grande parte da população amostrada. O resultado final dessa má alimentação se expressa principalmente pelas elevadas taxas de mortalidade específica por doenças nutricionais e pela mortalidade por doenças infecciosas comuns, destacando-se entre estas gastroenterites e sarampo.

Essas hipóteses de uma certa maneira encontram apoio nos resultados da Investigação Interamericana de Mortalidade na Infância, efetuada, entre outras áreas, na cidade de São Paulo no período 68/70. Segundo essa pesquisa, a desnutrição esteve presente como causa básica ou associada em 28% dos óbitos de menores de 1 ano de idade, enquanto que as doenças infecciosas, que também estão relacionadas à desnutrição, representaram 65,4% da mortalidade infantil na cidade de São Paulo" (2).

Será possível melhorar o quadro alimentar da maior e mais rica cidade do país através de uma campanha de educação que ensine os trabalhadores e suas famílias a escolher melhor sua comida? "Eu acredito na educação alimentar, diz a professora Soboll, acho possível melhorar certos hábitos alimentares. No entanto isso é muito difícil. A nossa pesquisa mostra que existe uma relação direta entre a alimentação e o orçamento familiar. As pessoas podem não saber o valor nutritivo da couve mas sabem que precisam comer verdura e, se puderem, compram couve, leite, carne, etc.."

Soja e Feijão

Será possível que o brasileiro substitua o feijão pela soja?

"Eu acho um pouco difícil. Analisando o valor nutritivo da soja se vê que ela é realmente muito rica. Mas tem um gosto ruim. Eu, em casa, tive uma experiência com soja. Tenho uma parente que tem asma alérgica. Fizemos de tudo para que ela comesse soja. Pé-de-moleque de soja, pãozinho de soja, tudo. Durou pouco tempo: logo ela enjoou e não quis mais saber de soja". (Dirceu Brisola)

(1) A amostra na qual realizou-se a pesquisa foi retirada de uma lista de 2.598 domicílios do município de São Paulo; a mesma lista que serviu de base para os estudos do Plano Urbanístico Base da cidade. Dessa lista foram excluídos os domicílios situados nos bairros residenciais de classe e os de fins não residenciais do centro comercial.

(2) Ruy Laurenti, "Alguns aspectos da mortalidade de crianças menores de cinco anos em três áreas brasileiras", trabalho apresentado na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em julho de 1973.

Salvando a União

A maior central petroquímica da América Latina — a Petroquímica União, localizada em Capuava (SP) — passará a ser controlada pela Petrobrás. A partir do próximo dia 6, quando deverá ser realizada uma assembleia dos acionistas da União, a Petrobrás, através de sua subsidiária Petroquisa — Petrobrás Química S.A. — elevará sua participação no capital da Petroquímica União de 46% para 65%, tornando-se o acionista majoritário.

A decisão da empresa estatal causou certa surpresa, uma vez que o próprio general Geisel, em seu discurso de despedida da Petrobrás, havia declarado que o setor petroquímico "cabe essencialmente à iniciativa privada", acrescentando que "a Petroquisa funciona normalmente como núcleo de expansão, mediante sua associação minoritária a empreendimentos petroquímicos criados pela iniciativa privada". Essa tem sido a orientação seguida pela Petrobrás desde que, durante o governo Castelo Branco, decidiu-se não incluir a petroquímica no monopólio estatal do petróleo.

Até recentemente, a Petroquímica União era controlada pela UNIPAR — União das Indústrias Petroquímicas — uma companhia holding formada pela Hanna Mining mais os grupos Moreira Salles e Soares Sampaio (do Banco União Comercial). Entretanto, parece ter havido um súbito desinteresse por parte dos sócios privados em relação ao empreendimento. A União está enfrentando uma aguda crise, causada pelas dificuldades que ela vem encontrando em garantir mercado para seus produtos, além de estar comprometida com pesadas dívidas contraídas no exterior devido aos contratos de importação de equipamentos, assistência técnica, etc. Na tentativa de superar suas dificuldades, a empresa teve que programar uma nova chamada de capital, sendo que a UNIPAR não se mostrou disposta a injetar mais recursos na central petroquímica. A Petrobrás teve então que assumir o encargo tornando-se, nessa etapa de dificuldades o sócio majoritário da União. Divulgou-se que a UNIPAR e a Petroquisa chegaram a um acordo pelo qual a UNIPAR poderá vir a readquirir, no futuro, o controle da Petroquímica União.

Os dólares errantes

Por que o Brasil conseguiu nos últimos anos, principalmente a partir de 1969, grandes empréstimos no exterior? E até que ponto o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil é vulnerável a alterações que podem ocorrer no sistema monetário internacional e que estão fora do controle das autoridades governamentais brasileiras? O economista inglês John Wells, do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Cambridge (Inglaterra), apresentou um estudo no XIV Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado recentemente no Rio, em que tentou responder a essas duas perguntas.

Segundo Wells, o Brasil arranhou muito dinheiro no exterior porque há excesso de liquidez (principalmente dólares) no mercado financeiro internacional. Esse excesso de liquidez é consequência não só dos constantes e crescentes déficits do balanço de pagamentos dos Estados Unidos como também da política adotada por Nixon a partir de 1971, que visava oferecer crédito para a agricultura e a indústria a baixas taxas de juros para reduzir pressões inflacionárias. Os investidores americanos transferiram, então, grandes quantidades de dólares para o mercado financeiro europeu no qual podiam emprestar seus capitais a juros mais elevados que nos Estados Unidos. O total de reservas estrangeiras no

Japão e Europa, que eram constituídas basicamente de dólares, se elevou então da média de 40 bilhões de dólares no período 1966-69 para 50 bilhões em 1970, 80 bilhões em 1971 e 92 bilhões em 1972.

Até 1969 os países subdesenvolvidos tinham grandes dificuldades para obter empréstimos no mercado financeiro internacional, pois eram considerados pelos banqueiros como um grande risco devido à sua instabilidade política, ao seu balanço de pagamentos deficitário, etc. A partir desse ano, no entanto, os banqueiros europeus, entupidos de dólares que as grandes companhias americanas e os empresários europeus não tinham capacidade de absorver, passaram a fazer empréstimos de longo prazo para os países subdesenvolvidos.

Os países subdesenvolvidos, que até então só conseguiam empréstimos junto ao Banco Mundial e ao FMI, passaram a obter dinheiro com grande facilidade junto aos banqueiros europeus. Em 1971, dos 14 bilhões de dólares de empréstimos a médio prazo feitos por esses banqueiros, 60% foram para países subdesenvolvidos. Apenas de julho a novembro de 1972 a lista de créditos concedidos a médio prazo incluía Gabão, Peru, Panamá, Venezuela, Colômbia, Dubai, Irã, Argélia, Filipinas, Coreia e Brasil. Durante os quatro primeiros meses de 1973, assinala Wells, três países da Europa Oriental, seis da América Latina, três da África e três do Oriente Médio conseguiram dinheiro no mercado financeiro europeu. A Argélia arranhou um bilhão de dólares, apenas nos primeiros meses de 1973 e até Cuba recebeu 40 milhões de marcos alemães.

Talidomida, quem ganha?

Em fins da década de 1950, a indústria farmacêutica norte-americana lançou no mercado os tranquilizantes Equanil e Miltown, com os quais obteve lucros fabulosos. Vendo a possibilidade de realizar um bom negócio, a empresa britânica Distillers Company, tradicional fabricante de uísques, resolveu ampliar suas atividades, entrando no mercado dos remédios: comprou da indústria química alemã Chemie Grunental a patente do Contergan, muito semelhante ao Miltown. As consequências foram trágicas: investigações realizadas por especialistas provaram que o consumo do Contergan por gestantes provocou o nascimento de centenas de crianças deformadas ou mutiladas, só na Inglaterra. O caso jurídico das famílias vitimadas contra a Distillers veio se arrastando sem solução por 12 anos, apesar da campanha movida pela imprensa junto à opinião pública. Na semana passada, a proibição da publicação de um apelo dos parentes das vítimas através de um artigo do *Sunday Times* apressou a sua decisão. Declarando-se contrária ao que seria um pré-julgamento do caso realizado pela imprensa, no qual uma das partes envolvidas, a Distillers, não teria direito a se defender, a Suprema Corte de Justiça britânica, alegando que em qualquer questão de litígio todas as partes envolvidas são iguais e como tal devem receber um tratamento igual, tomou para si o caso. Na realidade, as duas partes não são assim tão iguais: de um lado, uma poderosa empresa cujos lucros ultrapassam dois milhões de libras mensais; de outro, casais com uma renda mensal de 160 libras e uma criança sem braços ou sem pernas para cuidar. A decisão final da Suprema Corte contudo estabeleceu o pagamento por parte da Distillers Company de 50 milhões de dólares como compensação para as deformações causadas nas crianças pela talidomida; dessa quantia, 15 milhões devem ser distribuídos entre as 443 vítimas e suas famílias e os 35 milhões restantes servirão para compor um fundo para garantir o futuro das crianças. Essa decisão não veio, de

continua na página ao lado

continuação da página 8 do lado

tato, prejudicar grandemente os interesses da empresa já que, como afirma Anthony West em artigo no *New Statesman*, "as questões de quanto, como, para quem e em que condições a compensação deveria ser paga, são problemas secundários" para a Distillers Company. A sua grande preocupação era isentar-se da responsabilidade no caso: ela só aceitaria o acordo se pagar a compensação não significasse assumir a responsabilidade, e isso ela conseguiu.

A Casa Branca sem carne

"Se as donas de casa sofrem a falta de carne, o mesmo deve acontecer na casa do governo", comentou Bernard Goldstein, dono da fornecedora de carne cujo principal cliente é o presidente dos Estados Unidos. Goldstein se negou a atender, na semana passada, a um pedido do cozinheiro da Casa Branca de sete quilos de file-mignon. O movimento que agora atingiu o próprio presidente Nixon é um reflexo da crise que assola os Estados Unidos desde que Nixon impôs o controle do preço da carne no fim de maio. Em represália, os criadores de gado retiveram sua produção forçando os açougues a praticamente esgotarem seus estoques. Por isso, a dona-de-casa norte-americana, a mais rica e bem alimentada do mundo, está tendo grande dificuldade para encontrar carne, exatamente no país que tem o maior rebanho bovino do mundo.

No entanto, é provável que as consumidoras norte-americanas estejam preocupadas, mas não em pânico, uma vez que foram elas que saíram às ruas contra a alta dos preços da carne, antes mesmo de Nixon decretar o congelamento dos preços. No início de abril, em diversas cidades dos Estados Unidos com cartazes e panfletos elas buscaram convencer as pessoas a trocarem o bife por peixe ou mesmo vegetais. Alguns dias depois os próprios fornecedores reconheceram que suas vendas estavam caindo, o que causaria pesados prejuízos para os criadores de gado. De certa forma, isso forçou Nixon a impor o congelamento nos preços e que provocou a irritação dos produtores. Mas Nixon continua às voltas com um conhecido difícil dilema: como controlar a inflação num país em que não somente os produtores sabem fazer pressões para verem seus direitos atendidos, mas onde os consumidores também sabem vigiar as manobras do governo em defesa dos produtores.

Os perigos da aspirina

Os fabricantes do Alka Seltzer avisaram ao governo dos Estados Unidos, que estão preparados para começar uma campanha para prevenir aos seus consumidores que o produto não deve ser usado de maneira indiscriminada, da maneira mais conhecida comumente: contra qualquer mal-estar estomacal. Um grupo de pesquisas ligado a Ralph Nader pediu, recentemente, ao Departamento de Drogas e Alimentação (FDA) dos EUA que fosse suspensa a venda do produto fabricado pelo Laboratório Miles. Segundo ele o Alka Seltzer contém aspirina em quantidade suficiente para provocar úlcera e hemorragia interna em pessoas que tenham problemas estomacais. O grupo Nader afirmou ter o laboratório retido importantes informações acerca do Alka Seltzer durante a pesquisa para sua liberação pelo FDA e pede a reabertura do caso, pois essas informações — se tivessem sido levadas ao conhecimento do Departamento — poderiam ter ocasionado a retirada do produto do mercado.

O entreato argentino

Encontrados os 50 dias de Hector Campora no governo, a 12 de julho, a Argentina pareceu entrar num período de hibernação política. Mera aparência. Por trás das cortinas, preparava-se silenciosa e diligentemente mais um ato da esteada ópera nacional que quase certamente chegará ao epílogo com o velho Juan Domingo Perón voltando à presidência, depois de uma separação de 18 anos. Tudo prosseguiu segundo os trâmites operísticos tradicionais. No entreato, enquanto a *prima donna* curava uma suposta pneumonia e suas sequelas na elegante casa de Vicente López, subúrbio de Buenos Aires, as figuras coadjuvantes, os políticos tradicionais peronistas tramavam e esperavam a ordem de seu chefe. No dia 29, finalmente reabriu-se o pano.

Naquele dia, uma nova estrutura dirigente foi estabelecida para o Movimento Nacional Justicialista, durante uma reunião de que participaram as autoridades máximas do governo, inclusive o presidente provisório Raúl Lastiri, representantes dos setores políticos, sindical e feminino da agremiação, e, naturalmente, o líder e fundador do partido, Perón.

Esperava-se então que da reunião surgisse finalmente o nome que completará a chapa peronista às eleições de 23 de setembro. Na verdade isso não aconteceu. Mas uma decisão claramente mais importante foi tomada, a entrega da direção justicialista a elementos conservadores, da direita do movimento, ratificando a tendência que os acontecimentos de até a demissão forçada de Campora indicavam. Um novo diretório executivo foi composto, somente com elementos ortodoxos. O senador José Humberto Martiarena ficou com o setor político; o talvez nunca suficientemente vilipendiado José Rucci com o setor sindical; Silvana Roth com o dubiamente importante (na estrutura paternalista do peronismo) setor feminino, e Julio Yessi (que a Juventude Peronista afirmaria mais tarde "não saber de quem se tratava") com o setor da juventude. Para quem ainda tinha alguma dúvida sobre os rumos que Perón decidira dar a seu partido, foi a sacudida final.

Na noite anterior ao 29, a segunda maior força política do país, a União Cívica Radical, reuniu-se para examinar a situação pré-eleitoral. Deve-se lembrar que Perón chegou recentemente a um *modus vivendi* com seu antigo inimigo Ricardo Balbín, líder da ala conservadora dos Radicais, que tem sido apontado como seu provável companheiro de chapa.

O discurso

Mas o fato mais importante das últimas semanas ocorreria no dia seguinte, quando Perón afinal resolveria mostrar claramente quais serão os caminhos do justicialismo. Falando durante 45 minutos na Confederação Geral dos Trabalhadores ele despejou, por assim dizer, a pedra de cal nas ilusões dos que ainda viam nele um possível aliado dos radicais peronistas.

"A revolução que prega o Movimento Justicialista", disse *El Viejo*, "é uma revolução organizada, que busca o equilíbrio entre os apressados e os retardatários, e deve ser feita sem balas nem bombas".

Não poderia possivelmente usar palavras-mais-claras, como:

"Nós, os justicialistas, defendemos a razão e a verdade, e nunca usamos a violência para intimidações. Nós sofremos e suportamos a violência, mas não a usamos com nossas mãos porque somos contrários a esses métodos. Quem tem a verdade não precisa de violência, e quem tem a violência jamais conseguirá a verdade. (...) Por isso, a toda essa rapaziada apressada, que não condeno, é preciso falar como falavam os gregos: tudo na sua medida e harmoniosamente. Devemos realizar uma revolução organizada, sem balas nem bombas. Assim chegaremos lá. Não chegaremos pela luta violenta, mas pela ação racional e inteligente".



Contrastando com sua atitude de conciliação de antes, desta vez Perón tratou abertamente das dissensões existentes entre os conservadores e os esquerdistas do peronismo. "É preciso enfrentar a controvérsia que, segundo dizem, existe no peronismo. Ela é apresentada como um conflito entre a chamada burguesia sindical, de um lado, e os *trotskistas* (trotskistas) de outro. Quem assim fala, não tem idéia do que é o movimento justicialista. Movemo-nos num terreno muito amplo quanto às ideologias. Há muitos anos controlo o movimento tolerando todas as tendências, porque acho que todos nós que o integramos temos que ter liberdade para pensar, sentir e agir, pois esta é a essência de um movimento revolucionário".

Para alguns analistas, Perón "pegou o touro pelos chifres" dentro do Movimento Justicialista, e assumiu uma opção política direta, que sem dúvida alguma consolida ainda mais as posições dos setores de centro e de direita peronistas, quando o país parecia não poder resistir mais às tensões causadas por seu silêncio.

Após a fala de Perón, o panorama das eleições de 23 de setembro começou a se definir (os Radicais haviam adiado, em sua reunião, uma decisão para 29 deste mês, quando estabelecerão se Balbín será candidato a vice, ou se terão uma chapa própria). No domingo, 30, foi lançada a primeira chapa presidencial, Juan Carlos Coral e José Paez, candidatos do ultra-esquerdista Partido Socialista dos Trabalhadores. Coral foi candidato à presidência nas eleições de 11 de março, juntamente com a jovem líder sindical Nora Chiapponi. Obteve 100 mil votos, o que corresponde a menos de um por cento dos eleitores que compareceram às urnas.

A Frente Popular de Esquerda, liderada pelo escritor marxista Jorge Abelardo Ramos, decidiu apoiar a candidatura de Perón, mas advertindo que não renunciará ao direito de criticar a "burocracia sindical corrupta" do peronismo. E Francisco Manrique, candidato direitista, que nas eleições de 11 de março obteve 15 por cento dos votos, anunciou que também disputará as eleições em setembro. Concorrerá com o apoio de uma coligação de mais de 20 partidos nacionais e provinciais.

E os jovens peronistas? Diante do espetáculo da guinada para a direita, continuavam a manter a estratégia de evitar cuidadosamente responsabilizar Perón pelos acontecimentos, os quais, segundo eles, teriam por objetivo "fornecer um escudo para sujeitar o país a uma política reacionária". A Juventude Peronista nada fez nos últimos dias que sugira uma mudança de sua atitude de logo após a queda de Campora, quando divulgou documento afirmando que "a guinada para a direita é obra exclusiva dos líderes sindicais e políticos controlados por Rucci e Rega" (Lopez Rega, ministro do Bem-Estar Social e secretário particular de Perón).

Apesar de jornais empregarem a manchete notavelmente obscura "jovens peronistas articulam-se contra Perón", para indicar uma "guerra total", nada,

na verdade, ocorreu de concreto para confirmar esta hipótese. Nenhum documento, nenhuma declaração, nenhuma manifestação em que Perón fosse pessoalmente atacado. Isso parece ser algo que os jovens peronistas evitarão até o limite extremo. Na realidade, no mesmo domingo em que Perón indicava o caminho para a direita, a Juventude Peronista reunia 30 mil manifestantes para ir até a casa de Vicente López falar com o *Viejo*. Astutamente, Perón saiu antes que eles chegassem.

O astrólogo

Este desejo de evitar contatos diretos com a parte jovem do movimento materializou-se com a designação de Lopez Rega para ser o intermediário dos encontros de Perón com a Juventude Peronista. Rega, astrólogo de fé, com um livro de 700 páginas sobre o assunto é odiado pela Juventude.

Recusando o intermediário, ainda assim a Juventude Peronista não atacou a grande figura paternal. Perón, parecendo disposta a, se preciso, manter a ficção de um "peronismo sem Perón".

Na província de Córdoba, provavelmente estará a chave dos acontecimentos do ponto de vista dos jovens. Desde os acontecimentos conhecidos como *cordobazo*, quando trabalhadores e estudantes praticamente tiveram esta grande concentração industrial em suas mãos, ela tem sido um foco de militância, e foi lá onde se registrou a maioria dos sequestros de industriais. O governo Ricardo Obregon Cano é um firme partidário da esquerda peronista, e também da idéia de que o socialismo deveria ser implantado se não em toda a Argentina pelo menos em Córdoba.

Até agora, não houve indicações concretas de que a situação em Córdoba esteja para mudar bruscamente. Muito pelo contrário. Dias atrás, o Exército Revolucionário do Povo — ERP — comemorou três anos de existência ocupando diversas fábricas na província, promovendo manifestações com discursos e distribuição de folhetos. E um líder do sindicato dos têxteis, considerado líder dos "burocratas corruptos" locais, foi assassinado dias atrás. O que se pode inferir disto é que, pelo menos no plano do visível, as coisas não mudaram muito em Córdoba.

Nacionalização dos bancos

Enquanto tudo isso ocorria, no plano econômico a nova era peronista produzia o que talvez tenha sido o seu ato mais importante até o momento. Na quarta-feira passada, a Câmara dos deputados aprovou por unanimidade o projeto que trata da nacionalização bancária, transformando-o em lei (o projeto fora anteriormente aprovado no senado). Este é o primeiro projeto aprovado até agora pelas duas casas do legislativo entre os 20 que estão tramitando, e que constituiriam a "espinha dorsal" da política econômica moderadamente nacionalista prometida pelos peronistas. Serão nacionalizados sete bancos cujo capital estrangeiro é superior ao capital nacional, e suas reservas serão transferidas para o Banco Central da Argentina, que posteriormente pagará aos estrangeiros o valor correspondente ao montante de ações. Esta operação provocou um incidente entre o governo argentino e o governo norte-americano, cujo encarregado de negócios em Buenos Aires, Max Krebs, enviara notas ao ministro da Fazenda, José Gelbard, "desaconselhando" as nacionalizações. O governo americano, em seguida a enérgico protesto da chancelaria argentina, desculpou-se pela intromissão indevida.

Grandes e pequenos, todos estes atos não são senão escaramuças de valor relativo. O grande desenlace só virá a partir de 12 de outubro, quando, sob as estimadas luzes da ribalta, *el viejo* Perón abraçar novamente a sua "querida" presidência. (Ivo Cardozo)

Em Lourenço Marques

"Fale comigo rapaz, ou você é surdo-mudo? Você tem ouvido e boca, não tem? Então fale comigo". O sul-africano tinha se levantado da mesa do café berrando com o garçom africano. Este, não moveu um músculo, nem disse uma palavra.

Ele apenas permaneceu ali olhando fixamente para o sul-africano que gritava. Quando o desafio entrou em seu segundo minuto de duração, o garçom foi embora. O sul-africano sentou-se vermelho de cólera. Sua mulher deu um risinho. Ninguém mais na sala tomou conhecimento do caso. Sul-africanos estão sempre gritando e dando ordens aos empregados negros do Hotel Polana, o "Ritz" da capital de Moçambique, Lourenço Marques.

"Sabe o que é", disse meu companheiro português, "os sul-africanos em férias ou em viagens de negócios estão sempre esquecendo que o que representa um negro para eles em Joanesburgo é um cidadão português aqui em Moçambique. Isto é algo que os sul-africanos têm muita dificuldade de entender".

Mas é, contudo, algo que os portugueses acreditam ter compreendido. O ideal é que não haja pretos ou brancos ou mulatos ou amarelos na África Portuguesa — só cidadãos portugueses. Esta visão é sacrossanta, e os funcionários portugueses aqui apontam para sua sociedade multi-racial com orgulho quase infantil. A seus olhos, a facanha é tanto maior por ter ocorrido à sombra da África do Sul. O desprezo que a maioria dos portugueses tem pelo *apartheid* é bastante genuíno.

A existência do multi-racialismo em Moçambique se deve a que a discriminação é proibida por lei. As forças armadas, igrejas e escolas são mistas, e parece haver uma relação boa entre as raças. Esta relação existe apenas do fato de existirem apenas cerca de 200 mil brancos numa população de 8.233 mil habitantes. O grosso do restante da população é composta de africanos, com uma considerável população de mestiços e asiáticos.

Mas embora não haja uma discriminação aberta contra esta maioria, é um fato que os ricos em Moçambique são brancos e os pobres são pretos. A segregação é um fato econômico, na medida em que são os colonos brancos de Portugal que controlam 98% da riqueza do país.

No geral, são os africanos que constituem a imensa força de trabalho não qualificada que mantém a economia do país funcionando. Um exemplo da diferença nas condições de vida e renda dos africanos em Moçambique pode ser vista em qualquer das miseráveis cidades que proliferam em torno dos grandes centros.

Na capital encontra-se um *canice*, isto é, uma grande favela de casebres de barro, com telhados de palha, que abrigam cerca de 400 mil pessoas. É aí que se localiza a mão-de-obra de Lourenço Marques, e olhando-se para este gueto fervilhante tem-se a consciência aguda de quão solidamente a riqueza e o poder de Moçambique estão em poder dos brancos.

Sim, dizem os portugueses, isto pode ser verdade agora, mas veja o Brasil. O nome desse país é lançado na conversa de uma maneira tal como se fosse um argumento de debate irrefutável.

No entanto, a imagem de um poderoso e próspero Moçambique, que se estenda sobre o golfo entre a África branca e negra, é o objetivo dos administradores mais moderados na África Portuguesa Oriental. Vem-se gastando dinheiro para melhorar a saúde, educação e padrão de vida da população africana. Nas áreas rurais, os africanos vem sendo transferidos para aldeamentos, vilas de aproximadamente duas mil pessoas, equipadas com água, eletricidade e assistência médica.

continua na página 10

O diálogo e as armas

A história do governo de Salvador Allende no Chile, desde sua posse em 1970, é uma história de crises. No momento, Allende encontra-se na metade de seu mandato, cujo término é previsto, oficialmente, para setembro de 1976. Até agora ele parece defender com razoável habilidade sua "aposta" de encontrar no arsenal legislativo a via para alimentar seu processo revolucionário pacífico. Entretanto, mais do que nunca o país parece se encontrar à beira de uma guerra civil.

Durante as últimas semanas Allende procurou um "diálogo" com o Partido Democrata Cristão (PDC), principal força de oposição no Chile. O sucesso dessa tentativa de pacificação é encarada por alguns como a última possibilidade de impedir a guerra civil ou a passagem do governo ao controle militar. Dos dois lados, na esquerda e na direita, no entanto, havia setores contrários ao "diálogo". Tanto o Partido Nacional (ultra-conservadores) e o movimento Patria e Libertade, quanto setores dentro da própria Unidade Popular (como o Partido Socialista) criticaram abertamente a proposta de Allende. O jornal *Ultima Hora*, de orientação socialista, chegou a declarar que "se as condições que o PDC apresentar implicarem na aceitação de modificações do

programa ou num retrocesso revolucionário, o Partido Socialista poderá decidir até se retirar do governo."

O MAPU (partido inicialmente formado por dissidentes da Democracia Cristã) transformou o slogan "impedir a guerra civil" em "ganhar a guerra civil".

Allende com Aylwin

No entanto, com o apoio do Partido Comunista, de setores do PS e dos demais partidos da coligação, Allende conseguiu que os setores divergentes "guardassem suas críticas para um momento mais oportuno". E, finalmente, na semana passada teve início o diálogo entre o chefe do governo e o PDC, representando por Patricio Aylwin e Osvaldo Olguin, respectivamente presidente e vice-presidente desse partido. No primeiro encontro ambos os lados apenas expuseram suas posições. No dia seguinte, Aylwin enviou uma carta a Allende, formalizando a posição de seu grupo. Entre as exigências impostas

pela DC para cooperar com Allende na superação dos problemas políticos e econômicos do país encontram-se: a nomeação de um novo gabinete com representantes das Forças Armadas, uma reforma da Constituição de acordo com o projeto já aprovado no Parlamento, por uma maioria simples, e vetado na ocasião por Allende. Essa reforma delimitaria as três áreas da economia (estatal, mista e privada). De acordo com o projeto aprovado pelo Parlamento, a emenda constitucional teria efeito retroativo a 14 de outubro de 1971, o que obrigaria o governo a devolver aos proprietários muitas das empresas e bancos expropriados. Assim, não seriam atingidas com essa emenda apenas as fábricas ocupadas pelos trabalhadores, por ordem da CUT (Central Unida dos Trabalhadores) após o golpe de 29 de junho último. Segundo a revista chilena *Qué Pasa*, o número de indústrias ocupadas já estaria próximo a 700.

Outra das exigências feitas pela oposição seria a aplicação da lei sobre o controle de armas e o desarmamento

de grupos de extrema-esquerda, medida considerada de importância primordial.

Ao responder a Aylwin, Allende reafirmou oficialmente suas esperanças no diálogo, acatando, por outro lado, algumas das exigências contidas na carta do presidente da DC.

De acordo com fontes ligadas à DC, o presidente teria considerado inconveniente a formação de um novo gabinete no momento. No entanto, teria aceito a exigência sobre a reforma da Constituição e sobre a devolução das indústrias ocupadas. Essa medida "poderá levar a uma impasse: os trabalhadores não parecem dispostos a abrir mão de suas posições e dificilmente aceitarão qualquer ordem nesse sentido. Segundo declaração de Carlos Altamirano, secretário do Partido Socialista, "desde outubro de 1972, mas principalmente a partir de 29 de junho último, os trabalhadores do Chile passaram a formar quartéis do povo em cada indústria ocupada". Mesmo os trabalhadores partidários da DC parecem ter participado das

ocupações verificadas após o 29 de junho.

Um líder sindical da Unidade Popular declarou alguns dias atrás que "se o governo fraquejar e tentar devolver as indústrias, encontrará os trabalhadores como um grupo sólido e unido. Os trabalhadores é que decidirão se as fábricas serão devolvidas ou não".

Ambas as partes parecem ter chegado a um acordo no sentido de entregar o recolhimento das armas às Forças Armadas. Setores da Unidade Popular reagiram mal a esse acordo. Há um ano, ao terminar o congresso sobre o projeto de lei de controle de armas, já a UP havia se declarado contra o desejo da oposição de atribuir às Forças Armadas uma função que não lhes correspondia e para a qual não estavam preparadas. A 21 de outubro de 1972, no entanto, foi aprovada a lei que passou a ser conhecida como lei Carmona (nome de seu autor), estabelecendo o controle de armas e entregando sua fiscalização às Forças Armadas. Mas o diálogo que teve início há poucos dias pode não ter longa duração. Diz o senador opositorista Patricio Phillips: "o país não suportará esta situação nem mais uma semana". (Celina Whately)

continuação da página 9

Apesar da forma violenta como essa transferência de população tem sido feita na área rural, os jovens africanos parecem apoiar a idéia. A ironia do programa de aldeamento e dos benefícios que propicia é que ele foi virtualmente forçado em Moçambique pela Frelimo, o movimento nacionalista de guerrilha no campo.

Todo o programa foi desenvolvido no sentido de afastar os africanos da propaganda da Frelimo. O que se diz é que se for dado um lugar na sociedade aos africanos, o movimento guerrilheiro não poderá mais conseguir facilmente adeptos. Há um plano para transformar a economia africana de uma economia de subsistência numa economia de lucro.

Estão sendo feitas experiências no sentido de incentivar os habitantes das vilas, que possuem seu pequeno pedaço de terra, a comercializar seu produto coletivamente com os vizinhos. Os comerciantes têm conseguido maiores empréstimos para desenvolver seus negócios. Tudo isso os portugueses consideram um poderoso desincentivo ao terrorismo.

O problema que se coloca é até que ponto os portugueses estão subornando os africanos com esses incentivos e a criação dos aldeamentos, que muitos acham que se tornarão no futuro guetos negros.

Alguns, embora não todos os portugueses em Moçambique, acreditam que a lógica desse tipo de desenvolvimento leva inevitavelmente à independência de Moçambique, embora mantendo estreitos laços com Portugal. Em outras palavras, como no caso do Brasil.

No entanto, essa idéia que é espalhada como confete pelas relações públicas de Portugal perde parte de seu impacto quando discutida entre europeus com real interesse no país. Estes riem quando se fala de um Moçambique independente e predominantemente negro. Segundo eles, as coisas já se polarizaram muito na África, não havendo espaço para os moderados. O que se tem a fazer é optar por uma das duas e defender sua opção. (James MacManus, The Guardian)

China, URSS e EUA, no mar

A última edição do anuário naval *June's Fighting Ships*, o autorizado guia para todos os navios de guerra do mundo, provocou diferentes comentários na imprensa ocidental. A grande novidade do anuário inglês

para 1973-74 é o crescimento das marinhas soviética e chinesa. O primeiro porta-aviões soviético, o Kiev (45 mil toneladas), prestes a deixar o estaleiro, é a maior evidência do desafio da URSS. O Kiev, que levará helicópteros e aviões de decolagem vertical, "tem um raio de ação em escala mundial", diz o *June's*. "Será uma força anti-submarina e antiaérea onde quer que os soviéticos considerem necessária sua intervenção. O Kiev dará uma nova dimensão à potência marítima soviética". Contra os 23 porta-aviões norte-americanos (dos quais somente 15 em serviço), os russos estão desenvolvendo um novo cruzador (o 42.º) de 10 mil ton., o Kara, contra apenas quatro dos EUA, e dois novos tipos de submarinos nucleares: o Delta (8 mil ton.) e o Papa (4.300 ton.).

Mas é exatamente em termos de submarinos que a força naval norte-americana ainda é superior à soviética. Embora os russos tenham 316 submarinos, apenas 11 são nucleares. Os outros 305 são de propulsão diesel. Os EUA, entretanto, têm 101 submarinos nucleares em atividade, 23 em construção e um na reserva, além de 24 de propulsão diesel, dos quais nove na reserva. Os novos submarinos nucleares soviéticos "podem dar a volta ao mundo a grandes velocidades sem sair à superfície, além de oferecer meios de observação de alcance ilimitado", segundo o almirante Sergei Gorshkov, comandante da marinha soviética há 17 anos. Finalmente, quanto a contratorpedeiros e fragatas, EUA e URSS empatam: têm exatamente 225 cada.

China

Durante anos, a China cuidou apenas de sua marinha de autodefesa, para proteger seus quatro mil quilômetros de costa. Seu poderio naval, entretanto, cresceu muito nos últimos anos. Segundo o *June's*, os chineses possuem uma frota de 44 submarinos (alguns possivelmente nucleares), oito contra-torpedeiros, nove encouraçados, 11 fragatas, 11 lança-mísseis, 20 caça-submarinos e centenas de embarcações menores. Diante desses números, o anuário *June's Fighting Ships* — que pela primeira vez incluiu dados sobre a China — achou melhor esclarecer: "É questionável a inclusão dessa marinha na categoria autodefesa".

Nos totais gerais o editor do *June's*, capitão John Moore — ex-oficial naval de porta-aviões e submarinos da marinha inglesa — lembra a seus leitores que há cerca de 15 mil navios de guerra espalhados pelos mares do mundo todo. Destes — ressalva Moore — um bom número — como alguns antiquados porta-aviões e os cruzadores da Índia, por exemplo — representa pouco valor em dinheiro".

A Patota

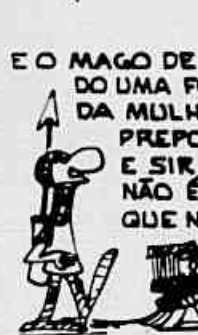
É ISSO AÍ, BICHO!



MOROU A MAFALDA? INTELIGENTE, SARCÁSTICA, CONTESTATÓRIA, IRÔNICA, INGENUUA — DIZENDO TUDO QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER, NO MEIO DE UMA TURMA QUE É UM BARATO...



JA' SENTIU O R.C. E SUAS TRANSAS NA IDADE DA PEDRA? O PETER, O SEMJEITO, A GORDUCHA, TODO MUNDO NAQUELA...



E O MAGO DE JO? CADA DIA PROCURAM — DO UMA FORMULA NOVA PARA SE LIVRAR DA MULHER. E O REI? BAIXINHO, PREPOTENTE — E POR FORA DE TUDO. E SIR RODNEY, O GUERREIRO QUE NÃO É DE NADA? UM PESSOALZINHO QUE NÃO DÁ PRA ENTENDER, TRANS — SANDO NA IDADE MÉDIA, COMO SE FOSSE HOJE...



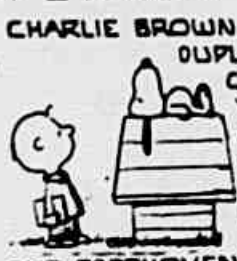
KID FAROFA (TUMBLEWEEDS) E UNS ÍNDIOS QUE NÃO ESTÃO PRA ESSA QUE A GENTE PENSA, ATRAPALHANDO AS MAIS SANGRENTAS BATALHAS, UNS CAUBOIS SEM JEITO, UM DELEGADO QUE SEMPRE ACABA POR TRÁS DAS GRADES E O JUIZ LEVANDO A SUA POR FORA. O VELHO OESTE INTEIRINHO NA MAIOR GOZAÇÃO DA PARÓQUIA.



E MAIS... FRANK & ERNEST, O COELHO MUITO LOUCO, EKK & MEKK, POGO, OS ARTIGOS SOBRE A HISTÓRIA DAS HISTORINHAS EM QUADRINHOS... UM MUNDO DE CURTIÇÃO E GOZAÇÃO PARA VOCÊ NA COISA MAIS NOVA E INTELIGENTE QUE ESTÁ SE EDITANDO NO BRASIL EM MATÉRIA DE REVISTA EM QUADRINHOS PRA GENTE JOVEM, POR DENTRO E INTELLIGENTE COMO VOCÊ.

A PATOTA está todos os meses nos jornaleiros. Tudo isso, em formato grandes, numa bossa de cores, papel bom, as melhores curtuições em quadrinhos pra gente grande... e por apenas Cr\$ 3,50

Entre nessa já. LEIA E COLECIONE A PATOTA, uma revista jovem para gente inteligente.



CHARLIE BROWN E SNOOPY — UMA DUPLA INCOMPARÁVEL, CURTIÇÃO COMO VOCÊ NUNCA VIU A LUCY SEMPRE DO CONTRA; LINUS, O FILÓSOFO E SEU COBERTOR; SCHROEDER E SUA TARA POR BEETHOVEN; TODOS OS PEANUTS JUNTOS ESPECIALMENTE PARA VOCÊ...



HAGAR, O HORRÍVEL, UM FEROZ VIKING QUE TEM UM FILHO BICHA E UMA MULHER MANDONA NUMA TRANSAÇÃO DE MATAR DE RIR.



E MÃE... É, AQUELA MÃE QUE TODOS CONHECEMOS, QUE — RENDO SEGURO TUDO E NÃO SE CONFORMANDO COM O CRESCIMENTO DA GENTE.



ZÉ DO BONÉ (ANDY CAPP) — SEMPRE NA CERVEJOTA, NO FUTEBOL E NA BRIGA COM A CONTADA DA FLO. QUE TRABALHA O DIA TODO PRA ELE FLANAR NO SOFÁ DA SALA E NAMORAR AS GARÇONETES...

Le Monde

7 e 14 de agosto de 1973

5, rue des Italiens — 75 Paris 9e tel 7.709.129

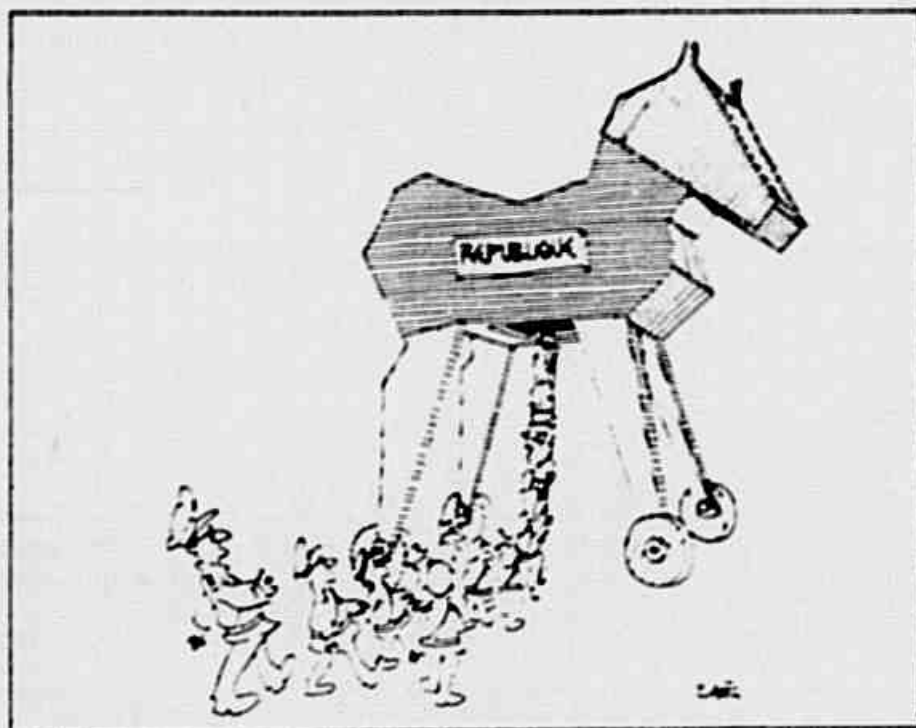
GRÉCIA

As urnas sem surpresa

O resultado definitivo do referendo constitucional grego deu a Papadopoulos cerca de 78,4% dos votos, segundo número fornecido pelo Ministério do Interior da Grécia. Nas zonas urbanas do país, entretanto, o regime teve apenas 54% dos votos. Por ocasião do referendo constitucional de setembro de 1968, o governo de Papadopoulos tinha obtido 92,2% dos sufrágios.

Georgios Papadopoulos pode ser considerado a partir de agora como o presidente da República e o general Odysseus Angelis, comandante das forças armadas, como o vice-presidente.

Os resultados do referendo foram contestados por Panayotis Canelopoulos, representante das forças de oposição. Ele declarou que não pode imaginar que os gregos ávidos de liberdade se encontrem somente nas grandes cidades e estejam ausentes no campo.



Um domingo em Maratona

Nenhum mensageiro veio de Maratona desmoralizar-se aos pés da Acrópole para anunciar a vitória. A 32 quilômetros de Atenas, numa das mais belas e mais calmas paisagens da Ática, em frente à ilha de Eubéia, um dos grandes lugares da antiguidade helenica, a vida hoje é marcada pela nora sonolenta do verão grego. E os coronéis não haviam, certamente, despachado nenhum Milcíades na grande vila tranquila que dormita a algumas centenas de metros da planície pantanosa, onde apenas um túmulo discreto lembra que há 2.500 anos 192 hoplitas atenienses pagaram com sua vida a derrota da frota persa, salvando sem dúvida o helenismo.

A preparação do referendo de domingo não provocou em Maratona nenhuma efervescência particular. Alguns discursos, apenas, foram pronunciados nestas últimas semanas. Algumas dezenas de cartazes azuis começando por um *nai* ("sim") imperativo e sem concorrência vieram se juntar aos quadros que simbolizam

a revolução de "21 abril 1967" por um soldado, de arma em punho, renascendo das asas de um fênix em cinzas. Algumas faixas de propaganda proclamavam também, sem espírito de contradição, "Viva o Exército!" e "Pela democracia grega" recomendando "um grande sim".

De manhã, cada um votou com disciplina ou resignação. As mulheres, de negro, voltaram para suas casas, e os homens foram beber o *ouzo* nas varandas brancas e sombreadas das tavernas. A sexta foi longa e, no fim da tarde, escutou no rádio sem surpresa os primeiros resultados do escrutínio.

E, como em qualquer domingo, a alguns passos de lá, depois de ter votado na capital de manhã, milhares de atenienses vieram passar o dia na praia de Maratona.

Chegando em veículos repletos de víveres, de cadeiras e de mesas, sobrecarregados de passageiros, eles se instalaram sob os pinheiros e farnesiras, para se proteger do sol, e

todos se banharam, dos mais jovens às velhas de vestido negro. Ao longo dos antigos pântanos os jovens atenienses se entregaram ao seu esporte favorito: uma espécie de tênis sem rede jogado com grossas raquetes de madeira; e durante todo o dia, na bala de areia fina, que forma uma meia-lua de mais de 10 quilômetros, se ouvia no ar o som do *sirtaki*. O povo de Atenas prefere essa praia, não por seu passado histórico e nem para nadar sobre os vasos persas afundados a alguns metros da costa, mas porque aqui ele se sente mais "em sua casa", longe das hordas de turistas cosmopolitas de Glyssada ou de Douliagneni.

E antes que a praia de Maratona, desde segunda-feira de manhã, reencontre por uma semana sua solidão grandiosa, Giorgione, que dirige modestamente uma taverna de peixes, constata com uma sabedoria inocente que um domingo como os outros acabava de terminar. (André Passeron.)

O descolorido Papadopoulos

Mesmo a cartola e o fraque das cerimônias oficiais não podem dar relevo a este chefe de Estado apagado por natureza e por gosto, de fisionomia bochechuda e infantil ornada por um pequeno bigode, de aparência falsamente insignificante e furtiva de um agente comercial. Na televisão, afogado na enorme cátedra onde se sentam os altos personagens, grossos óculos sobre o nariz redondo, é um ator deplorável: ele recita seu texto com uma voz aguda e monótona que desencoraja a atenção.

Suas qualidades são outras. Nascido em 1919 em Eleftherion, um recanto calmo do Peloponeso que deu à Grécia sobretudo advogados e políticos, filho de um professor, o sr. Papadopoulos, como tantas outras crianças pobres, entrou para a escola de cadetes. Entretanto ele não tinha o gosto do militar de vocação pelos golpes a dar e a receber. Sua carreira o conduziria, depois de uma primeira campanha sem brilho, em 1940, contra o invasor italiano, seguida da guerra civil como chefe de bateria, até o retrato discreto de um oficial superior, se o Exército não tivesse descoberto seu gênio em uma especialidade bem precisa: os serviços especiais.

Segundo uma bibliografia oficial de poucas linhas, a única que lhe foi consagrada, Papadopoulos, durante a ocupação alemã, "agrupou as unidades da Resistência". Seus inimigos sempre o desafiaram a ser preciso.

Sabe-se, por outro lado, que ele deixou seu corpo de origem, a artilharia, para se tornar chefe de agrupamento do primeiro Exército, depois do Estado-Maior geral.

Aqui, rapidamente, sua inteligência aguda, seu gosto pela conspiração e pelo mistério, sua extraordinária capacidade de trabalho, farão maravilhas. Ele pertence ao KYP, serviço secreto que conjuga as funções da DST, da SDECE e das Informações Gerais na França. Teria, como se afirma frequentemente, a CIA o utilizado?

Em 1965, ele aparece por ocasião de uma "sabotagem" cometida em sua unidade e que tem ares de uma provocação. Ele se consagra a um "comitê para o estudo dos problemas comunistas". Ele joga friamente a partida de xadrez onde são manobrados agentes duvidosos e indicadores de todas as cores.

Depois do golpe de Estado, este Fouché balcânico teria podido colocar seu talento a serviço de um Napoleão. Porém, no pequeno grupo do 21 de

abril, ele é de longe o mais brilhante. Sua força suprema: ele não tem amigos e confia de bom grado que ele desconfla mesmo de seu espelho. Seu gosto pelas tramas e pelas intrigas, seu desejo de manobrar os fios de marionetes humanas, sua raiva do poder farão dele o chefe. Inicialmente ele aceita um modesto Secretariado de Estado, depois torna-se primeiro-ministro com o revés real de 13 de dezembro de 1967. Ele é regente em 21 de março de 1972. Finalmente, presidente da República.

Chefe de um regime autoritário, ele não tem nada que lembre o cargo de ditador: nem o gênio feroz de Hitler, nem a vaidade auto-suficiente de Mussolini, nem o ascetismo de Salazar, nem o fervor desapiedado de Mustafa Kemal, no poder absoluto temperado pela luta de facções. Ele hesita entre o desejo de ser temido e a vontade de ser aceito. Quando surgem dificuldades a resolver, ele toma o ar contrito de um liberal pressionado por elementos excitados. Quando apressado, ele se esconde. Ele se destaca na arte de neutralizar um pelo outro, de jogar alternativamente com a firmeza real e a falsa flexibilidade. Se for preciso, ele entrega as rédeas para melhor retomá-las depois.

Sua ideologia é confusa. Desde que escolheu para si um destino nacional, ele leu: Aristóteles, Platão, Lênin, Mao, Salazar, De Gaulle. Dessa leitura ele reteve apenas as receitas para manter o poder. Seus discursos revelam seu empirismo. Em 8 de janeiro de 1972 ele observava somente que no final das contas "há sempre alguém que, por natureza ou pela personalidade que a sociedade lhe permitiu desenvolver, tem uma posição particular, a posição do chefe que deve ajudar seus semelhantes a adotar uma atitude correta". É um defensor da união sagrada, "pois não devemos esquecer que nós somos combatentes da pátria e que partindo para o *front* nós damos a todos nosso adeus como se estivéssemos certos de tombar no campo de honra".

Além desse *pathos* se desenha o perfil do sonho eterno de um consenso sem direita nem esquerda, próprio dos militares que não gostam de defender uma nação dividida. Georges Papadopoulos nada tem de um teórico, menos ainda de um doutrinário. Ele tem, ele também, uma "certa idéia" de seu país e de sua missão. Ele quer ser, como ele mesmo afirma, "o presidente de todos os gregos". Esta é a única quimera que ronda este realista.

DAYAN QUER INSTITUCIONALIZAR A OCUPAÇÃO DAS TERRAS ÁRABES

Divergências em Israel

Andre Scemama

O sétimo parlamento israelense (Knesset) terminou no dia 25 de julho os quatro anos de sua legislatura. Golda Meir apresentou um balanço que foi uma espécie de aprovação concedida a um parlamento onde seu próprio partido (trabalhista) exerceu uma influência predominante. O discurso de Golda Meir foi também um esboço das linhas gerais de ação que, ela não duvida, será ainda levada adiante, depois das eleições, pelo seu partido e seu aliado, o MAPAM (socialista de esquerda), com o qual forma uma frente comum chamada de Maarakh. Desse modo foi dado início à campanha pela consulta popular do próximo outono que permitirá designar os 120 deputados do oitavo Knesset.

Esta campanha de fato já está asperamente desencadeada no interior dos partidos políticos, que devem organizar suas listas de candidatos e designar os que serão colocados no rol dos inelegíveis.

Nos comitês e nos clubes, portanto, há algumas semanas se desenvolve uma luta que, aliás, não chegou a interessar o grande público. Mas

repentinamente, apareceu em cena o general Dayan. O partido trabalhista endereçou um ultimato, publicado em vários jornais, impressionado pela ameaça do ministro da Defesa de retirar seu nome de uma lista de importantes personalidades (Sapir e Eban, ministros das Finanças e das Relações Exteriores) entre as quais estavam alguns que consideravam a presença israelense nos territórios ocupados como provisória. No entanto, ainda recentemente, o mesmo general Dayan rejeitava com vigor qualquer idéia de cisão e afirmava sua fidelidade ao partido trabalhista.

Então, por que este ultimato? No dia 26, Sapir e Eban tiveram oportunidade, durante uma reunião de ministros trabalhistas e de secretários do partido, de definir, uma vez mais, sua firme oposição às propostas do general Dayan. Os campos serão portanto claramente delimitados e a Golda Meir caberá a tarefa de encontrar um compromisso ao qual ela dará todo o peso de sua autoridade.

Em suma, as divergências que separam os adversários não parecem

absolutamente insuperáveis. Se o general Dayan quer que a ocupação se coloque na linha que conduz à anexação de uma grande parte dos territórios ocupados, Sapir, Eban e outros membros influentes do partido não se opõem a essas práticas, mas querem evitar, limitando a amplitude, que não se criem situações irreversíveis. Eles preconizam, de algum modo, uma "seleção" na criação dos fatos consumados, sem se opor ao seu princípio. É por isso que recusam a criação de uma grande cidade entre Gaza e El Ariche, na costa mediterrânea do Sinai, mas não vêem nenhum inconveniente na instalação de estabelecimentos israelenses, agrícolas e outros, além da "linha verde" (a linha do armistício de 1948 a 1967).

Há condições para se pensar que Golda Meir não terá grandes dificuldades para convencer seu muito popular ministro da Defesa em constar

num lugar destacado na lista, mesmo tendo como vizinhos homens como Sapir e Eban. Só para citar um exemplo recente, Sapir e Eban rejeitaram seu pedido para autorizar israelenses a comprar, a título privado, terrenos nos territórios ocupados (mas, em troca, admitiram que estas terras sejam adquiridas por um órgão nacional). Assim é que o Keren Kayemeth LeIsrael, fundo criado com o movimento sionista para a compra de terras na Palestina, acaba de anunciar que se tornou o comprador de numerosos terrenos nos territórios ocupados, principalmente na Cisjordânia.

Por que reagir?

No dia 24 de julho, foi anunciado que 100 mil libras tinham sido pagas às tribos beduínas em troca dos palmeirais que eles exploravam, sem serem os proprietários, em Dahab-el-Kueiba, a meio caminho entre Eilat e Charm-el-Cheikh. Estes palmeirais vão ser transformados em estabelecimentos agrícolas e turísticos, que permitirão o desenvolvimento de pequenas

instalações israelenses que já existem. Enfim, mesmo o MAPAM (socialista de esquerda) dá mais um passo no sentido desejado pelo general Dayan. O movimento da juventude deste partido, o Hashomer Hatsair, acaba de anunciar sua intenção de criar seu primeiro *kibutz* nas colinas do Golan sírio.

Todos estes fatos, o ministro da Defesa os despreza e mais ainda despreza o ponto de que ele é a causa da maior parte deles. Então, por que sentiu a necessidade de reagir? Para alguns, seu objetivo seria somente aproveitar-se da proximidade das eleições para favorecer sua vantagem no plano dos fatos consumados nos territórios ocupados. Mas, de uma maneira geral, pensa-se que ele não conseguirá a inclusão no programa do partido de uma afirmação precisa sobre territórios e que se contentará, como sucedeu nas eleições precedentes, depois de um ultimato parecido, com a "lei oral" que fixa, paralelamente ao programa escrito, a conduta a seguir além do "sinal verde".

O Japão em busca de uma política externa

O sr. Tanaka, primeiro-ministro japonês, começou a grande viagem diplomática que o manterá ocupado até o outono: inicialmente Washington, onde ele chegou em 29 de julho, domingo, depois Londres, Paris e Bonn em setembro, enfim Moscou em outubro.

Este voo de "cume em cume" tem motivos em parte de política interna: revalorizar o prestígio declinante do *premier* e de seu gabinete junto à opinião pública nipônica.

Mas sua viagem obedeceu também a motivos diplomáticos poderosos. Ela mostra o Japão pronto a reconstruir sua política exterior em vista do pós-guerra fria. Alguns dizem que se trata mesmo de construir pela primeira vez uma política exterior, já que Tóquio, como satélite dos Estados Unidos, só mostrou até o presente uma política americana.

Mas Tanaka se interroga também sobre as consequências do encontro de cúpula Nixon-Brejnev de junho último, particularmente sobre a situação da Ásia.

Felizmente as querelas econômicas entre os dois países estão agora praticamente superadas, apesar de algumas exceções, como o problema irritante da soja. Sem maiores obstáculos previstos poder-se-á seguir as negociações sobre as questões correntes, tais como as liberações tarifárias e não tarifárias, a colaboração sobre as fontes energéticas (petróleo, urânio enriquecido, desenvolvimento siberiano), etc.

A urgência dos problemas da crise monetária, a perspectiva da reunião do GATT em Tóquio, etc., darão certamente importância aos debates sobre as trocas internacionais. Mas estes serão antes de mais nada debates entre *experts*. Tanaka e Nixon consagrarão uma boa parte de seu tempo — pode-se prever — a problemas mais elevados. Mais ainda que a Europa, a Ásia se encontra no fim de um período histórico. Qual será agora o novo equilíbrio asiático, depois do armistício concluído entre os Estados Unidos e os dois gigantes comunistas, a China e a URSS? Que pressagia para a Ásia o acordo Nixon-

Brejnev de fim de junho em Washington, e como ele se conjuga com a aproximação China-Estados Unidos? Qual será o papel do Japão no meio das combinações ou oposições desses três grandes vizinhos? E no Ocidente, frente à Europa e aos Estados Unidos, onde ele encontrará apoio ou oposições, e sobre que questões?

Para começar, esta aliança mesmo entre Japão e Estados Unidos que Tanaka precisa vir auscultar em Washington. Será que o tratado de segurança que está na base da aliança já não perdeu sua razão de ser militar, e talvez mesmo seu fundamento jurídico, do momento em que a oposição Estados Unidos-China e Estados Unidos-URSS praticamente terminou? A garantia nuclear americana ao Japão não está agora paralisaada pelo acordo Brejnev-Nixon sobre o não-emprego das bombas atômicas? Enfim Nixon mesmo não terá colocado em dúvida, para consternação de Tóquio, o caráter indispensável da aliança japonesa no seu relatório ao Congresso em maio último? Entretanto, para o governo japonês, resolvido a construir uma política independente, é absolutamente necessário que o tratado de segurança continue em vigor.

Admite-se sua evolução, mas não se quer sua deterioração. O tratado evolui porque seu valor militar diminui, mas seu valor político ainda é muito grande. Ele é um fator essencial para a estabilidade asiática e mesmo para a política interna japonesa. Ele é sobretudo o trunfo maior numa política nova que vai ao encontro da China e da Rússia. Só se sente forte diante desses dois colossos se se está apoiado pelos americanos.

Pode-se dizer que, pela primeira vez, um encontro de cúpula nipo-americana vai levar ao fundo o problema da existência e dos objetivos da aliança nipo-americana, já que os encontros precedentes só tocavam nos problemas passageiros de ações imediatas. No Ministério das Relações Exteriores de Tóquio desejaria-se mesmo que Tanaka pudesse obter de Nixon, no comunicado final, uma clara

Robert Guilloin

reconfirmação da aliança e de sua necessidade para as duas partes no contexto atual.

A primeira etapa da viagem de Tanaka, sua visita a Washington, tem um objetivo maior: preparar a última etapa, a mais difícil, a visita de outubro a Moscou. Há um ano Tanaka reatou relações com a China, brilhante e estrondosamente. Ele gostaria agora de fazer o mesmo com a URSS, para praticar uma política de "equidistância" entre seus dois vizinhos comunistas. Mais eis que Moscou se mostra muito mais inflexível que Pequim. O primeiro obstáculo no caminho do tratado de paz russo-japonês, ainda não concluído 27 anos depois da guerra, é a recusa categórica de Moscou, recentemente repetida, de devolver ao Japão as ilhas Kurilas do Sul que este reclama como uma condição *sine qua non* para qualquer reaproximação. Mas uma segunda dificuldade surgiu há pouco tempo: Moscou exerce uma pressão considerável para que o Japão aceite entrar numa discussão do "plano Brejnev" de segurança coletiva na Ásia.

No momento o Japão não quer fazer nada sobre essa questão, por várias razões. Primeiro porque, na sua opinião, este é na realidade um plano para cercar a China. Em seguida porque ele tornaria seus membros asiáticos meros satélites da URSS. Enfim, porque assinar o plano Brejnev significaria aceitar o *status quo* e as fronteiras nipo-russas existentes, abandonando toda reivindicação sobre as ilhas Kurilas.

Nesta situação, qual é a posição dos Estados Unidos? Ajudar o Japão a resolver a querela das Kurilas e assim caminhar na direção de um tratado com a URSS? Esta questão, da qual ninguém fala, está na realidade no pano de fundo da reunião Tanaka-Nixon. Ao contrário da Alemanha de Brandt, o Japão não aceitou

completamente suas fronteiras de 1945. Ele não quer um novo equilíbrio asiático fundado, como exige Brejnev, na aceitação do *status quo*. Conseguirá aí o apoio dos Estados Unidos?

A atitude americana não nos levaria a essa conclusão. O governo de Tóquio colocou recentemente para Washington, segundo as fontes de informação japonesas, a seguinte questão: qual é vossa posição sobre o plano Brejnev de segurança na Ásia? Dando-se crédito a essas mesmas fontes, Washington manteve silêncio. Pode-se encontrar uma resposta nos resultados do encontro Brejnev-Nixon de junho em Washington? De jeito nenhum: seu comunicado final, surpreendentemente, foi completamente mudo sobre todo o problema do novo equilíbrio na Ásia.

Donde o temor muito vivo de uma cumplicidade neste terreno entre Moscou e Washington. Pensar que Brejnev conseguiu "vender" seu plano a Nixon é sem dúvida ir longe demais. Mas o simples fato de que o presidente americano não se oponha ao plano já seria suficiente para inquietar fortemente Tóquio e para dar um sentido preciso à hipótese de um "novo Yalta asiático".

Uma "Helsínqui asiática"?

Tanaka tentará decifrar um outro enigma muito recente, a saber o relançamento súbito e surpreendente por Washington do "plano Tanaka" apresentado em janeiro último para uma conferência de países da Ásia e do Pacífico. A idéia, adiantada no contexto da regulamentação indochinesa e colocada sobre o terreno da ajuda econômica, havia calado por terra. Eis que ela foi ressuscitada outro dia, na conferência econômica nipo-americana de Tóquio, pelo sr. Rogers. Mas, ao mesmo tempo, ela foi completamente modificada, tendo sido apresentada pelo secretário de Estado americano como uma proposição da conferência sobre a segurança asiática. Curiosamente, Rogers indicou — sem o dizer claramente — que a recente conferência europeia de Helsínqui podia bem dar uma idéia de uma

espécie de "Helsínqui asiática", onde seriam desenvolvidos os princípios e mecanismos que permitiriam desenvolver a paz, a colaboração e a expansão na região.

Esta iniciativa esconderia uma adequação de Nixon e Kissinger às objeções de Leonid Brejnev? Seria ela ao contrário um "contraplano"? Tóquio gostaria mais disso. Mas o objetivo poderia ser, empurrando Tanaka na frente como padrinho desse plano, forçar o Japão a assumir um papel mais ativo, principalmente no plano militar, para a manutenção da segurança asiática. Mas Tóquio não está disposto a isso.

Há enfim um outro "mistério Kissinger" a esclarecer, relativo à proposição da "nova carta atlântica", para a qual o Japão está convidado a participar. Tóquio acabou aceitando em princípio dar sua colaboração. Mas não deseja se orientar na direção de um estreitamento das relações triangulares com a Europa e a América, e sobretudo se ver recebendo imposições de obrigações militares.

Em definitivo, os problemas da segurança asiática e mundial sobrepujarão os outros no encontro Tanaka-Nixon, mesmo se eles não estão claramente inscritos na ordem do dia nem forem mencionados no comunicado a vir. Neste terreno, se a manutenção da aliança americana parece indispensável ao Japão e se voltou a cordialidade nas suas relações com Washington, ele está longe de ter reencontrado uma perfeita confiança neste aliado, que o pressionou tão duramente nesses dois anos. Sua prudência na busca de uma nova política é muito marcada, dando frequentemente a impressão de uma grande timidez. Além disso, o Japão tem poucos trunfos na mão, pouca experiência no jogo, novo para ele, da grande política mundial. Ele tem enfim mais questões e requisições a apresentar, para as quais ele não tem respostas a fornecer ou iniciativas a botar em andamento. Seu consolo: o Japão o encontra na sua potência econômica, mas ele descobre ao mesmo tempo que ela está longe de resolver todos os seus problemas.

A China e a diplomacia da URSS

Os ataques anti-soviéticos de Chou En-lai, no último dia 28, soaram como uma fanfarra. O primeiro-ministro começou afirmando, com satisfação, que a política das superpotências tem a oposição resoluta de um número crescente de países, principalmente do Terceiro Mundo. Mas não ficou só nisso. "Todo o mundo — prosseguiu Chou — pode se dar conta hoje de que uma superpotência (a América) condena o desejo de suplantá-la, estende por parte seus tentáculos, infiltra-se aonde pode, faz continuamente intervenções e pratica a subversão contra outros países; e mais ainda, participa de maneira flagrante no desmembramento de Estados soberanos. Sua face expansionista se revela a cada instante".

Mais uma palavra e a delegação soviética saiu da sala. A assistência, surpresa, se interrogava. Por que denunciar Moscou diante dos congolezes — o chefe de Estado Marien Ngouabi e sua delegação — para quem o imperialismo tem uma face muito mais europeia? Quais países Chou En-lai tinha em mente, se não se tratava do Congo?

Todo mundo, é claro, pensava no Afeganistão. O general Mohamed Daud, o novo chefe de Estado, seria o homem dos soviéticos, e suas reivindicações em prol da unidade do Paquistão teriam por objeto favorecer um novo desmembramento do Paquistão? Aos olhos dos chineses, portanto, se trataria, para falar claramente, de um "golpe dos russos".

No dia 29, os chineses manifestaram seu descontentamento no *Diário do Povo* ressaltando que eles reconheciam a República a "pedido do novo governo afegão".

Mas a inquietação chinesa se deve inteiramente aos soviéticos, que no seu entender executam uma diabólica política de subversão e de chantagem. Há pouco tempo viam por toda parte a mão da CIA, e agora, das ilhas Kurilas ao Mar Vermelho, como que tomados por uma obsessão, os chineses vêm a mão de Moscou.

O Kremlin não apóia no oeste da Pérsia movimentos secessionistas pró-iraquianos? Ao leste do mesmo país não apóia a formação de uma República balutche composta também de fragmentos do Paquistão? O tratado soviético-iraquiano não foi precedido de alguns meses do desencadeamento da tensão com o Kuwait, da mesma forma como o tratado soviético-hindu de 1971 anunciou aos olhos dos chineses a guerra indo-paquistanesa?

Neste mesmo dia 29, o *Diário do Povo* reproduziu de bom grado as declarações do rei do Nepal, Birendra, que em 26 de julho apelou a seus compatriotas para se prepararem para defender a soberania nacional e a independência contra as tentativas dos colonialistas de um país não citado, mas que só podia ser a Índia. Para Pequim, a formação de Bangladesh, a presença da frota russa em Chittagong, e o controle da administração do Sikkim por Nova Délhi mostram o que pode realizar a Índia com a ajuda e os conselhos de

Alain Bouc

Moscou.

Passemos rapidamente sobre os esforços empreendidos mais ao sul e que Pequim considera como tentativas de cerco. Por que a Índia construiu bases nas ilhas Andaman, senão para oferecê-las à União Soviética e permitir-lhe controlar o Oceano Índico e o estreito de Malaca? Por este estreito, a União Soviética faz a junção com o Extremo Oriente e sua marinha tenta penetrar progressivamente ao norte. E a China se sente mais diretamente envolvida.

No Camboja, murmuram, os russos poderiam muito bem querer uma partilha que levasse em conta "a realidade", e lhes permitisse continuar a desempenhar um papel semelhante ao que tem no Vietnã e no Laos divididos. Na Coreia, Moscou se acomodaria a uma divisão permanente da península, de modo que Pyongyang continuasse num estado de dependência econômica.

Laços entre Moscou e Formosa?

Ainda que não digam nada, os chineses parecem desconfiar mais ainda da divisão de seu próprio território. Vejamos as questões marítimas e esqueçamos as questões relacionadas com as questões fronteiriças (Sinkiang e Mongólia, por

exemplo).

Os chineses, ou pelo menos uma parte deles, pensam simplesmente que a União Soviética mete a mão em Formosa. Durante anos, a VII Frota americana dominou o estreito, e nenhum país ousou enviar para lá seus barcos de guerra. O aparecimento, em 12 de maio último, de alguns destróieres, contratorpedeiros de escolta e submarinos soviéticos ao largo da costa chinesa de Fukien (defronte a Formosa) marca uma mudança e anuncia talvez como no Mediterrâneo uma tensão constante e a vigilância recíproca das marinhas dos dois supergrandes. Mas os chineses descobrem ao mesmo tempo, e não sem emoção, que a questão de Formosa está longe de ser resolvida e parece bem mais complexa do que eles pensavam.

É verdade que eles obtiveram em suas discussões com os dirigentes americanos a promessa de uma ruptura, mais cedo ou mais tarde, das relações diplomáticas entre Washington e Taipé. Eles nada pediram um do outro em troca, mas os chineses agora começam a achar que isso não é suficiente. A União Soviética, na verdade, está em cena. Ela não teve em nenhum instante a oportunidade de penetrar em Formosa. Mas tudo leva a crer que um dia Washington reconhecerá Pequim. Taipé será então privada de seu tutor e aliado principal: os Estados Unidos. Estes, por sua vez, não renovarão, provavelmente, a aliança militar. Que farão então os dirigentes nacionalistas,

quando o velho generalíssimo Chiang-Kai-chek não estiver mais lá para manter o sonho da unidade chinesa? Não seriam tentados a procurar entre os soviéticos uma nova proteção como garantias comerciais, para sobreviver por meio de uma economia completamente voltada para o exterior? O fato de que muitos habitantes de Formosa façam do comunismo continental a imagem de um espantoso talvez fosse favorável a Moscou. Se a marinha soviética obtivesse do Japão a livre passagem pelo estreito de Tsurumi, entre a Coreia e o arquipélago nipônico, ela poderia manter vivo o regime de Formosa. Graças ao acesso a algumas bases navais que permitissem intensificar a pressão sobre o continente, Moscou poderia, se fosse o caso, utilizar os restos de um partido comunista pró-soviético de Formosa para fazer com que os dirigentes nacionalistas formassem uma frente comum.

A revista mensal *Mingbao*, de Hongkong, conservadora e geralmente bem informada, formulou, em julho, uma audaciosa hipótese. Ele acha que a cooperação entre Taipé e Moscou já é uma realidade. Segundo a revista, na verdade, os imprevistos da navegação no estreito, a necessidade de não se chocar com navios dos Estados Unidos, tornam indispensável para os soviéticos conhecer antecipadamente os movimentos dos navios americanos. O

continua na página ao lado

"A CONFERÊNCIA DOS CHANCELERES EM HELSINKI"

A Europa em liberdade vigiada

Seria difícil negar que os ministros das Relações Exteriores de 33 países europeus, dos EUA e do Canadá, reunidos em Helsinque, de 3 a 7 de julho, tenham atingido seus objetivos.

Eles aprovaram as recomendações finais das conferências de Helsinque (22 de novembro de 1972 — 7 de junho de 1973) e fixaram a data de abertura da segunda fase da conferência, durante a qual comissões elaborarão, à base destas recomendações, as decisões definitivas. Na ocasião, ficou patente que todos os participantes da CSCE (Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa), por mais desconfiados e céticos que sejam alguns dentre eles, não estão de modo algum tentados a retornar aos tempos da guerra fria; acreditam ser não só possível como indispensável a procura conjunta dos meios de reforçar a segurança na Europa, principalmente através de uma melhor cooperação entre seus membros do oeste. Os representantes dos 35 países deram o sinal verde para este objetivo, e sua decisão unânime constituiu um fato extremamente novo e encorajador.

No entanto, subsistem desconfianças profundas. Os ministros dos países ocidentais permanecem na defensiva. É surpreendente, neste caso, que a maioria deles, durante os debates de Helsinque, tenha exposto opiniões e expressado reservas que davam a impressão de que seus governos retornavam às suas posições iniciais. É bem verdade que aprovaram as recomendações por unanimidade, e que após qualquer acordo os parceiros se esforçam sempre por fazer prevalecer a interpretação que lhes é mais favorável.

O medo de ser enganado

No entanto, os ministros ocidentais se opuseram à tentativa dos soviéticos de dar maior repercussão à conferência. Acharam que não era o caso de se fazer estardalhaço antes que as negociações da segunda fase, a das comissões, tivessem conduzido a acordos concretos. Sua prudência é explicável. Para responder à aspiração geral dos povos europeus, que esperam uma melhora constante do clima entre leste e oeste, eles estão prontos — se bem que seria melhor dizer resignados,

no caso de alguns dentre eles — a aceitar toda a série de princípios que conduzirão a congelar a situação territorial e política na Europa. É o que deseja a URSS; assim, sua zona de influência estará reconhecida e consolidada no seio de uma Europa cuja divisão será desta maneira juridicamente consagrada. Em compensação, os ocidentais não estão a fim de serem tapados e querem obter compensações precisas.

Foi o que disse muito claramente em Helsinque o ministro das Relações Exteriores britânico, Alec Douglas-Home: "Os princípios não têm valor se não são postos em prática... A primeira cesta (segurança) estará vazia, a menos que a terceira (intercâmbios culturais e contatos humanos) contenha muitos ovos". E acrescentou depois: "Durante esta primeira fase, nossa tarefa foi, de certa maneira, simples. Consistiu em preparar o terreno. A segunda fase é capital. Será consagrada à execução. E ela que contará, e é baseada nela que seremos julgados. Precisamos nos assegurar da obtenção de resultados e nos pormos a trabalhar sem demora".

Ora, justamente em todos os setores as perspectivas de negociação aparecem incertas e limitadas. Alguns insistem que, mesmo quanto à cooperação econômica, as possibilidades de desenvolvimento serão reduzidas enquanto as estruturas econômicas dos países do leste e do oeste permanecerem tão radicalmente diferentes. Em todo caso, os Nove do Mercado Comum Europeu não admitirão que este desenvolvimento possa comprometer a organização, como suspeitam que a URSS esteja querendo.

No que se refere à cooperação cultural, à troca de informações e aos contatos humanos, que interessam muito particularmente aos ocidentais — a ponto desta questão constituir seu cavalo de batalha na negociação — mas que interessam também aos povos dos países da Europa Oriental, sentiu-se em Helsinque que os governos do leste não estavam decididos a ir muito longe. Compreende-se, portanto, que muito recentemente o representante permanente dos Estados Unidos na OTAN, Rumsfeld, falando diante da comissão de relações exteriores da Câmara de Representantes Americana contra qualquer redução unilateral das

Jean Schwobel

forças americanas na Europa, tenha evocado a eventualidade de um fracasso das negociações em curso em Helsinque.

Serão os países ocidentais — sem mesmo falar da Grécia, da Espanha e de Portugal — serão eles sempre os campeões irreprensíveis e sinceros de uma verdadeira liberalização dos intercâmbios culturais? Garantem eles de maneira tão melhor os direitos do homem, ao menos no que concerne às pessoas mais humildes? No leste, o poder tem meios de submeter tudo à razão de Estado, e aos interesses do partido. No oeste, em compensação, a busca do lucro é a lei suprema.

"Uma embalagem dourada"

Quanto à segurança da Europa, podemos nos questionar sobre a eficácia real da conferência: ela irá lembrar, é verdade, os grandes princípios que já estão inscritos na Carta das Nações Unidas, mas as grandes potências excluíram da discussão os aspectos militares que são, contudo, fundamentais. Com isto a CSCE fica desvalorizada. As pequenas e médias potências percebem agora que a conferência, que lhes foi proposta pelos soviéticos e a qual os americanos finalmente deram o sinal verde após várias convocações bilaterais com os dirigentes do Kremlin, só tem por objetivo, na realidade, a procura a longo termo de uma melhoria da cooperação intereuropeia e da estabilização das fronteiras, a fim de que a Europa, transformada numa ilha de paz, não seja mais para os Supergrandes uma preocupação nem uma causa de afrontação. Quanto ao resto, isto é, quanto ao essencial, pede-se que a conferência não tome conhecimento... E sobretudo que ela não se meta com a questão da corrida armamentista, que é, no entanto, assustadora! Por um lado, ela compromete a independência de vários Estados europeus, obrigando-os a aceitar ou mesmo a procurar uma proteção; por outro, ela freia seu desenvolvimento na medida em que

estes armamentos constituem um desperdício colossal de recursos.

O *New York Times* constatava logo após a conferência: "As verdadeiras questões relativas à segurança europeia não são discutidas em Helsinque... A conferência sobre a segurança europeia fornecerá no máximo a embalagem dourada para o degelo que as duas superpotências legarão ou não às gerações futuras".

É bem verdade que em Helsinque, mesmo quando foi questão decidir se a Argélia e a Tunísia poderiam defender diante da conferência seu ponto de vista, segundo o qual a segurança da Europa está estreitamente ligada a do Mediterrâneo, os países europeus mediterrâneos se chocaram com a oposição obstinada da União Soviética e dos Estados Unidos.

Dal um certo desencanto entre os membros da conferência — pelo menos de um grande número dentre eles — menos seguros depois do encontro Brejnev-Nixon, que se possa esperar, num futuro próximo, resultados decisivos de uma conferência no fim das contas muito marginal quanto aos grandes problemas do equilíbrio mundial de forças.

Dal também o arrependimento da França não ter reagido mais contra esta situação, e que ela se tenha limitado a fazer o papel de Cassandra, através de seu representante, Michel Jobert, dando a impressão de lavar as mãos quanto ao que possa doravante resultar desta conferência por demais controlada pelos Grandes. Muitos países lhe são reconhecidos, é verdade, por lembrar continuamente que cada país deve primeiro contar consigo mesmo para assegurar sua própria segurança e recusar que as condições sejam fixadas de fora. Mas eles lhe censuram não ter indicado claramente o caminho a seguir para escapar ao predomínio dos Grandes, e colocar as bases de uma segurança verdadeiramente europeia. No entanto, em seu primeiro discurso na Assembleia Nacional, em 20 de junho último, o ministro francês das Relações Exteriores declarou claramente: "Não sei se o ano de 1973 será o ano da Europa, mas estou certo de que durante 1973 o problema da defesa do continente estará no fundo de todas as discussões que se realizarão na Europa ou fora dela, e é possível que ele passe

para o primeiro plano".

Evocando esta declaração, vários delegados de Helsinque manifestaram em particular que desejariam que a França fosse mais explícita, e que ao invés de se retirar da arena de maneira um tanto altiva, pedindo apenas aos seus parceiros que "meditem" sobre a situação, utilizasse seus meios e sua influência, que permanece considerável, para mobilizar as energias e reunir boas-vontades em favor de uma organização mais democrática da Europa, que permita resistir-se melhor à pesada pressão dos dois Supergrandes, através de sua crescente cooperação. Por comparação, Scheel, ministro das Relações Exteriores da República Federal Alemã, foi considerado muito mais positivo. Mostrou-se o mais empreendedor dos ocidentais, o que aliado à frequência e à cordialidade dos contatos que manteve com seu colega da Alemanha Oriental, Winzer, não deixou de suscitar algumas preocupações.

Na verdade, a conferência de Helsinque deixou muito a desejar. No entanto, os mesmos que mais lastimam a falta de fé e de entusiasmo da conferência se felicitam com o passo para frente que ela constitui com relação a um passado recente de guerra fria, e com as promessas de ampliação da cooperação que ela contém apesar de tudo. Neste campo, ela traz esperanças a países como a Romênia. Apesar de sua decepção, as pequenas potências apreciam a possibilidade que lhes dá CSCE de se expressar sobre questões europeias, mesmo de se fazer escutar um dia talvez pelos Supergrandes.

Além disso, esta conferência permitiu ao representante da Santa Sé lembrar a primazia dos valores morais. "Apesar de que", disse monsenhor Casaroli, "os homens políticos ocupados com problemas de ordem prática tenham provavelmente alguma dificuldade em admiti-lo". Ele lembrou que "a segurança que repousa exclusivamente sobre o equilíbrio do terror não é nem suficiente nem segura", e que "qualquer paz que não se fundamente na justiça e a contradição não será jamais uma paz verdadeira e durável". Palavras como estas despertam hoje certamente ressonância.

continuação da página ao lado

exame minucioso do emprego de tempo do embaixador nacionalista em Washington, os silêncios ou reservas de Taipé, para anunciar as notícias, poderiam confirmar esta hipótese. Todo mundo sabe que a marinha soviética — a mais bem equipada do mundo — começa a cruzar o Mar da China e a inspecionar a distância as costas do continente. Isto não é feito, certamente, para apaziguar os chineses, que ao mesmo tempo devem guardar as fronteiras continentais do norte e as fronteiras do mar oriental. A marinha chinesa é, aliás, o ponto fraco de sua defesa nacional.

Isto pode contribuir para explicar a força dos ataques anti-soviéticos de Pequim. Mas é evidente também que esta linguagem mais forte não se deve somente a simples considerações de defesa nacional. Uma discussão com as personalidades chinesas mostra que sua inquietação nasce sobretudo da indiferença com a qual os povos — não os governos — consideram o perigo soviético, tanto na Europa como na Ásia. Eles acham que os povos e os partidos de esquerda são muito superficiais no exame das questões internacionais. E vêm por toda parte, especialmente onde os partidos comunistas são fortes, riscos de subversão e de capitulação em caso de crise internacional. A este respeito, os chineses acham que a política de defesa da França é ainda a mais razoável, com sua pequena bomba cara e sua obstinação, malgrado as críticas.

"MAO É O FUNDADOR E O COMANDANTE"

As forças armadas chinesas

Quem comanda o Exército chinês? A resposta foi dada, como no ano passado, pelo marechal Yeh Chien-ying, durante a recepção dada a 31 de julho para comemorar a fundação do Exército de Libertação. "O presidente Mao é o fundador e comandante" das tropas. Não se trata mais, como no tempo em que Lin Piao era ministro da Defesa, de fazer uma diferença entre o fundador e o comandante, ou entre o "guia" e o "comandante direto". O poder militar supremo encontra-se nas mãos do presidente do Comitê Central. O *Diário do Povo*, jornal impresso em letras vermelhas, ocupou quase toda a primeira página de uma de suas últimas edições com uma fotografia do chefe do partido com uniforme militar.

A recepção tradicional do dia 31 de julho teve um interesse particular, dada a proximidade de acontecimentos "importantes" mas não precisos: reunião da Assembleia Nacional, congresso do partido ou sessão do comitê central que deverão tratar da normalização da vida política. A saída de Lin Piao e seus partidários havia criado um vácuo no Ministério da Defesa e no Estado-Maior. No entanto, seu substituto já foi encontrado e talvez já tenha, inclusive, sido nomeado. Na grande sala de banquetes da

Assembleia encontravam-se, na semana passada, três vice-ministros da Defesa — Hsiao Ching-kuang, Li Yu e Wang Shusheng (o quarto, Hsu Shi-you, parece nunca deixar seu posto em Nanquim) e cinco chefes adjuntos do Estado-Maior, Chang Tsai-chien, Xiang Chong-hua, Peng Shao-hui, Li Ta e Wang Hsing-ting.

Na China Popular, no entanto, o Ministério da Defesa não desempenha senão um papel subordinado. O órgão supremo e que de 40 anos para cá impõe suas diretrizes às tropas é a Comissão Militar do Comitê Central que se encontra na escala hierárquica imediatamente depois do *bureau* político. Nessa Comissão encontravam-se três de seus vice-presidentes, todos provenientes da época heroica: os marechais Yen Chien-ying, Hsu Hsiang-chien e Miao Jong-chen. Os 86 anos do quarto vice-presidente, o marechal Chu Teh, impediram que o mesmo participasse dos banquetes. Quanto ao presidente da Comissão, não era nada mais nada menos que Mao Tsé-tung.

No decorrer de décadas, tendo passado por dificuldades e crises, a Comissão manteve seu poder de decisão sobre o conjunto do dispositivo de defesa nacional, estabelecendo a

política militar, decidindo sobre a movimentação de pessoas e sobre a organização das unidades. O presidente da Comissão e chefe do partido tem, evidentemente, o poder total de comando.

O Exército volta à caserna

A festa do Exército, a 1.º de agosto, propiciou a ocasião para enfatizar fortemente alguns princípios intangíveis. O Exército permanece como "o pilar principal da ditadura do proletariado", mas obedece ao partido. Por outro lado, ele deve se unir ao povo, tirando do mesmo seu modelo. Durante os três anos de suspensão das atividades do partido — de 1966 a 1968 — o Exército tomou seu lugar. No entanto, depois disso seu papel diminuiu, principalmente no plano político e administrativo.

Atualmente o que se exige do Exército é que intensifique o treinamento, que aprofunde um pouco seus conhecimentos ideológicos e que melhore suas relações com o povo, principalmente no que se refere ao respeito da propriedade, direitos e honra dos civis, como nos tempos heróicos. A milícia substituiu, em toda parte, o Exército nos comitês

revolucionários das fábricas e das escolas. A propaganda política visa principalmente os sindicatos, as associações de camponeses pobres e as organizações do partido. As tarefas do soldado são, no momento, principalmente a ordem unida e as grandes manobras. Seu trabalho de ajuda aos civis não ocupa os soldados, senão cinco dias por ano, em média, de acordo com as informações dadas na imprensa a 31 de julho.

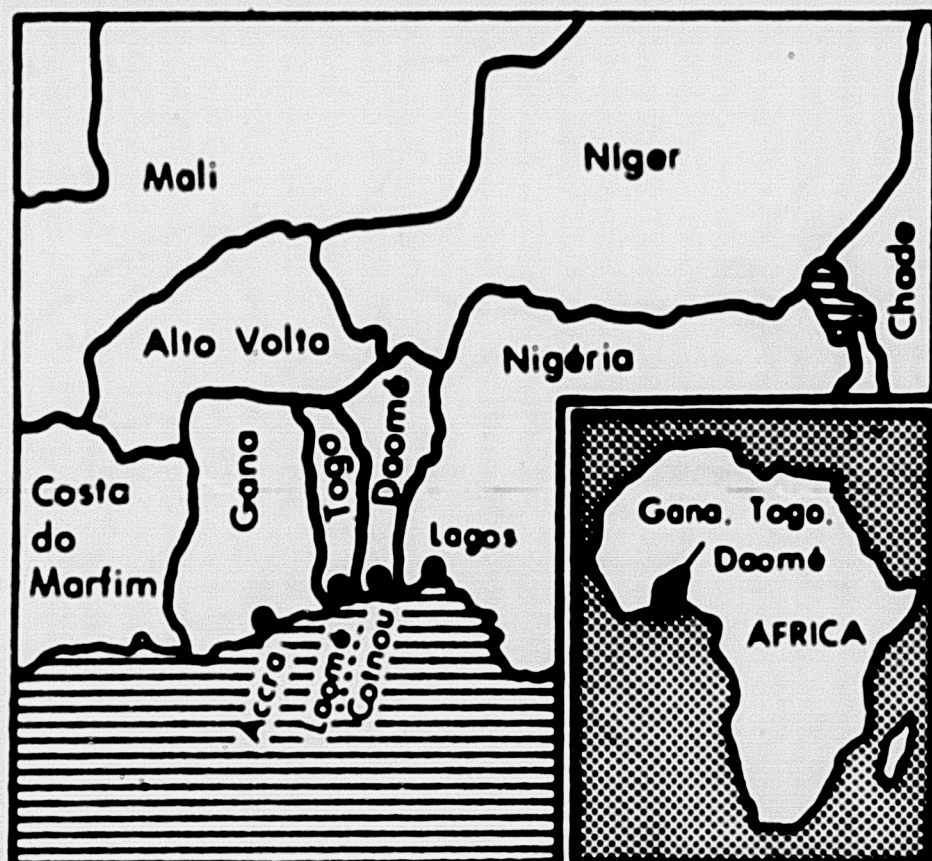
Tudo isso faz pensar numa próxima normalização das instituições.

Espera-se para breve uma reunião do Comitê Central onde se tomaria oficialmente uma posição sobre o caso Lin Piao — Chen Po-ta e que seria uma preparação para a convocação de um Congresso do Partido. Deram-se importantes encontros, e a vida administrativa se acelera como se os dirigentes estivessem preparando algo para o fim do mês de agosto.

Talvez toda essa agitação prenuncie a convocação da Assembleia para logo. Por outro lado, realizam-se por toda parte assembleias misteriosas que suspendem as atividades quotidianas. Quando Pômpidou for à China, no próximo mês, se terá, sem dúvida alguma, mais informações sobre o que se passa. (A.B.)

Os pretorianos do oeste da África

O enviado especial de Le Monde, Philippe Decraene, transmite suas impressões após uma viagem por Daomé, Togo e Gana, três dos quatorze países da África negra em que os militares detêm o poder. Apesar das semelhanças existentes entre os regimes desses três Estados, a situação econômica e política parece evoluir de forma sensivelmente diferente em Cotonou, Lomé e Acra.



I - Os conflitos do Daomé

Philippe Decraene

Entre os europeus de Cotonou (Daomé) a atmosfera é de desânimo. Depois de algumas horas passadas ali, pensa-se, guardadas as proporções, nas reações da colônia europeia de Tananarive depois do "maio malgaxe" de 1972. Ainda há pouco muito seguros de si, os expatriados dão hoje sinais de inquietação.

Um deles nos disse com amargura: "É um mau sinal. Já se começa a distinguir os franceses metropolitanos, considerados compreensivos, de seus compatriotas instalados no Daomé, a maior parte suspeitos. Conheci isto no Marrocos. É o prelúdio de uma separação mais brutal".

Os estrangeiros sabem que não estão mais "num país conquistado", mas as mentalidades não evoluíram suficientemente desde que o país alcançou a independência, há 13 anos.

A comissão de cobrança de impostos "passa o pente fino" na contabilidade das sociedades e nas declarações de impostos dos estrangeiros. Seus membros fizeram exigências, algumas delas consideradas arbitrárias pelos interessados e interpelações que, algumas vezes, pareciam atentas investigações. Eles também ameaçaram de prisão os recalcitrantes que não respeitassem a lei.

"Aqueles que não pagam nenhum imposto há vários anos têm a obrigação de encontrar um meio de aprender rapidamente o hábito de cumprir com suas obrigações para com o fisco", nos disse um funcionário do Daomé, cujo tom comprovava que a mudança observada depois do golpe de 26 de outubro último apenas se confirmava, depois das manifestações antifrancesas de fevereiro.

Datas básicas

Fértil de acontecimentos de toda natureza, a vida pública do Daomé, marcada por cinco substituições de constituição em 13 anos, cinco golpes militares bem sucedidos, 10 mudanças de presidentes, acaba de conhecer duas datas capitais: 26 de outubro de 1972 e 28 de fevereiro de 1973. É certo, porém, que a maior parte das pessoas que assistiram estes últimos acontecimentos em Cotonou não notou sua importância.

Em 26 de outubro, durante as grandes manobras do Exército, alguns carros blindados saíram de sua base em Ouidah para fazer exercícios em Porto Novo mudaram de itinerário.

Segundo pela praia, um dos orgulhos de Cotonou, eles forçaram a entrada do palácio presidencial, onde se reúne o Conselho de ministros. Depois de uma rápida troca de tiros, que não fez nenhuma vítima, o comandante do batalhão, Mathieu Kerekou, anunciou pelo rádio que o Exército exercia "até nova ordem a plenitude dos poderes reservados ao Estado do Daomé".

O conselho presidencial, composto de Justin Tomotin Ahomadegbe, presidente em exercício desde 1.º de maio de 1972, Souru Migan Apithy e Hubert-Maga, foi deposto.

Qualificado como "verdadeiro monstro" pelos golpistas, que o acusam de dar "todos os dias o espetáculo vergonhoso de sua carência congênita", o triunvirato, que reunia três dos homens dominantes da cena política no curso dos últimos 20 anos, não teria resistido mais de dois anos à prova do tempo — um recorde para um país em que um dos seus filhos, autor de uma obra renomada sobre o Daomé, notou com sarcasmo: "A democracia da unanimidade que os daomeanos sempre procuraram instaurar não se realizou nunca". (1)

Os acontecimentos em que Cotonou foi palco em 28 de fevereiro não contribuíram para acalmar os espíritos. Uma multidão de milhares de pessoas percorreu as principais artérias da cidade, insultou os europeus, atacou e pilhou as lojas, saqueou o centro cultural francês e ocupou a embaixada da França. Esta explosão de violência teve lugar por ocasião da entrega, pelos manifestantes, de uma moção de apoio ao presidente Kerekou que, algumas horas antes, tinha anunciado a descoberta de uma tentativa de um atentado contra a segurança do Estado, perpetrado pelo ex-presidente Alphonse Alley.

Ainda que o chefe de Estado haja imediatamente reagido e procurado minimizar a importância das desordens, as relações entre as duas

comunidades, branca e preta, foram gravemente afetadas. Depois de 28 de fevereiro, nada mais será "como antes", o que desperta um certo otimismo entre os jovens. Eles dizem: "Já era tempo que aquela situação terminasse. Enfim nós recuperamos nossa dignidade, nossa independência".

"Acabar com o folclore político"

De fato, desde que o Daomé alcançou a soberania, em 1.º de agosto de 1960, jamais a geração de políticos da independência tinha sido tão radicalmente atacada. Os três membros do antigo conselho presidencial foram colocados em prisão domiciliar em três pontos diferentes do país. Jamais, igualmente, os setores animados pelas idéias de esquerda tinham estado tão estreitamente associados ao poder.

Uma entrevista com o coronel Kerekou permite apreciar o quanto seu estilo pessoal difere dos seus antecessores.

Originário do norte do país, este oficial salda das fileiras e que afirma ser católico, e tendo estudado nas escolas militares de Kati e de São Luís do Senegal, não tem nada de afável. Tendo apenas 40 anos, exprimindo-se num francês correto, ele tem o hábito do comando e não se embaraça de modo algum com rodeios.

"A democracia é a anarquia", disse o chefe de Estado, parafraseando uma declaração que ele havia feito em 28 de fevereiro à agência France-Inter. ("A democracia, tal como existe na Europa, é a anarquia. Ela não terá lugar aqui"). Depois ele dissocia "os esquerdistas" do Daomé do seu governo, atacando de passagem "o pequeno estudante alemão Cohn-Bendit que queria importunar De Gaulle". A propósito das violências do dia 28 de fevereiro ele nos declarou: "Os manifestantes não falavam em nome do nosso povo. Há diariamente incidentes em Nanterre e vocês acham normal em Paris que estudantes atirem lixo na cabeça do reitor. Mas aqui em Cotonou, um...

faminto quebra uma vitrina para roubar comida vocês o qualificam de esquerdista e de antifrancês". Ele acrescenta agitado: "Por que os desempregados de Cotonou exprimiriam o ponto de vista do governo do Daomé? Ao que me consta Cohn-Bendit não falava em nome do governo francês".

Alguns minutos antes, durante uma conferência de imprensa "improvisada", o chefe de Estado tinha falado dos imperativos da "nova política de independência nacional". Ele havia utilizado termos parecidos com os dos dirigentes malgaxes, evocando a necessidade de revisar as relações franco-daomeanas sobre a base do "respeito absoluto à soberania de cada um". Em seguida ele tinha acrescentado: "Nós queremos acabar com o folclore político. Faz 12 anos que a África se especializou neste folclore. É preciso mudar. Nossa revolução se fará no domínio econômico e também nos costumes. É isto que se chama revolução".

Seus colaboradores, homens como o capitão Badjogume, ministro da Educação Nacional, o comandante Michel Aladaye, ministro das Relações Exteriores ou o tenente Michel Aikpe, 10 anos mais novo, não são também diferentes. Eles defendem um nacionalismo mais intransigente e se esforçam por aplicá-lo. Ignora-se que papel exato, eles e seus amigos, desempenharam nos incidentes de fevereiro, mas sabe-se, visto que não ocultam, que não pretendem alinhar-se nem com a França nem com nenhuma outra potência estrangeira.

Os jovens quadros

Com o acordo tácito do tenente-coronel Mathieu Kerekou, e principalmente sob a pressão dos "jovens quadros" do Exército, a psicose do segredo, o rigor e a dureza estão na ordem do dia.

"Antigamente, a tagarelice era um esporte nacional. Hoje estamos reduzidos aos boateiros", nos diz um diplomata. Os ministros e altos funcionários fogem dos contatos desde outubro passado, desertam das recepções e cocktails, evitam os representantes diplomáticos que a partir de então ignoram mais ou menos tudo o que se passa no seio do governo.

Conhecidos por sua afabilidade e seu senso de hospitalidade, os daomeanos fecham-se em si mesmos. Os mais jovens têm um comportamento hostil. Quanto aos conselheiros técnicos franceses dos vários departamentos ministeriais, ainda que tenham sido mantidos, foram desincumbidos de qualquer missão.

"É um regime militar", gostam de repetir os jovens oficiais. Entretanto, se a tradição de brandura hoje é apenas uma lembrança, será preciso ainda um certo tempo para que os novos dirigentes do país vençam a indolência, a ineficiência e o favoritismo. Por enquanto, as exigências minuciosas e pequenas substituíram o relaxamento, mas sem grande efeito prático.

Acolhido triunfalmente no mês de maio em Conakry, onde fazia uma visita oficial, o tenente-coronel Kerekou comparou seu país com a Guiné. "A experiência socialista" de Sekou Touré é constantemente citada como exemplo. O culto à personalidade fez sua aparição e a rádio daomeana, rebatizada com o nome de A Voz da Revolução, imitando a rádio guineana, exalta as virtudes dos dois "líderes revolucionários" africanos: o presidente Sekou Touré e o tenente-coronel Kerekou.

Um avião da Air Guiné ficou duas semanas no Daomé, conduzindo através do país uma orquestra e uma equipe de futebol guineanos. Neste país, considerado o "Quartier Latin da África", devido à sua numerosa elite intelectual, um pequeno grupo de assistentes técnicos guineanos assumiu o controle do rádio, do diário governamental Daho-Express e do Ministério da Informação.

O chefe de Estado lançou várias advertências severas aos setores de negócios e, enquanto se desenvolve a psicose do complô, as prisões administrativas se multiplicam e repercutem no ar vibrantes apelos patrióticos. Os textos difundidos em línguas locais se caracterizam

geralmente pelos tons zenófonos mais fortes.

"Montar o Hamlet sem o príncipe"

Esta atmosfera especial e a persistência das dificuldades econômicas explicam sem dúvida a hostilidade dos dirigentes daomeanos para com a Comunidade Econômica da África Ocidental (CEAO), instalada em abril passado na cidade de Abidjan, e sua atração pela federação com a Nigéria, com quem faz fronteira.

"Construir a comunidade oeste-africana sem a Nigéria, é montar o Hamlet sem o príncipe", nos disse um funcionário repetindo um comentário de um jornal nigeriano.

A este respeito, o tenente-coronel Kerekou declarou publicamente em Cotonou, no dia 28 de abril último: "O Daomé não acredita numa união dos países africanos baseada exclusivamente em critérios linguísticos. A separação entre os de língua inglesa e os de língua francesa desapareceu desde a independência. A CEAO constitui uma primeira etapa que é preciso superar rapidamente. Admitimos o princípio da CEAO, mas não seu conteúdo".

Valsa dos golpes

É verdade que o governo federal já financiou a modernização da estrada Cotonou-Lagos e que, no Daomé, onde nos três primeiros meses do ano as exportações cobriram apenas 50% das importações, espera-se muito do poderoso vizinho. Tendo um déficit de mais de um bilhão de francos antigos, o Tesouro daomeano procura interlocutores compreensivos...

Menos sabiamente governado que o Togo, o Daomé não consegue superar suas dificuldades econômicas. A produção de óleos vegetais, que constituiu durante décadas a principal fonte de renda local, está em declínio e os poucos sinais de petróleo descobertos perto de Cotonou não deram ainda seus resultados.

Em compensação, a produção de algodão, que atinge 50 mil toneladas, decuplicou em 10 anos, e diversos industriais estão em via de realização: uma refinaria, que trará petróleo bruto nigeriano, uma fábrica de cimento para cuja construção estão em concorrência três grupos internacionais, uma fábrica têxtil que entrará em atividades no próximo ano e diversas fábricas de produtos alimentares.

No entanto, os efetivos da administração passaram, em 13 anos, de sete para 18 mil funcionários, enquanto que o orçamento do Estado, que aumentou apenas 12 bilhões de francos, está sempre em desequilíbrio. Esta situação explica, em parte, a instabilidade do Daomé e somente se for corrigida é que o tenente-coronel Kerekou poderá evitar o prosseguimento da "valsa dos golpes de Estado".

(1) Maurice Glélé — Naissance d'un État Noir: le Dahomey.

Le Monde

© Le Monde

Todos os direitos reservados.

A escolha e a tradução dos artigos é feita sob a exclusiva responsabilidade de OPINIÃO

Os segredos do Kremlin

Victor Zorzo
Washington Post

A sessão de verão do Soviete Supremo, realizada no Kremlin na semana passada, forneceu uma ótima pista para as lutas que se estão desenrolando por trás das portas fechadas do Politburo (*Bureau Politico*).

Os oradores disputavam para ver quem elogiava melhor a "contribuição pessoal" de Leonid Brejnev, secretário do Partido Comunista da URSS, aos recentes "sucessos" da política exterior soviética. Esses elogios pareciam ser uma resposta a algumas pessoas do Kremlin que criticavam o desempenho de Brejnev durante sua visita aos Estados Unidos.

O Kremlin tem estado sem jeito diante do fato de que a conferência de cúpula de Washington falhou em produzir as tão discutidas transações comerciais — e esse mal-estar tornou-se evidente ultimamente na drástica redução dos comentários da imprensa soviética sobre a prometida bonança norte-americana. O que está em questão não é apenas o fracasso de Brejnev em obter do presidente Nixon o compromisso de facilitar o financiamento das enormes transações comerciais soviético-americanas; os próprios princípios subjacentes a tais transações estão sendo desafiados no debate do Kremlin.

O *Pravda*, jornal do Partido Comunista, referiu-se veladamente às questões em debate numa "resposta às perguntas de leitores". O artigo tratava ostensivamente de uma discussão sobre as transações em andamento "com o Japão" a respeito de petróleo e gás natural. Mas as sensíveis questões políticas às quais aludia eram muito mais pertinentes às transações de muito maior vulto que estão sendo discutidas com os Estados Unidos.

Mal-entendidos

Uma das questões sugeridas era se os Estados Unidos poderiam ganhar mais com as transações do que a União Soviética. O *Pravda* insistia que os negócios "com o Japão" seriam "mutuamente vantajosos". Ou será que os capitalistas norte-americanos talvez pretendessem ser proprietários das indústrias em que investissem, e exigir pagamento na forma de dividendos? Os investimentos "japoneses" nos campos de petróleo siberianos, o *Pravda* assegurava, seriam pagos somente pelas exportações do petróleo que ajudassem a produzir.

O próprio Yuri Jukov, editor diplomático do *Pravda*, forneceu agora a chave para o código usado no artigo sobre o "Japão". O *Pravda* só podia roçar nas questões levantadas nos debates internos, já que põ-las no papel seria registrá-las, reconhecer explicitamente a sua existência. Mas o próprio Jukov corajosamente atacou a questão de frente num programa de televisão em Moscou.

Negou acaloradamente, e desta vez expressamente, uma afirmação que, segundo ele, teria sido feita numa carta que recebeu, de que os Estados Unidos ganhariam mais do que a União Soviética com os negócios em discussão. Afirmando a carta: "Se vocês vão dizer que as transações são 'mutuamente vantajosas', já ouvi essa história antes".

Mas será que a abertura dos bancos e firmas estrangeiras na União Soviética representava "a penetração do capital privado na nossa (soviética) economia"? Será que eles "investiriam em nossas empresas a fim de extrair lucros delas"?

Créditos norte-americanos, repetia o articulista, seriam pagos pelas exportações das indústrias que financiassem. Mas ele também acrescentou — o que o *Pravda* só tinha

sugerido — que "os estrangeiros não participarão no direito de propriedade nem nos lucros operacionais de quaisquer empresas em nosso território".

Existem outros "mal-entendidos", acrescentou. "Algumas pessoas erroneamente presumem que os estrangeiros vão receber 'concessões' — termo este carregado de associações com lutas pelo poder na União Soviética. Uma das lutas mais amargas entre Lênin e outros líderes soviéticos na década de 1920 girou em torno da aprovação de "concessões" de negócios lucrativos a capitalistas estrangeiros. Lênin e os capitalistas venceram. As pessoas a quem Jukov também acusa de estarem fazendo presunções "errôneas" poderiam perfeitamente estar dentro do Kremlin também.

Altos funcionários soviéticos revelaram em Washington este ano que a participação estrangeira na propriedade e gerência de empresas soviéticas poderia em verdade ser permitida futuramente. Alguns regimes da Europa Oriental já a estão experimentando.

Contra o "economismo"

Os líderes soviéticos sabem que é improvável que capitalistas norte-americanos forneçam as vastas quantidades de capital de que o Kremlin necessita a menos que possam assegurar-se de que esse capital é usado com sabedoria. Se não lhes forem concedidos direitos de propriedade e gerência (mesmo que disfarçados), eles talvez ainda invistam algum dinheiro na União Soviética — mas nada tão significativo como o Kremlin necessita.

Assim, o Kremlin tem algumas decisões fundamentais a tomar, e não há dúvida de que elas estão sendo discutidas no Politburo. Um discurso recente de Mikhail Suslov, o membro mais ortodoxo e politicamente conservador do Politburo, pode ser visto como uma advertência a Brejnev, no sentido de que não avance demais em suas negociações com Washington. Suslov falou de outros "líderes" do passado, no alvorecer do movimento comunista, que se tinham mostrado "incapazes de suportar as pressões do oportunismo", e tinham tentado "coexistir pacificamente" com as carreiras da "ideologia burguesa".

Suslov recordou que "no final" isto os levava "à falência ideológica e política", e esclareceu que as lições do passado são pertinentes agora. Falou com sentimento da luta de Lênin contra o "economismo", um desvio que pode certamente ser reconhecido em algumas das preocupações econômicas de Brejnev atualmente; e sugeriu outras diferenças de política entre ele próprio e Brejnev.

É claro que Suslov também pagou tributo às "novas" contribuições de Brejnev à causa da paz — mas escolhendo cuidadosamente as palavras que usava. Os oradores do Soviete Supremo descreveram na semana passada a "contribuição" de Brejnev com superlativos que iam de "tremenda" a "notável". A descrição descompromissada de Suslov, considerando a contribuição de Brejnev apenas como "nova", torna claro, neste contexto, que ele estava usando o código de debate da liderança soviética para indicar suas reservas.

O comércio exterior e o investimento estrangeiro na União Soviética formam apenas uma das questões da luta que se processa no Kremlin. A disputa política que ocasionalmente irrompe em público, como no caso da queda de um Krushev ou a demissão de dois membros do Politburo em abril último, desenrola-se sob a superfície o tempo todo. A política soviética pode parecer um quebra-cabeças envolto em um enigma, mas em geral existem algumas pistas, algumas indicações do que se está passando por dentro.

A marcha americana de Pequim

Alexander Casella
The Guardian

Dezoito meses depois da visita de Nixon à China, praticamente não há sequer vestígios daquilo que durante duas décadas foi um dogma da opinião pública norte-americana. Durante 20 anos os chineses, na opinião dos americanos, não faziam nada direito. Agora parece que nada do que fazem pode estar errado.

As grandes lojas de departamento de Nova York vendem produtos chineses que parecem ter vindo diretamente da Loja da Amizade de Pequim. Uma delas, a Alexander's, tem uma seção da "amizade com a República Popular da China" que vende desde sombrinhas até bicicletas. Mas a nova moda vai além da venda de produtos importados. Por menos de um cruzeiro, por exemplo, compra-se livros sobre a China; as pessoas têm que esperar pelo menos uma hora para conseguir ver os ursos panda no zoológico de Washington; e, principalmente, há mais de 500 mil norte-americanos candidatos a um visto para viajar para Pequim, dos quais menos de mil conseguirão.

A reação da China a essa repentina mudança de atitude por parte dos norte-americanos é bastante sofisticada. Ao mesmo tempo que são muito receptivos em relação a alguns grupos liberais dos EUA, demonstram ter plena consciência de que o poder está nas mãos do *Establishment*, e não com a esquerda — frequentemente dividida. Para usar uma expressão chinesa, Pequim está andando com os dois pés em suas relações com os EUA, mantendo contatos tanto com o *Establishment* quanto com a esquerda

norte-americana.

O primeiro grupo de norte-americanos que visitou a China em 1971 incluía uma equipe de pingue-pongue, jornalistas do *Establishment* (alguns dos quais do *New York Times*) e alguns velhos amigos da China. Estes últimos não eram comunistas, mas pessoas que durante a caçada de McCarthy pagaram caro por sua recusa em se transformar em depreciadores do regime chinês. Todos os norte-americanos que visitaram a China em 1971 tinham assim uma coisa em comum. Eram todos conhecidos dos líderes chineses, quer pessoalmente ou através de suas declarações públicas.

A medida que o tempo passou e a medida que os chineses começaram a entender melhor os EUA, o número de visitantes aumentou, pois os chineses perceberam que seu próprio país era o que de melhor tinham para mostrar. Assim, convidaram congressistas de todas as tendências conservadoras ligados ao *Establishment* militar e alguns colonistas de direita. O resultado superou as expectativas mais otimistas dos chineses. Não somente alguns líderes do Congresso voltaram com relatórios favoráveis mas também o principal opositor do regime chinês nos 20 anos anteriores, Joseph Alsop.

Embora a Agência de Viagens da China organizasse as visitas dos norte-americanos, não havia, até pouco tempo atrás, uma agência semelhante nos EUA para os visitantes chineses. Atualmente, há duas organizações particulares que mantêm "cordiais" relações de funcionamento não apenas com a China mas também com o governo norte-americano. Até o final deste ano, calcula-se que pelo menos 300 chineses terão visitado os EUA, representando 11 delegações, enquanto cerca de três mil norte-americanos

terão visitado a República Popular. Aproximadamente metade dos norte-americanos que já visitaram a China desde 1971 são descendentes de chineses.

Embora as autoridades dos EUA já tenham reafirmado publicamente que as relações com a China serão sempre as melhores possíveis, e embora Nixon já tenha manifestado sua intenção de retornar a Pequim, os problemas entre os dois países ainda estão longe de serem resolvidos.

O primeiro — de menor importância — é o referente aos congelamentos recíprocos na China e nos EUA. Segundo fontes norte-americanas, há US\$70 milhões dos chineses congelados em bancos dos EUA. Paralelamente, os chineses nacionalizaram propriedades norte-americanas na China, no valor de cerca de US\$180 milhões. É difícil assegurar qual é realmente a soma das nacionalizações realizadas, mas segundo algumas fontes em Washington já estão em curso as negociações para se chegar a um acordo.

O segundo problema, obviamente, é a questão de Formosa. É verdade que os chineses não têm insistido em nenhuma solução rápida para o caso da ilha, mas da mesma forma dizem que Chou En-lai só visitará os EUA quando for resolvida aquela questão.

Enquanto isso, as relações sino-norte-americanas tendem a progredir numa velocidade lenta, porém constante.

Mas embora a bola do jogo das relações de povo para povo esteja em campo chinês, os EUA ainda detêm a chave para o problema de Formosa. Em última análise, é da solução a ser dada a este problema que depende o desenvolvimento das relações sino-norte-americanas.

Imagens da China

David Louie
Washington Post

Equilibrando uma vara de bambu sobre os ombros, com uma cesta cheia de arroz em cada ponta, o garoto chinês se dirigia para a aldeia enquanto me desafiava:

"Ei!", gritava, "Quero ver se você consegue carregar tanto quanto eu".

Aparentava ter entre 12 e 13 anos de idade e, em altura, não alcançava o meu ombro. Interessados na disputa, os homens e mulheres chineses se contorciam sob cargas de até 50 quilos para espiar seu visitante estrangeiro tentando esse velho método de carregamento.

Primeiro me agachei sob a vara de bambu e aos poucos fui me levantando, enquanto as cestas balançavam. Meus primeiros passos, tímidos e incertos, levaram os chineses às gargalhadas. Minha falta de experiência na prática de equilibrar com jeito e ritmo a vara flexível mal me permitia ser comparado com os mais jovens que tinham menos da metade da minha altura.

Havia muito o que aprender durante os dois meses e meio que passei com meus parentes na comuna de Big River no sul da China, a 65 milhas de Cantão. A comuna incluí a aldeia onde meu avô viveu antes de emigrar para os Estados Unidos. A temporada que passei lá representou muito em relação aos quatro meses e meio de visita à China, viagem que consegui realizar com uma bolsa-de-estudos do Occidental College, onde estudava.

Ao longo das estradas e valas dos campos chineses é comum ver-se pessoas carregando arroz, madeira, água, tijolos, etc., em varas de bambu equilibradas sobre os ombros. Porém o carregamento de cargas mais pesadas por este método torna-se muito difícil, mesmo quando a pessoa está acostumada. Certa vez, enquanto tomava chá com alguns *cadres* (líderes

políticos), fui informado de que haviam feito um plebiscito nas aldeias para saber dos camponeses qual parte do seu trabalho eles achavam ser a mais difícil. A resposta unânime foi o carregamento em varas de bambu. Os *cadres* então decidiram apoiar a construção de carrinhos de mão para levar parte da carga, na esperança de que pudessem vir a substituir as varas de bambu.

O que mais me intrigou na China foi ver com que rapidez as coisas são realizadas.

Dois meses depois desse plebiscito, quando acabou a colheita do arroz, acompanhado de vários dos jovens partidários da mecanização, fui de casa em casa para examinar velhas carroças que algumas pessoas possuíam e ver se podiam ser consertadas e então compradas pela aldeia. A maioria delas estava em péssimo estado e os moradores da aldeia decidiram construir algumas eles mesmos.

Fomos, eu e os jovens, derrubar árvores atrás da aldeia, que, levadas para a frente da aldeia, eram cortadas em tábuas.

De uma aldeia vizinha vieram carpinteiros para construir as carroças de madeira. Nos ramos e contávamos piadas enquanto montávamos os jogos de rodas comprados recentemente em Cantão. Arranjamos um fole e um baú cheio de tinta vegetal para pintar as chapas de metal da armação das carroças. O projeto ficou pronto duas semanas depois. Todo o trabalho de carregamento de matéria-prima era feito por nós com nossas carroças, pois os veículos motorizados, de propriedade do Estado, eram poucos. Raras vezes cheguei a ver um caminhão durante a época em que trabalhei no campo.

A comuna possuía vários tratores, mas esses eram necessários para o transporte de suprimentos e materiais mais importantes.

As bicicletas, de propriedade privada, são o meio mais importante de locomoção. Os meus parentes possuíam uma, usada por meu primo

que frequentava o ginásio. Durante as férias, ele a utilizava para fazer compras.

Em Jung Seh as pessoas se levantavam normalmente por volta das 5 horas da manhã para cumprir as tarefas diárias que eram: lavar roupas, cuidar das hortas particulares, levar as crianças ao colégio, consertar roupas, cortar lenha e comprar comida. Tudo isso devia ser feito antes das 7 horas, quando começava o dia de trabalho.

Antes de cada sessão de trabalho, nós nos encontrávamos sob uma grande árvore em frente à aldeia e, sentados nos bancos de pedra, esperávamos que um dos líderes do grupo chamasse os nomes da lista. Cada um podia escolher se queria ou não trabalhar, e é claro que se não trabalhasse não recebia o pagamento.

"Você não deve trabalhar hoje, está muito quente no campo e hoje ficará suarento, sujo. Deve descansar", costumavam dizer meus parentes, mas eu não os deixava tratar-me como uma visita. Eu dividia as oito horas de trabalho diário com os outros jovens colhendo arroz, abrindo canais, plantando vegetais. Isto parecia agradar às pessoas, que passavam horas conversando comigo sobre sua experiência de vida.

A vida na comuna de Big River é de trabalho duro, grande esforço físico e luta, muitas vezes sem que se possa contar com a ajuda da tecnologia. Os tempos estão mudando, sem dúvida, e a história das carroças é um exemplo disso. As varas de bambu ainda são certamente um método de transporte solidamente estabelecido para grande parte dos carregamentos e não será com sete carroças que se vai conseguir livrar os ombros dos camponeses desse hábito. Porém elas já são um passo.

Haverá então um salto qualitativo na vida da comuna de Big River bem como na de várias outras comunas chinesas. E, numa próxima visita, não mais passarei a vergonha de ser desafiado por garotos que sempre vencem as disputas de carregar varas de bambu.

WATERGATE

O privilegiado ouvinte das fitas secretas

No caso Watergate tudo se passa como se mentira atrainse mentira na razão direta de cada novo depoimento. Agora chegou a vez de Harry Robins Haldeman, o alto e arrogante ex-chefe da Casa Civil de Nixon, mr. Escova, por seu cabelo espetado, cortado à escovinha, ou ainda o f.d.p. de Nixon, Nixon's son of a bitch, segundo sua autodefinição. Haldeman depois na semana passada, logo depois da tempestade desencadeada pelo fato do presidente Nixon ter-se recusado a entregar, aos senadores e ao promotor que investigam o escândalo, fitas gravadas de extensa série de conversas que manteve sobre o assunto com vários dos prováveis autores dos crimes decorrentes do arrombamento e espionagem da sede do partido democrata. E se era uma escândalo que o presidente gravasse — secretamente — todas as conversas que mantinha na Casa Branca, e se era um escândalo maior que ele não entregasse essas gravações para auxiliar a justiça, tornou-se um escândalo triplo quando Haldeman revelou que tinha tido o privilégio de, no começo de julho, já deposto da Casa Branca, simples cidadão acusado de um crime, ter recebido do presidente as famosas fitas negadas à justiça e ao Congresso. "Você as levou para casa?", disse perplexo o senador Joseph Montoya, da comissão que investiga Watergate.

Ao se recusar a entregar ao Senado e ao promotor Archibald Cox as fitas, Nixon tinha dito (dia 23 de julho) que elas "que têm estado sob meu controle pessoal continuarão assim. Nenhuma delas tem sido transcrita ou tornada pública e nem o será". Haldeman porém disse aos senadores que tinha levado para casa uma série delas. Referiu-se especialmente a duas: a do dia 21 de março desse ano, que ouviu quando ainda era chefe da Casa Civil, e a do dia 15 de setembro do ano passado, que ouviu recentemente no começo de julho, dois meses depois de ter pedido (ou sido forçado a pedir) demissão de seu cargo, por acusações de estar profundamente envolvido nos crimes de Watergate.

"No problems"

As duas datas são estratégicas para Nixon, Haldeman e John Dean, as três figuras máximas desse insaciável escândalo. No dia 21 de março, segundo Dean, ex-conselheiro jurídico de Nixon e agora seu principal acusador, os três teriam tido uma conversa extremamente detalhada sobre a forma de pagar os arrombadores da sede do partido democrata a fim de mantê-los em silêncio. Dean diz ter revelado ao presidente ser necessário um milhão de dólares para evitar que os arrombadores denunciassem os funcionários da Casa Branca envolvidos. E que Nixon teria respondido com um "não haverá" problemas para arranjar o dinheiro, afirmação que, se comprovada, enfiará o presidente dos Estados Unidos da América no fundo da cloaca de Watergate e quase certamente o deporá da presidência. No dia 15 de setembro, segundo Dean, Nixon o teria felicitado por seu papel no encobrimento do escândalo. Se verdadeira esta afirmação, o presidente soube de Watergate muito antes de ter denunciado o crime à Nação e, portanto, cometeu o crime de obstrução da ação da justiça, sendo, por consequência, passível de impeachment.

Antes de se saber da existência dos tapes, já se previa que Haldeman iria defender inteiramente as posições suas e do presidente. Mas, sabendo que as perigosas gravações podem ir — e bons juízes americanos estão certos que irão — parar nas mãos da justiça e dos homens do Senado, sabia-se também que Haldeman seria bastante cauteloso na sua defesa.

O depoimento de Haldeman acabou sendo, como se esperava, um modelo de habilidade e prudência, construído



"De nodo. É um privilégio"

a partir de meias afirmações e meios desmentidos. De uma forma notável ele quase que repetiu todas as palavras que Dean fizera no seu depoimento a respeito dos encontros de 15 de setembro e 21 de março, só que dando a elas admiráveis meias tonalidades, destinadas a mudar-lhes completamente o sentido. Ele confirmou por exemplo que Nixon realmente disse a famosa frase do "no problems" para arranjar um milhão de dólares para calar os espiões de Watergate. Mas colocou essa afirmação num conjunto de entonações completamente diferentes. "Eu estava presente nos 40 minutos finais do encontro do presidente com John Dean na manhã de 21 de março", disse Haldeman, lendo texto escrito para os senadores. "Embora eu não estivesse presente à primeira hora do encontro, eu ouvi o tape do encontro inteiro. (...) A respeito de dinheiro, Dean disse que ele e Haldeman estavam envolvidos. E que o caso tinha se desenvolvido de tal aspecto que poderia se transformar em evidências de obstrução da justiça. (...) Também relatou uma ameaça de chantagem. Disse que Hunt estava pedindo 120 mil dólares ou mais. (...) O presidente o interrogou a esse respeito em vários detalhes, evidentemente tentando descobrir o que se passava. O presidente levou Dean a descrever o processo de pagamento e o que recomendava que fosse feito. Ele perguntou coisas como: bem, isso é o tipo de coisa que você recomendaria? Nós devemos fazer isso? Isso é certo? Perguntou de onde viria o dinheiro. Como ele seria entregue? E assim por diante. Perguntou qual a quantidade de dinheiro que se previa para o caso ao longo dos anos e Dean disse que provavelmente um milhão de dólares — mas o problema é que isso é difícil de levantar. O presidente disse não há

problemas' em levantar um milhão de dólares, nós podemos fazer isso, mas isso seria errado". Tendo repetido praticamente as mesmas palavras que Dean usou para descrever esse encontro, apenas acrescentando o mas isso seria errado. Haldeman explicou aos perplexos senadores que tudo era uma questão de interpretação. "Eu tenho a clara impressão que ele estava tentando descobrir o que Dean estava dizendo e o que ele recomendava. Ele estava lhe colocando questões chaves com esse objetivo. Esse é o método que o presidente sempre usava quando estava determinado a fazer alguma coisa".

\$1 milhão

Claramente convencido da importância das palavras de Dean, da necessidade de desmentilas e — aparentemente — de uma obrigação de apoiar a afirmativa de Nixon de que os tapes podem ser interpretados de forma diferente por pessoas diferentes: "Agora, voltando à questão das impressões (tidas por Dean). Mr. Dean tirou a conclusão errada de que o presidente tinha pleno conhecimento do encobrimento (do escândalo de Watergate)" e de que "o pedido de dinheiro poderia atingir a 1 milhão de dólares e que o presidente disse que não havia problemas: ele tirou essa conclusão de uma discussão de questões hipotéticas, já que o presidente me disse depois que não tinha intenção de fazer qualquer coisa que fosse a respeito do dinheiro e de que não tinha qualquer conhecimento do encobrimento (de Watergate)". E ainda, mais adiante: "O presidente estava explorando o terreno, testando".

No primeiro dia do depoimento de Haldeman alguns membros da comissão do Senado chegaram a discutir a possibilidade de não ouvir o que Haldeman tinha a dizer da sua interpretação dos tapes. Eles consideravam de certa forma ofensivo que Haldeman, deposto da Casa Branca e acusado de crimes, tivesse tido acesso a documentos mantidos afastados do Senado e da Justiça por ordem expressa do presidente.

No segundo dia do depoimento de Haldeman, o presidente do comitê de investigações do Senado, Sam Ervin, foi mais longe: disse que o ex-chefe da Casa Civil de Nixon tinha executado uma clara manobra da Casa Branca no sentido de divulgar uma versão das misteriosas gravações completamente favorável a Nixon.

Teria a manobra dado certo? Explicando que os tapes revelaram exatamente as suas (poucas) explicações públicas do caso Watergate, Nixon fazia a ressalva de que "como em qualquer gravação copiada de conversas informais, elas

(as fitas) contém comentários que pessoas com diferentes perspectivas e motivações inevitavelmente interpretariam de modo diferente". E também inevitável que se conclua que Harry Robins Haldeman, que se autoqualifica de "son of a bitch de Nixon" não é a figura mais qualificada para fazer uma interpretação pública honesta do significado dessas incriveis gravações.

WATERGATIANAS

• J. Bernard West, ex-mordomo de Richard Nixon cujas memórias devem ser publicadas no próximo mês, em Washington, revela segundo o Washington Post o que com modéstia se pode chamar de excessos pré-watergatianos de Richard Nixon: sua mulher Pat teria insistido em dormir separada do marido porque este se levantava da cama durante a noite e monologava utilizando seus aparelhos de gravação. (Reuters Latin)

• O republicano Jack Brooks, presidente de um subcomitê de investigações do Congresso americano, declarou na semana passada que pode obter judicialmente os documentos que lhe permitirão verificar os custos de melhoramentos feitos pelo governo nas casas particulares de Nixon e Key Biscaine, (Flórida) e San Clemente (Califórnia), estimados em 3,5 a 3,7 milhões de dólares — cerca de 22 milhões de cruzeiros. Brooks acusa a Casa Branca de sistemático boicote das investigações de seu subcomitê e cita como exemplo o fato de uma agência governamental ter-lhe prometido uma pilha de "sete pés" (mais de 2 metros) de altura de documentos e só lhe ter cedido meia caixinha de modestos recibos.

• Será reaberta a investigação para saber se a ITT "comprou" — com uma doação de 400 mil dólares para a campanha de reeleição de Nixon — uma solução judicial favorável num processo que lhe era movido pela comissão antimonopólio do Senado americano. Documento assinado por Charles Colson, ex-assessor de Richard Nixon, apresentado na semana passada no Senado americano revela que pelo menos o secretário de Justiça John Mithcell e talvez o próprio presidente intervieram para aceitar a proposta da ITT. O promotor especial Archibald Cox, que investiga Watergate, tem cópia do memorando e vai usá-la numa investigação mais

extensa é paralela que faz sobre a empresa.

• As possíbeis relações de Edward Kennedy com miss Mary Jo Kopechne, que morreu num acidente de automóvel com o senador em Chappaquiddick em julho de 1969 logo após uma festa, exigiu artifícios insólitos da equipe de golpes sujos contratada pela campanha de reeleição de Richard Nixon encarregada de boicotar as possibilidades presidenciais de Ted Kennedy. Segundo investigações de Bob Woodward e Carl Bernstein, os repórteres do Washington Post que "levantaram" o caso Watergate, Anthony Ulasewicz, dessa equipe de Dirty Tricks, tinha um apartamento na rua 46 em Nova York onde um galã especialmente contratado deveria seduzir as amigas de Mary Jo, fotografá-las em situações, digamos, comprometedoras e depois chantageá-las para obter confissões sobre as relações da falecida com Kennedy.

• Nutrindo-se aparentemente no caldo inexaurível de revelações tipo Watergate, o Frankfurter Rundschau, diário liberal alemão, complementou revelações de New York Times de que o Exército americano estacionado na Alemanha espionou, gravou e se infiltrou entre estudantes, organizações religiosas e jornais radicais alemães a fim de efetuar serviços de contra-informação. Num telegrama enviado ao ministro do Interior da Alemanha, Dietrich Genscher, o editor do FR declarou que "como observadores do caso Watergate, nós queremos lembrá-lo de que é nosso dever nos opor inequivocamente à importação de tais métodos".

• "Watergate está educando a todos nós, mesmo aqueles senadores falcões, que sempre acreditaram que agências da guerra fria do tipo da CIA nunca erravam e deviam, no fundo, estar acima da lei, ou pelo menos além dela", diz Clauton Fritchey, colunista do Los Angeles Times. Fritchey cita John Stennis, "veterano patrono do Pentágono e da CIA" que agora está declarando que foi forçado a concluir que "todo o trabalho da CIA deve ser revisto" e suas contas severamente vigiadas pelo Congresso. "É difícil acreditar", diz Fritchey "que é o mesmo senador que há menos de dois anos, em novembro de 1971 declarava: 'Esta agência está se conduzindo de uma forma esplêndida. Como se diz, espionar é espionar... Você tem que se convencer que vai ter uma agência de informações e a partir daí protegê-la como tal, e fechar seus olhos um pouco e aceitar o que está recebendo'".

Casa Branca: as salas que ouvem

Situação no início deste ano:

1. Sala Oval — a sala principal do presidente. Tinha aparelhos para gravar todas as conversas telefônicas, além de microfones ocultos, gravando diálogos dentro da sala. Gravadores para telefone também instalados na sala presidencial do edifício do Executivo (em frente à Casa Branca), na Sala Lincoln (na ala da Casa Branca reservada à família) e na sala presidencial de Camp David.

2. Sala do Gabinete — usada para as reuniões do Gabinete e outras de que participem muitas pessoas. Tinha microfone secreto para gravar todas as conversas. Também havia microfones escondidos, instalados na sala presidencial do edifício do Executivo.

3. Sala de H. R. Haldeman, ex-chefe do pessoal da Casa Branca. Tinha um "localizador", que indicava em que

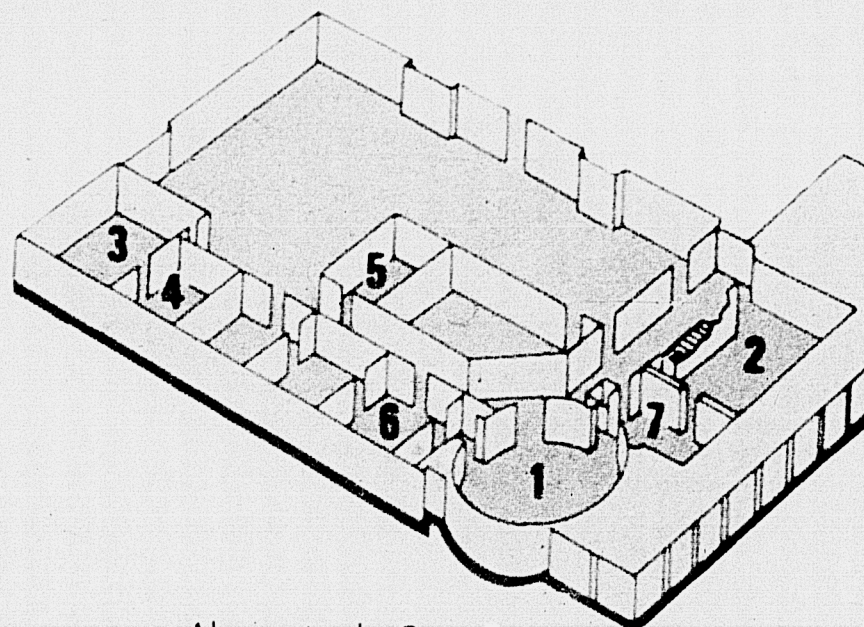
ponto da Casa Branca ou do Edifício do Executivo se encontrava o presidente, e que controlava os gravadores das salas de Nixon nesses dois lugares. Na sala de Haldeman estava também o comando do gravador da Sala do Gabinete.

4. Sala de Lawrence M. Higby, principal assessor de Haldeman. Não tinha aparelhos de escuta, mas Higby sabia das instalações em outras salas.

5. Sala de Dwight Chapin, secretário responsável pelas contratações do presidente. Tinha um "localizador".

6. Sala de Butterfield, assessor de Haldeman. Tinha um "localizador" e, assim como na sala de Haldeman, um comando para o gravador da Sala do Gabinete.

7. Sala de Steve Bull, assessor de Haldeman. Tinha um "localizador".



Ala oeste da Casa Branca

MAILER & MARILYN

A última feiticeira do cinema

"Ela não era para a televisão... foi a última das aristocratas do cinema e talvez não quisesse ser examinada e depois ingerida nas reduzidas dimensões de uma sala de estar americana. Não, ela pertencia ao último grupo de feiticeiras de Hollywood". Norman Mailer descreve Marilyn Monroe mas ao mesmo tempo define a essência das estrelas de cinema de uma época em que, nos filmes, eram elas que contavam e não os diretores. Enquanto atualmente os frequentadores mais exigentes de cinema escolhem os filmes por serem de Ingmar Bergman, Antonioni, Fellini, Kubrick ou Bertolucci, na época do *frühen Hollywood* ia-se a um filme com Doris Day, Rock Hudson, John Wayne, Clark Gable ou Ava Gardner.

A década de 50 marcou o auge da chamada *guerra fria*, que se seguiu à Segunda Guerra. Mas para os frequentadores de cinema, pelo menos no chamado Ocidente, eram oferecidos, principalmente no começo dessa década conturbada, os filmes de *far-west*, as comédias luxuosas e os musicais de Hollywood. Esses filmes eram uma espécie de culto ao luxo, à alegria despreocupada e irreal que incluía cantos e danças, muitas vezes no meio de ruas ou em locais onde tais manifestações de júbilo jamais teriam sido antes imaginadas. Desse culto o maior símbolo provavelmente foi Marilyn Monroe. Seus filmes — *Os Homens Preferem as Louras*, *Nunca Fui Santa*, *O Pecado Mora ao Lado*, *O Príncipe Encantado* — tinham sempre ótimas rendas de bilheteria e as revistas de atualidade ou cinema (no Brasil a extinta *Cinelandia*) comentavam supostos detalhes de sua vida íntima: para dormir ela vestia apenas algumas gotas de perfume Chanel n.º 5; não usaria roupa de baixo (uma precursora?); as cenas para *O Pecado Mora ao Lado* em que suas saias sofrem a forte pressão de um exaustor de metrô teriam sido a razão do rompimento com o segundo marido.



Marilyn Monroe

Joe DiMaggio, uma espécie de Pelé do beisebol americano daquele tempo.

Uma parte desse folclore tinha origem na própria Marilyn que em entrevistas dava detalhes de uma difícil infância de órfã enjeitada e espancada, de uma juventude em que, para sobreviver, teria lavado pratos e posado despida para fotos de calendários, do primeiro casamento, aos 16 anos, com o operário Jim Dougherty, de uma inesperada ambição intelectual que ganhou aparência de realidade quando ela cursou a famosa escola para atores — Actor's Studio, onde estudou Marlon Brando e onde pontificava o professor do método de representar, Lee Strasberg — e se casou com Arthur Miller, autor, entre outras, das peças *A Morte do Caixeiro-Viajante*, *Panorama Visto da Ponte* e *Depois da Queda* (baseada no casamento com Marilyn).

Mesmo a morte, tida como suicídio, de Marilyn em 1962 contribuiu para reforçar as lendas em torno de seu nome. E 11 anos depois de sua morte esse mito do cinema americano foi biografado (1) por um homem que é provavelmente o seu correspondente na literatura dos Estados Unidos: Norman Mailer.

Escritor famoso (2), jornalista que inovou a reportagem com o que

O mito do cinema dos anos 50 visto pelo atual monstro sagrado da literatura americano

escreveu sobre a tragédia da convenção do Partido Democrata americano em 1960 — *Miami e o Cerco de Chicago* — político original, apesar de derrotado quando concorreu à prefeitura de Nova York, Norman Mailer confessa que também foi atingido pelo culto a Marilyn: na biografia ele conta que Arthur Miller quando casado com ela não o convidou para ir à casa deles provavelmente porque sabia da admiração de Mailer pela estrela.

Mas o livro além dos fatos e *fatídicos* (o que é noticiado pela imprensa mas não tem comprovação) sobre a misteriosa vida de Marilyn Monroe tem também considerações sobre o que parece uma preocupação constante nos escritos de Mailer: a política norte-americana. No final ele inclusive lança sobre a morte da artista hipóteses que envolvem os Kennedy e tortuosas razões de Estado.

O encontro literário desses dois *monstros sagrados*, embora um já morto, não podia passar em brancas nuvens. Além de ganhar a capa do *Time* e resenhas nas principais colunas literárias o livro está alimentando uma briga entre Mailer e dois escritores (3) nos quais se baseou para escrever a vida de uma mulher que na verdade não chegou a conhecer pessoalmente. Acusado de plágio, Mailer convocou a imprensa para rebater a acusação alegando que em seu livro citou especificamente os autores e obras consultados, o que pode ser facilmente comprovado na primeira página da edição americana.

Qualquer que seja o resultado da discussão ela deverá contribuir ainda mais, com publicidade, para a grande vendagem que o livro provavelmente terá tanto nos Estados Unidos, onde já foram impressos 285 mil exemplares numa primeira tiragem, como na dúzia de países onde está sendo traduzido.



Norman Mailer

Além de reviver o mito de Marilyn Monroe, sua biografia poderá permitir a Mailer uma espécie de pausa financeira necessária para se dedicar a um ambicioso projeto: escrever uma novela que será a história de uma família judia desde o Egito antigo até o presente. E fazer isso sem ter problemas com o sustento de suas cinco ex-esposas e sete filhos, além da manutenção de três residências, o que se traduz numa despesa de 200 mil dólares por ano.

Mailer aliás falou em razões financeiras, quando disse para a revista *Time* que teria escolhido escrever sobre Marilyn como "um meio de fazer dinheiro". Com humor e uma irônica franqueza, ele explicou: "Eu estava seriamente endividado e chamei Scott Meredith, meu agente, e disse, 'antes de começar minha novela, eu acho que preciso de um trabalho que me renda bastante'. Eu realmente cheguei num ponto em que sou como que um velho campeão de box, e se meu empresário chega e me diz 'arranje para você uma luta dura com alta renda' eu entro no ringue".

Entretanto, como chama a atenção Christopher Lehman-Haupt numa resenha sobre *Marilyn* para o *New York Times*, "ninguém, nem mesmo

uma prostituta, faz alguma coisa somente por dinheiro". E da atração de Norman Mailer pela biografada — atração que ele mesmo confessa — segundo o mesmo Lehman-Haupt, "emerge uma razoável recordação da vida de Marilyn Monroe — o nascimento em 1.º de junho de 1926, através dos casamentos, das fotos de *pin-up* e dos filmes, até a morte no dia 5 de agosto de 1962. Com a linguagem e a percepção de Mailer, o livro é muito mais interessante de se ler — mesmo como biografia convencional e ainda que dependa grandemente das pesquisas de outros escritores — do que qualquer outra coisa que tenha se escrito antes sobre ela. E quando trata da fase do relacionamento de Marilyn com o autor de teatro Arthur Miller e com a filmagem de *The Mistiss* (*Os Desajustados*), fica mais do que simplesmente interessante: o retrato que Mailer traça de Miller é uma fascinante leitura de veneno e simpatia; ele faz com que se sintam por alguns aterrorizantes momentos o que deve ter significado ser casado com Marilyn Monroe; ele materializa uma palpável sensação do crescente terror no qual ela vivia a partir desse tempo. Obviamente, Norman Mailer tinha sobre esse período mais material para trabalhar e soube tirar o melhor partido dele".

OPINIÃO publica a seguir esse capítulo — casamento Monroe x Miller — da tradução de *Marilyn* feita por Fernando de Castro Ferro para a editora Civilização Brasileira e que será lançada para a venda em bancas de jornais no próximo mês.

(1) *Marilyn: a Biography*, Norman Mailer (Grosset & Dunlap, 270 páginas com fotos, 1995 dólares a edição normal e 50 a de luxo).

(2) *De Norman Mailer foram publicados no Brasil*: *Os Nus e os Mortos*, *Um Sonho Americano*, *Os Degraus do Pentágono*, *Cartas Abertas ao Presidente Kennedy*, *Miami e o Cerco de Chicago*, *Canibais e Cristãos*.

(3) *Fred Lawrence Guiles*, Norma Jean (o nome de batismo de Marilyn e Maurice Zolotor, Marilyn Monroe).

A Princesa Judia

O anúncio do casamento constituiu, naturalmente, uma verdadeira orgia de publicidade. Quem poderia impedi-lo? Os jornais mudavam suas novas previsões para a data nupcial de edição para edição e até o próprio "Sem comentário" de Arthur Miller ganhou manchete no seu regresso de Reno. Já havia, então, 50 variantes sobre a mesma tão fértil idéia: o Grande Cérebro Americano ia casar com o Grande Corpo Americano. Como Marilyn ia adotar a fé (Sinagoga Reformada), o Post de Nova York, cuja base de leitores era liberal suburbana, sindicatos operários, classe média e — na ausência de outros jornais — também progressista, decidiu analisar a fundo o casamento, apresentando, ainda, uma entrevista com a mãe de Arthur Miller. "Ela abriu-me todo o seu coração", disse a sr.ª Miller, que contou, então, como Marilyn estava aprendendo a preparar peixe *gefille*, borche, sopa de galinha com pão *ázimo*, fígado picado, *tsimis*, batatas *pirogénicas* — Marilyn, obviamente, tinha um longo caminho a percorrer das cenouras e vagens de Dougherty até estas iguarias.

Nesse Interim, a Subcomissão das Atividades Antiamericanas do Senado

resolveu proporcionar uma interrupção a seus planos de casamento. Procurando publicidade, a Subcomissão convocou Miller como testemunha para que explicasse por que razão não lhe haviam concedido um passaporte em 1954. Tratava-se de um velho caso que só surgira de novo pelo fato de Miller ter voltado a requerer um passaporte; desejava ir à Inglaterra para as filmagens de *The Prince and the Showgirl* (1) e estava negociando com o Departamento de Estado, que parecia disposto a recusar-lhe de novo o passaporte (ao abrigo de um regulamento existente para negar passaportes a cidadãos que "apoiassem movimentos comunistas" — embora, em 1956, esse regulamento já se tivesse transformado num instrumento de poder algo embaraçoso). Já tinham passado quatro anos desde o apogeu dos dias de McCarthy e, além da explosão de qualquer nova bomba de hidrogênio, Miller e Marilyn constituíram o assunto mais merecedor da atenção da imprensa dos Estados Unidos. Todo mundo, em Washington, compreendia que a Subcomissão, que já há muito não conseguia um espaço nas colunas

Antes do casamento com Arthur Miller ("O grande cérebro americano"), Marilyn ("O grande corpo americano") teve duas horas para aprender os dogmas gerais e a teoria do Judaísmo.

dos jornais, tinha esperanças, agora, de recuperar parte do prestígio perdido, podendo até citar Arthur Miller por desrespeito se ele se recusasse a testemunhar. Como a publicidade é um anjo das subcomissões, eles eram naturalmente, verdadeiros escravos no seu respeito secreto por Marilyn. Assim, também ofereceram uma solução secreta: se *miss* Monroe aceitasse posar numa fotografia com o presidente Walter da Subcomissão, as dificuldades de Miller talvez comessem desaparecendo. Arthur Miller recusou. Seu advogado chegou mesmo a adverti-lo de que não

contasse a proposta a quem quer que fosse. Quem é que iria acreditar numa tal farsa?

Entretanto, as sessões da Subcomissão ganhavam manchetes dos jornais. Marilyn, por seu lado, obtém a simpatia de todos, desde os democratas liberais até o *Daily Worker*. Afirma à imprensa que seu noivo ganharia. Ainda existe um noticiário filmado que a mostra numa entrevista, nesse período, num gramado de Washington — e ela jamais se apresentara tão bela. Parecia verdadeiramente apaixonada. Poderia ser dito, se nos entregarmos à lógica do sentimento, que ela parecia profundamente apaixonada enquanto ia respondendo lentamente, na insondável e bela confusão em que se encontrava, às perguntas que lhe eram feitas. Tinha uma aparência algo estupidificada, como se estivessem pensando nas horas agradáveis que passaria com Miller em vez de considerar as perguntas que lhe eram lançadas. O mais provável, de resto, era que tivesse tomado algum sedativo. Na verdade, temos sempre de viver em duas vidas — quando pensamos na sua singular vida.

Nesse tempo, uma estrela de cinema ainda podia ser acusada, na imprensa,

de associações esquerdistas e, assim, a sugestão de que seu destino estava associado ao destino de Miller dava-lhe *status* como heroína. Marilyn começava capturando a imaginação dos intelectuais americanos; embora contra sua vontade, eram obrigados a contemplar a remota possibilidade dela não ser tanto uma estrela de cinema quanto uma figura de primeira grandeza na vida dos Estados Unidos — uma figura de um novo tipo. Naturalmente, não iriam muito longe nessa direção até o momento de sua morte. Todavia, como os intelectuais europeus estavam alvoroçados ante esta nova imagem — os Estados Unidos perseguindo o seu mais notável dramaturgo e a sua mais atraente estrela num histerismo neomccarthiano totalmente sofomórfico, etc. — o Departamento de Estado resolveu intervir secretamente e o presidente Walter teve de deter seu sopro, com Miller e Monroe tendo defendido com sucesso sua primeira fortaleza. Miller recebeu o passaporte. Agora, podiam casar e partir para a Inglaterra, para que Marilyn fizesse seu filme com *sir* Laurence Olivier.

Antes do casamento, porém,

continua na página 18

continuação do página 17

Marilyn foi doutrinação pelo rabi Robert Golberg, das cercanias de New Haven, sobre os dogmas gerais e a teoria do Judaísmo (durante duas horas), abraçou a fé, entrou para o rebanho e foi informada de que não havia qualquer vida depois da morte. (Qual seria o orgulho do Judaísmo Reformado se não fosse a ausência de uma vida após a morte?) Uma cerimônia de alianças duplas teve lugar em Katonah, na casa de Kay Brown, o agente literário de Miller, dois dias depois da cerimônia civil em White Plains, que não tivera dia marcado e fora organizada muito rapidamente, na sexta-feira à noite, depois de uma horrida conferência de imprensa na fazenda de Miller, em Connecticut. Isso foi quando Myra Sherbatoff, do *Paris-Match*, morreu num carro esporte, perseguindo o casal tão cobinado, e quando 400 jornalistas, segundo o cálculo de Zolotow (ele estava presente), se reuniram em volta de Milton Greene para saber que teriam apenas 20 minutos para os documentários filmados, 20 minutos para as fotografias, 30 para os repórteres que desejassem fazer perguntas, uma cerimônia tecnológica para o asfixiante calor do meio-dia de

Além de dramaturgo Miller era também o poeta prático que se interessava pelos estudos de dinheiro entrando e saindo da firma Produções Marilyn Monroe, criando problemas com o agente da estrela.

uma fazenda em Connecticut no final de junho.

"Dê-lhe um beijo, Marilyn" entoavam os fotógrafos.

"Uma foto dos pombinhos, por favor!"

Um pesadelo. Todavia, o resultado disso é que, hoje, temos muitas fotos desse dia. Marilyn parecia feliz. A morte, o histerismo da imprensa, o Congresso e os votos religiosos dois dias mais tarde — tudo isso era parte do *tohu-bohu* (se quisermos usar uma boa expressão hebraica) daquilo que sempre foi sua vida pública.

Mesmo assim, que belos eles se mostravam nas suas fotos nupciais. O sóbrio e sensato Arthur Miller era um autêntico escândalo para seus amigos desde que voltara de Reno, pois ele e Marilyn ficavam sentados — cingidos e enroscados — durante horas. Tal como numa escultura hindu, suas mãos passavam sem descanso pelo corpo um do outro, pelos torsos, pelos membros e até pelas partes mais íntimas diante dos olhos de todos os presentes, uma atividade pouco recomendada perante cínicos, mas era como se o herói e a heroína declarassem ao mundo que, apesar da extensão da erudição sexual de Marilyn e da limitada educação de Miller, eles se encontravam, agora, como iguais, na arte dos deuses. Eram amantes e essa é a única lei de equilíbrio na termodinâmica sexual. Imolariam o passado com o calor do presente. Miller comprou-lhe uma aliança de ouro e mandou gravar nela o seguinte: "A para M. junho de 1956. Agora é Sempre." Tratava-se de uma fervente consequência dos sentimentos de confiança, fossem eles quais fossem, que ele escutava palpar no seu coração.

Existe, em retrospecto, um diálogo interessante durante o dia do casamento de Quentin e Maggie na peça de Arthur Miller, *After the Fall* (2):

MAGGIE: ... você falou que temos de amar o que aconteceu, não foi? Até mesmo as coisas ruins.

(2) Depois da Queda.

QUENTIN: Minha querida — um acontecimento, só por si, não tem a menor importância: o importante é o que você recebe dele. O que quer que lhe tenha acontecido antes, isto é o que você procurou — e eu amo isto!

Um pouco mais adiante, Maggie diz:

QUENTIN: Não, já não riço, minha querida, eles vão ver o que eu estou vendo...

MAGGIE: E que vê você? Diga-me! (Como se explodisse de dentro dela) Pois eu penso que você... teve vergonha, de início, não teve?

QUENTIN: Posso ver seu sofrimento, Maggie, e uma vez que o vi, a vergonha desapareceu no mesmo instante.

MAGGIE: Mas você... teve vergonha?

QUENTIN (com dificuldade): Sim. Mas você é uma vitória, Maggie, você é para mim como uma bandeira, uma espécie de prova, de certo modo, de que as pessoas, afinal, podem vencer.

Trata-se de seu estandarte. Ninguém pode continuar sendo um escritor esquerdista se não acreditar que aqueles que sobem na vida, vindos de

espírito progressista pela dificuldade dialética jamais se mostrara tão evidente!) Podemos, agora, ser testemunhas de uma pequena parte do seu primeiro encontro. Ocorreu na casa de Strasberg antes do casamento e a excitação de Marilyn é fácil de imaginar. Mas tudo saiu errado. Marilyn começou falando de um disco muito especial — Woody Herman tocando Stravinsky — que Lee Strasberg tocara para ela. Arthur Miller desejou compartilhar esse prazer e Strasberg colocou o disco na vitrola. Um disco maravilhoso, disse Arthur, perguntando, também, onde o poderia comprar. Não é possível comprá-lo, assegurou-lhe Strasberg. O disco era o único existente. Arthur examinou-o. Tinha um rótulo comercial. Talvez fosse difícil encontrá-lo, sugeriu Arthur, mas não podia ser o único existente. É claro que se trata do único, declarou Strasberg, terminando a discussão. É evidente, pensou Miller, que Strasberg fora descoberto em alguma mentira que contara a Marilyn em outra ocasião, gabando-se de que possuía o único Woody Herman-Stravinsky. Não, não

Goldwater, ele estava pronto para conservar suas meias!). Havia 1,5 mil dólares de excesso de bagagem, sendo que 1.333,33 era a parte de Marilyn, e eles foram cercados por centenas de jornalistas nos aeroportos de Nova York e de Londres. Guiles contou que Miller se encontrava num estado quase de choque quando eles foram conduzidos do terminal aéreo para o avião, "com braços desconhecidos amparando-os pelos cotovelos... sem ar para respirar... com as vozes transformando-se num rugido abafado... um pouco como um afogamento". Miller revelava toda essa tortura na sua expressão para os fotógrafos. Os cantos de sua boca eram como rugas no sorriso de um dragão de pedra. Dados os severos princípios do dragão, esta devastação publicitária jamais terminaria. Ele viria a sofrer ainda mais, talvez, quando se encontrou tentando sentir algum prazer naquilo tudo. Sua vontade de se torturar era algo remanescente de Richard Nixon tentando ser jovial.

Já no aeroporto de Londres, foram acolhidos por sir Laurence Olivier e sua mulher, Vivien Leigh. Um dos

preparando para ela toda uma coleção, que lhe duraria a vida inteira, de suítas de casemira bordadas à mão: um grupo de *toddy boys* convidado-a para que ela fosse comer peixe com fritas em *Penge*, um subúrbio de Londres.

Mas era tudo uma comédia, pois os Miller estavam atados com nós de classe. A pronúncia inglesa, especialmente a de Laurence Olivier, tinha de lhes recordar, forçosamente, que ela era filha de uma rua que era quase uma favela e que ele era um rapaz de Brooklyn. Marilyn disse as coisas mais erradas na sua primeira conferência de imprensa. Os ingleses não se importavam que ela fosse espirituosa ou apenas refrescantemente burra, mas ela teria de ser uma ou outra coisa — em vez disso, mostrou-se pretensiosa.

"Você ainda dorme com Chanel n.º 5?"

"Considerando que estou na Inglaterra, digamos que estou dormindo, agora, com alfazema da Yardley". Isso não era um grande bálsamo para os narizes ingleses. Era como se apregoa-se o Catolicismo em *Notre Dame* — eles já tinham escutado essa!

"Pode dizer-nos quais são as suas preferências em música?"

"Eu gosto, bem, eu gosto de Louis Armstrong e, bem, de Beethoven"

"Oh! Beethoven"? Podemos imaginar o sotaque nasal das ondas anglicanas na Baía de Beethoven. "E que números de Beethoven em especial, miss Monroe?"

Marilyn deu uma inevitável resposta americana. "Eu tenho uma terrível memória para números". E, depois, a recuperação: "Mas conheço-os, quando os escuto". Não poderia haver erro pior do que esse! Não se pode oferecer o que quer que seja aos ingleses, a não ser que se ofereça algo de completo. Eles não toleram "papos" que vão de um assunto para outro, sem antes se completarem.

Arthur Miller, por sua vez, mostrou-se verdadeiramente lúgubre. Os ingleses também não precisavam do seu gelo. Como frio, eles têm seus próprios castelos. Miller foi descrito a

Aos ingleses, Marilyn pareceu pretensiosa e burra quando disse gostar de Beethoven mas não saber que números do compositor eram os seus preferidos. "Eu tenho uma terrível memória para números", desculpou-se.

Zolotow por um amigo londrino como "frio e tão congelado quanto um peixe". Marilyn e Miller recusaram convites para festas e recepções, não tendo convidado uma só pessoa, em retribuição. Começavam muito mal.

Não tardaram a deparar-se com um novo problema. Olivier detestava o método. Onde estava Milton Greene, que tivera a genial idéia de convidá-lo para diretor do filme? É possível, até, que Olivier fosse o mais notável representante em todo o mundo da escola de Coquelin. Um ator, segundo ele, devia estudar seu papel em casa, chegando ao estúdio com uma caracterização perfeitamente preparada. Não devia chapinhar nas profundezas. Assim, o ator só teria de dar sua mensagem, sem preocupações quase metafísicas. Eli Wallach contou que, certa vez, levava Olivier ao Actor's Studio para que este observasse o método em ação. "Meu caro rapaz", disse sir Laurence Olivier, "por que razão não começamos nós a Escola Eli Wallach de Fornicação?"

Pode ser dito sem grande esforço que a maioria da população masculina e feminina da Inglaterra é constituída por bons atores amadores, bem



houve amor à primeira vista entre Miller e Strasberg.

Todavia, iriam todos, naquela viagem de núpcias, para a Inglaterra a fim de trabalhar no filme *O Príncipe Encantado* — todos eles: os Miller, os Greene e os Strasberg. Uma tróica! Strasberg não se sentia mais feliz com Greene. Meio ano antes, consultado por Milton Greene sobre a viabilidade de ter Laurence Olivier como diretor do filme, além de ser o principal protagonista masculino, Strasberg não lhe dera mais do que uma vaga opinião no sentido da possibilidade "ser uma boa idéia". Greene aproveitara-se imediatamente dessas palavras como sua oportunidade para telegrafar a Olivier uma oferta firme como diretor. Um mal-entendido, concordariam eles, mas quem é que poderia ter a certeza, incluindo o próprio Greene, de que o motivo secreto fora eliminar qualquer possibilidade de Strasberg vir a dirigir seu primeiro filme — ou teria Greene desejado estar nas boas graças de Olivier, para a eventualidade de futuros filmes com ele? Quem poderia saber? Nos negócios, a ambiguidade envenena mais relações do que a traição.

Marilyn viajou como a sua espécie de rainha. Recordações de Zeldas! Os Miller partiram de avião para a Inglaterra com 27 malas (das quais três eram de Arthur — tal como Barry

fotógrafos foi esmagado e espezinhado pela multidão. Depressa se puseram a caminho, numa caravana de 30 carros, em direção a uma "vasta propriedade alugada" em Eggham no ambiente real do Parque de Windsor. Esperavam um "cottage", mas encontraram uma imensa mansão inglesa. Na Inglaterra, garantiram-lhes, todos os lares de uma só família eram chamados "cottages".

A prosa da imprensa inglesa foi entusiástica. Um semanário de Londres publicou uma edição especial dedicada a Marilyn Monroe. Tratava-se de uma honra jamais concedida a um ser humano desde a coroação da Rainha Elizabeth. "Ela está aqui," dizia o *Evening News*, também de Londres. "Ela caminha. Ela fala. Ela é, realmente, tão deliciosa quanto morangos com creme". O filme *The Seven-Year Itch* (3) tivera exatamente o tipo de sucesso que seria de esperar na Inglaterra, onde muitos ingleses se podiam identificar com Tom Ewell. Todo mundo esperava, é claro, que Miller fosse inteligente, admirável e romântico — um cavaleiro de grande estatura que estivesse disposto a ir para a guerra contra o terrível e desagradável McCarthy. A Inglaterra oferecia a sua ostra.

Marilyn estava convidada para ser a patrona de um jogo de cricket de caridade em Tichborne Park e para provar a solidão embaladora da ilha de Arão: a indústria têxtil escocesa estava

(3) O Pecado Mora do Lado.

treinados no estilo Coquelin. Um ator, na Inglaterra, vive na criação de sua própria interpretação e interpreta da maneira que se tornar necessária. Não havia aquela história americana, muito crua, dos atores tropeçarem até o momento decisivo, contando, até então, com a caridade de todos. Poderemos nós conceber uma situação pior para Marilyn? Ela encontrava-se num campo de extermínio para os milhões de células em cada um dos cérebros dos seus colegas, enquanto ela esgotava a paciência deles — sim, Tony Curtis diria que beijá-la era o mesmo do que beijar Hitler e sir Laurence Olivier disse a Milton Greene que estava próximo de começar

Marilyn telefonou para seu professor de representação, Lee Strasberg: "Lee, como é que se faz para ficar sexy, assim, de repente? Que devo eu fazer?"

"guinchando"! O que fazia tudo ainda pior era que a sua tróica quase não estava puzando seu carro. Milton Greene estava sendo muito suave e gentil para com Olivier; Miller estava sentindo-se esmagado pela superioridade inglesa e, secretamente, respeitava demasiado sir Laurence. Strasberg disparava declarações, à maneira da Grande Bertha, de Londres, bem longe, a muitas milhas de distância do estúdio. "Por que razão dizia Olivier que tinha dificuldade com ela", comentou ele, anos mais tarde. "Eu diria que ela é que teve dificuldades com ele", mas Strasberg já era uma arma obsoleta para guerras como esta.

Quando Olivier fora advertido em muitas mensagens de Logan para que fosse paciente com Marilyn, para que não levantasse sua voz nem esperasse um "comportamento disciplinado em cena" e Olivier prometera controlar-se e agir de um modo "simpático e agradável", é bem possível que ele já desdenhasse a situação mesmo antes do filme começar. Olivier já representara *The Sleeping Prince*, como peça teatral, com Vivien Leigh e, assim, estava fazendo este filme pelo dinheiro e não para a glória da carreira de Marilyn Monroe. Esta, por outro lado, tendo em si todo o esnobismo que lhe permitia considerar ser princesa de Mônaco, tinha de apressar-se a decidir que estava representando ao lado do mais majestoso de todos os atores — sua própria coroa secreta! Agora, já podemos medir o grande e real vazio do orfanato em comparação com a sua nobre ambição de então — contudo, ela estava perante um Olivier que transbordava de uma tal hostilidade que nem mesmo podia engolir as recomendações para cuidar com carinho uma atriz perfeitamente selvagem até esse momento mimada e pouco tendo sofrido de qualquer *l'es-majesté*, bem como para cuidar, também, da loucura do método e do dinheiro americano, de pretensiosos e subdesenvolvidos Millers, de papões Strasbergs, não, sir Laurence Olivier não tinha grande paciência e feriu o ego real de miss Monroe, logo na primeira semana de trabalho, quando lhe ordenou: "Bem, Marilyn, agora seja sexy"! Isso era o mesmo que pedir a uma freira que tivesse relações carnaís com Cristo. Olivier denunciara esse pequeno abismo, mais largo do que o Atlântico, que havia entre o método e o Coquelin. Segundo a escola Coquelin, cheia de bom senso, não era preciso muito tempo para uma atriz se tornar sexy. Se Deus era suficientemente bondoso para lhe dar essa qualidade, então, vamos, Marilyn: mostre-nos! Na realidade, os atores ingleses de menor realza que estavam no estúdio aguardavam, impacientes, com risadinhas excitadas. Esperavam

que a máquina do sexo começasse funcionando.

Mas, no método, um ator não se torna sexy. Marilyn telefonou para Strasberg, em Londres. Sua voz quase queimava os fios. "Lee, como é que se faz para ficar sexy, assim, de repente? Que devo eu fazer"? Marilyn não podia ser consolada. Olivier pisara as ternas raízes da ontologia e revelara seu desdém secreto por ela. "A mais endiabrada e desagradável coisinha"... Balzac, quando descreveu um burguês que comprara um título nobre falso, poderia fazer justiça à ira de Marilyn. Agora, Olivier iria receber uma lição dela. Esse pequeno inglês pretensioso aprenderia que a sexualidade não era um estremecimento no *picle*, mas sim toda a evocação da mulher inteira em relação com o papel inteiro: Marilyn começou por informar que estava doente. O elenco foi rapidamente advertido por Greene para que não desse risadinhas quando ela aparecesse em cena e, assim, os ingleses passaram a ser fúnebres sempre que ela surgia.

Depressa se encontraram na situação já muito familiar de não saber se ela chegaria duas horas atrasada, quatro horas atrasada ou se não chegaria de todo. Manhã após manhã, Miller telefonava para dizer que ela estava doente. Na realidade, estava tomando quantidades industriais de comprimidos para dormir. Arthur começava descobrindo o turbilhão. ("Eu tenho uma terrível memória para números".) Havia noites em que ela não conseguia dormir de todo. O número incontado de comprimidos aumentava. Depois, havia sempre o risco. Deveria ela tomar mais alguns comprimidos para dormir pelo menos um par de horas e para se entregar, no dia seguinte, num torpor drástico, a um dia de trabalho — ou deveria ela alcançar a manhã sem ter dormido, procurando trabalhar à força de estimulantes? E com os olhos todos vermelhos? Ou seria melhor esquecer o trabalho e perder mais um dia? Miller ficava de vigília. Já havia intimidades de que o balde dentro do qual ela descia ao poço estava amarrado com uma corda muito gasta. É justo perguntar se Miller ainda estava repleto de amor ou se a raiva ante os hábitos de Marilyn também já começara a dominá-lo. Ele era, então, um homem extremamente ambicioso. À sua maneira, era tão ambicioso quanto ela e, se Marilyn tivesse sido uma atriz na escola de Coquelin — um pequeno pomenor! — e pudesse ir trabalhar a horas, eles talvez tivessem ido longe, juntos. Duante aquele tempo, em Washington, quando ele lutava pelo seu passaporte, ele deve ter pensado uma ou duas vezes que nenhum cargo nacional seria, necessariamente, demasiado pequeno para ele. O público amava tanto os dois! Em vez disso, anos depois de um trabalho incessante e dificultado pela vida, ele estava escrevendo menos do que jamais o fizera. Ele era o deus de Marilyn, seu guardião, seu servidor e adador. Alguns velhos amigos, muito impressionados por sua importância no passado, ficavam horrorizados, agora, ao ver Miller colando recortes dos jornais, sobre Marilyn, num grande livro de recordações ou sempre perto dela, para aprovar as fotografias e as poses de sua mulher. Greene, que lia melhor a situação, sentia que Miller estava mergulhando em todos os recantos do negócio cinematográfico como se preparasse para substituí-lo.

Na verdade, Marilyn irritava Miller profundamente, com certeza, naqueles intermináveis dias em que ela decidira adotar a solução mais simples. Já tinha a consciência — em demasia, por certo! — da capacidade de Marilyn para infligir estragos nas suas guerras secretas. Miller nada podia fazer para ajudar — tinha uma grande simpatia por Olivier. O honesto amante judeu, como tal, tinha de escrever "uma carta do inferno" e deixá-la num lugar em que ela a descobrisse. (Talvez pensasse que suas palavras pudessem reorientar adequadamente o coração de Marilyn.) Ela, contudo, ao ler essas poucas linhas (que encontrara em cima da escrivinha), telefonou de novo a Strasberg. Guiles recorda-nos o

incidente:

Ela estava tão perturbada ao contar a história que não é fácil determinar exatamente o que Miller escreveu, mas Strasberg recorda que havia uma grande indignação na sua voz. "Era algo", dissera-lhe ela, "sobre como ele fora desapontado por mim. Eu fora, para ele, uma espécie de anjo, mas acreditava, agora, que se enganara a meu respeito. Disse também que a primeira mulher o desiludira, mas que eu fizera algo de pior. Olivier, ao que parece, começava pensando que eu era um demônio mesquinho e que ele (Arthur) já não tinha uma resposta adequada para isso".

Os Strasbergs, naturalmente, viriam a acreditar, anos mais tarde, que o episódio fora "a semente da sua destruição". Miller, por seu lado, também, naturalmente, viu o episódio como mais um, entre muitos. Marilyn, sempre pronta para mudar o cemitério de cada cadáver no seu passado, diria, depois de se ter separado de Miller, que este dissera que ela era uma devassa. Na sua peça, *After the Fall*, Miller registrou o episódio e deu esta linguagem àquelas linhas que escrevera para ela: "A única pessoa que poderei amar sempre é minha filha. Se, ao menos, eu pudesse encontrar uma maneira honrosa de morrer". Que pesadelo estava começando para ele! Tratava-se apenas do caldeirão no qual Marilyn passara sua vida, mas ele não tinha hábitos para tanto.

O filme ia progredindo com ausências, interrupções, crises. O próprio Olivier estava próximo do colapso. A ironia é que, quando vemos *O Príncipe Encantado*, o filme é bem melhor do que seria de esperar, depois

"Pensei que ela jamais conseguiria destacar-se na tela, era de um nível tão baixo! Mas quando a vi na tela, meu Deus, como ela aparecia! Era uma autêntica revelação".

da história da sua realização, mas isso deve-se ao fato de Marilyn ser extraordinária — será que as maravilhas jamais cessariam?

A dama Sybil Thorndike, que representou o papel de rainha-mãe, chegou mesmo a dizer, depois do filme terminado: "Pensei que ela jamais conseguiria destacar-se na tela, era de um nível tão baixo! Mas, quando a vi na tela, meu Deus, como ela aparecia! Era uma autêntica revelação. Nós, do teatro, tendemos sempre para dar muito, para exagerar. Ela era o inverso. Pensei mesmo que era a perfeita atriz cinematográfica. Vi muitos filmes dela, desde então, e estava sempre presente essa qualidade perfeita".

Além disso, também estava encantadora. Milton H. Greene era um autêntico gênio em maquiagem, disso não restam dúvidas. Marilyn jamais exibira uma paleta feminina tão maravilhosa, suas cores vivendo nas sombras de um jardim inglês. Um tom qualquer não podia surgir no seu rosto sem ser comparado ao tom da pétala de uma flor. Seus lábios eram rosa, suas faces tinham todos os rubores rosados. Sombras de alface perdiam-se no meio de seus cabelos. Uma vez mais, Marilyn habitara cada recanto do filme.

Naturalmente, Olivier, por sua vez, também não deixou de ser excelente. Ele era um ator demasiado grande para não oferecer uma certa delinação final de um arquiduque dos Bálcãs. Se havia mil virtuosidades no seu sotaque, isso deve-se a suas virtuosidades se ierem encontrado sempre dentro de outras virtuosidades — uma bela e intrincada construção

feita com um baralho de cartas. O que sucedeu, porém, foi que ele representou como se sozinho. Ninguém, entre o público, acreditou nem por um só momento que ele se sentia atraído por Monroe. (Na verdade, ele era mais plausível quando mostrava seu desdém por ela: "Ela é tão *comme il faut* quanto um rinoceronte"! Quisesse ou não, ele enfatizava, por conseguinte, o alto nível de maquiagem no roteiro.

O dia chegou, finalmente, em que Paula Strasberg atacou com "torrentes de amor e de interesse próprio". Ela disse a sir Laurence Olivier que sua interpretação era artificial. Não tardou a ser banida do estúdio e a ser enviada de volta aos Estados Unidos. (Olivier, de certo modo, jamais conseguira habituar-se ao hábito de Marilyn de se afastar dele para ir conferenciar com Paula.) A sra. Strasberg calra na frente de batalha, mas do lado certo, lealmente. Depois disso, Paula trabalharia com Marilyn durante todo o resto de sua vida. E Milton Greene acabaria por perder o ônibus. Do ponto de vista de Marilyn, ela era a produtora do filme, mas não tinha o controle artístico. Greene entregara-o todo a Olivier! Podemos imaginar sua raiva, além da forma como ela e Arthur falaram sobre Milton Greene, depois deste anunciar à imprensa britânica sozinho que estava pronto para montar uma subsidiária inglesa da firma Produções Marilyn Monroe para realizar filmes na Grã-Bretanha. Como Milton devia ignorar os sentimentos de Marilyn! Parece óbvio que ela não os tinha revelado suficientemente!

Miller telefonou para Greene, mas sua ira era tal que começara gritando e tudo o que Greene podia escutar era um rugido incoerente. Ele ainda recorda sua impaciente resposta: "Se você quer falar comigo, então, homem, fale mesmo. Se continuar gritando, não estarei disposto a escutá-lo". Como o rugido prosseguisse, Greene desligou abruptamente.

Sem a menor sombra de dúvida, Milton Greene já começara medindo o início do final de suas relações com Marilyn Monroe e a sua companhia de produções. Pobre Greene! Além disso, foi forçado, também, a servir de emissário de Olivier ao informar Paula Strasberg de que seus serviços já não eram precisos e de que ela devia partir. Em dado momento, durante essas semanas de guerrilha, Monroe convocou seu psiquiatra, que estava em Nova York, e atrasou a produção por mais uma semana.

Para ficarmos com mais um sabor das relações mútuas pouco antes de Paula Strasberg ser banida, teremos, uma vez mais, de ter alguma confiança em Zolotow. Se este vislumbre de uma cena não é a expressão da verdade, sabemos que deveria sê-lo:

Certo dia, quando Marilyn Monroe estava sendo insuportavelmente lenta em tudo o que fazia, Laurence Olivier disse algo sobre apressar um pouco as coisas. A sra. Strasberg, então, redarguiu: "O senhor não deveria apressar Marilyn. Afinal, Chaplin levou oito meses para fazer um filme".

Olivier olhou de Marilyn para a sra. Strasberg e desta para Greene. Não disse uma só palavra, mas sua expressão indicava que a comparação entre Monroe e Chaplin era, possivelmente, o mais nauseabundo comentário que jamais escutara em toda a sua vida.

Olivier estava errado. O esnobismo inglês estava outra vez construindo impérios só para, depois, os destruir. Todos os interessados terminaram o filme numa nuvem de ódios e Marilyn fez um pequeno discurso ao elenco: "Espero que todos vocês me desculpem. A culpa não foi minha. Estive muito, muito doente durante todo o tempo das filmagens. Por favor... por favor, não me culpem por tudo".

Marilyn foi apresentada à rainha. Não adiantou. Ela já perdera a imprensa britânica. Mostraram-se superiores e quase indiferentes na sua despedida. Ela não tinha o toque popular. Não sabia, da forma como Winston Churchill sabia, como comer

peixe com fritas com o povo, com os *cockneys*.

Os Miller regressaram aos Estados Unidos. O sonho de estarem destinados a um grande e poderoso casamento já começara, por certo, vacilando. Gostaríamos de ter uma foto do rosto de sir Laurence Olivier dizendo-lhes adeus!

Voltaram para o apartamento de Greene, em Sutton Place, e dividiram seu tempo entre Nova York e a fazenda de Miller em Connecticut. O metralhar da batalha da publicidade cotidiana começou esmorecendo. Marilyn e Arthur começaram vivendo um pouco da vida de casados que Miller tinha idealizado. Mais tarde, ele veio a indicar que aquele outono, o inverno e a primavera, mais o verão que passaram juntos em Amagansett, constituíram o seu período mais feliz e, se isto se chocava com a opinião dos Strasbergs no sentido de que o casamento já fora ferido de morte pela descoberta daquelas palavras escritas por Miller em Eggham, é melhor reconhecer que o seu casamento precisava de amor para entrar a serviço da medicina. Assim, durante um dado período, ele seria o mais dedicado médico da vida de Marilyn e esta, por seu lado, retribuía-lhe o carinho — da mesma forma como as jovens cristãs devem amar seus médicos judeus. Havia uma tal vontade de curá-la! Todas as primeiras peças de Miller tiveram um tema progressivo: o mal social deriva de mentes enojadas pelos valores desumanos. Essas mentes só podiam ser curadas se o coração fosse tratado. Miller amava o coração de Marilyn. É interessante notar que Paula Strasberg, entrevistada em Nova York depois das filmagens de *O Príncipe Encantado* (o que é o mesmo do que dizer pouco depois da cena de Eggham), se mostrou suficientemente desinibida para dizer: "Nunca vi uma temura e um amor iguais aos que Arthur e Marilyn sentem um pelo outro. Como ele aprecia Marilyn! Não creio que qualquer outra mulher que

Depois da crítica fase das filmagens na Inglaterra com Laurence Olivier, Marilyn e Arthur começaram a viver um pouco da vida de casados que Miller tinha imaginado. Mais tarde ele chegou a considerar esse período o mais feliz do casamento.

me tenha sido dado conhecer fosse jamais tão apreciada por um homem". Ao que parecia, a cena de Eggham não chegara a fazer ruir as paredes.

Na realidade, eles tinham uma vida de bons e maus dias, o que é a linha constante de qualquer casamento. Na Inglaterra, ele fora um fracasso para ela. Na peça *After the Fall*, Maggie grita: "Você deveria ter chegado na Inglaterra rugindo! Em vez de se mostrar um liberal cortês e de fazer declarações...". Greene, por seu lado, comentou: "Ela queria um *fuehrer* para lidar com Olivier e ganhou um intermediário". Não, Marilyn não queria o discernimento de Miller na complexidade da situação do artista no seu trabalho. Assim, Miller fora, sem dúvida, um fracasso na Inglaterra e, em Eggham, fora mesmo um traidor. Mas o casamento ainda não estava morto. Marilyn precisava profundamente de uma cura. Sua doença era feita de toda aquele acúmulo de doenças que ela adiera do passado, de todo aquele congresso

continua na página 20

continuação da página 19

sexual com homens que ela não amava e de todas aquelas horas inacabadas com homens a quem amava, de todas as mentiras que ela contava, de todas as mentiras contadas sobre ela, de todas as humilhações ainda não vingadas, dormindo como escorpiões famintos na carne inquieta. Fior ainda Doente de toda a insanidade da família e, também, de seus próprios nervos esgotados. Além, é claro, da necessidade de descansar em qualquer identidade final. (Marilyn chegou mesmo a dizer, na sua última entrevista para a revista *Life*, com Meryman, o seguinte: "Meu trabalho é o único solo em que me tenho apoiado... para falar francamente, parece que tenho toda uma superestrutura sem qualquer fundação".) Apesar dela ter conhecido os melhores atletas sexuais de Hollywood (essa capital do sexo) e de Miller não passar, por certo, de um inibido habitante de Brooklyn, a

Mas não há muita evidência de que eles tivessem num tal estado. Como sempre sucedera na vida de Marilyn, ela vivia numa condição constante de semimentira, que ela impunha a todos como sendo uma verdade absoluta — afirmando que Miller a adorava acima de tudo, como se ela fosse uma deusa. Como Miller também era um homem com certas necessidades separadas, além de se aproveitar apenas dos talentos de Marilyn, sim, sempre que ele emergia como uma pessoa separada — uma expressão destruidora de romances! — essa semimentira ou simiverdade de que a adorava sem limites tinha de entrar em colapso.

Don't Kill Anything:

As ondas já embatiam na rede, agora, mas eles ainda não podiam ver um só peixe. Ela levou suas duas mãos às faces e disse: "Oh! Eles agora vão saber que foram pescados"! Depois, riu. "Cada um deles deve estar tentando adivinhar o que lhe está acontecendo"! Ele estava contente por ela estar zombando de si própria, mesmo se seus olhos estavam fixos, medrosos, na rede ainda quase totalmente submersa. Em seguida, ela olhou para seu marido e disse: "Oh! Meu Deus! Eles, agora, serão apanhados mesmo!"

Ele ia dizer alguma coisa, para explicar, mas ela prosseguiu, falando

que o desejo que ela tinha de se suicidar também o mataria completa e eficazmente aos olhos da sociedade. "Ei sou tudo o que há de cruel no mundo, não sou"? perguntou Quentin a Maggie durante uma dessas tentativas. "Um suicídio mata duas pessoas, Maggie, é para isso que serve!"

Miller, naturalmente, também tinha suas próprias contradições. Ele era um modelo de amor e de parcimônia, de generosidade e de furto. Se ele veio a ela como um homem explodindo com o desejo de oferecer seu amor a alguém que estava precisando desse amor, ela, por seu próprio lado, devia sentir todo o prazer de um ladrão que assalta um avaro notório. Que tesouro havia nesse repertório! Pela primeira vez na sua vida, Marilyn podia viver num ambiente em que era adorada, adorada duas vezes, primeiramente como estrela e, depois, por ter escolhido Arthur e, assim, preferido a classe culta e o teatro aos capitalistas, aos esportistas profissionais ou a Hollywood. Além disso, contava com os fundos quase ilimitados da atenção de Miller — era uma atenção tão especial e tão amante! Ela tinha, na realidade, o mais talentoso escravo do mundo. E Marilyn sentia uma necessidade total de manipular um escravo depois de uma vida em que seus nervos tinham sido puxados e repuxados pelos imperativos de outras pessoas.

Esse, contudo, era apenas um dos lados de Miller. Ele também era ambicioso, limitado e estreito de espírito, um intelectual que tem sido desdenhado, muitas vezes, por críticos fora do ramo teatral, devido, justamente, às suas falhas intelectuais. Além disso, ele não se desenvolveu o suficiente para poder fazer face a essas críticas. Ao contrário, reforçou ainda mais suas velhas muralhas. Ele tem um autêntico terror do tipo de nova experiência que poderia abrir suas

Seria sua ambição secreta vir a ser um produtor de Hollywood? Ou queria, apenas, servir-se dela para não passar fome? Essas suspeitas tão mesquinhas esquentam sempre os dinamos de toda a insanidade acelerada. Repetidas vezes, durante os bons meses passados em Amagansett, ela mergulhava em súbitas depressões, inexplicáveis para Miller. O que ele não sabia reconhecer era o fato, quando lidava com a totalmente incalculável complexidade de uma mulher, dele também ser um enigma para ela e, ao contrário dele, Marilyn enojava-se, ficava doente ante qualquer mistério. Esse mistério não oferecia quaisquer novas linhas literárias de trabalho, mas estava relacionado com o abismo.

Em Amagansett, também descobriram que ela estava grávida. Na sexta semana, ela já sentia tantas dores que eles tiveram de partir apressadamente para Nova York para Marilyn sofrer uma operação. Foi anunciado que a gravidez era tubular. Mas havia uma evidente ambiguidade mesmo nisto. Resta saber se as gravidezes de Marilyn eram tubulares ou histéricas. Greene afirma que, certa vez, ela sofrera um terrível aborto que lhe impossibilitara a ficar grávida. Miller, numa entrevista, disse que ela não podia, mas, mais tarde, nessa mesma entrevista, disse que pensava que ela tivera uma gravidez tubular. Trata-se de uma confusão que ela própria talvez tenha divulgado e que ainda persiste. Aquilo que poderá constituir uma explicação melhor, de uma amiga que conhecia Marilyn muito bem, é que ela tivera muitos abortos, talvez até mesmo 12! E, em certos lugares baratos — pois muitos desses abortos ocorreram nos anos em que ela era modelo ou apenas uma atriz secundária — seu interior ginecológico deve ter sido indescritivelmente marcado, aumentando, assim, sua propensão para as gravidezes tubulares. Como seus períodos menstruais eram insuportáveis de dor — "a dor era tal que ela chegava a contorcer-se no chão" — um médico começou inibindo sua menstruação com uma droga que antecipou a pilula e, não podendo ficar grávida, ela "numa compensação histérica, pensava que o estava. Poderá conceber que terrível efeito isto devia ter nela?"

• "E ela nunca usou um diafragma?" "Detestava-os", disse essa sua amiga. "O que as pessoas não querem compreender é que Marilyn amava o sexo". (Estamos no *Rashomon* (4), uma vez mais!) "Não creio que ela tenha passado uma só semana na sua vida sem ter um homem a seu lado. Ela tomava o sexo com os homens da maneira como os homens, antigamente, tomavam o sexo com as mulheres".

"Isso não impedia que ela precisasse de comprimidos para dormir".

"Ninguém é perfeito".

Agora, com Miller, fiel a Miller, ela faria uma operação e, depois, mais outra, para tornar possível ter um filho, enquanto, ao mesmo tempo, afirmava já ter tido outras gravidezes — o que parecia ser mais constante era, porém, a profundidade da depressão que ela sofria quando cada gravidez — real, tubular ou histérica — terminava. Era como se o veredito de Zanuck, que a considerara uma tarada sexual, estivesse sendo confirmado. Se poucas são as mulheres que não sentem uma depressão depois de um aborto natural — elas estão lidando, afinal, com um mistério que fosse qual fosse a razão, preferia não nascer — qual seria, então, a avalanche de depressão sofrida por Marilyn? A lógica muda do suicídio afirma que uma morte prematura é melhor para a alma do que a lenta extinção através do sofrimento de anos deteriorantes.

(4) Filme japonês em que um mesmo fato é contado diferentemente pelos vários personagens que viveram.

continua na página ao lado

Como sempre acontecera na vida de Marilyn, ela vivia numa condição constante de semimentira, que ela impunha a todos como sendo uma verdade absoluta — afirmando que Miller a adorava acima de tudo, como se ela fosse uma deusa.

verdade é que ela o amava. Ele foi o primeiro homem que Marilyn conheceu sobre quem poderia fundar uma identidade, ser Marilyn Monroe, a esposa de Arthur Miller. Isso, só por si, podia proporcionar-lhe tanta felicidade que ela foi capaz, pelo menos durante um determinado período, de lhe conceder aquela comum e indispensável ficção para o sucesso do casamento — você é o melhor amante que já tive. É claro, *melhor amante* era a sua própria categoria feliz. Muitos homens e mulheres já tiveram uma vida sexual com vários amantes que parecem ser, um de cada vez, o *melhor*, um amante para cada face do "melhor" sexual; de certo modo, há sempre umas 20 faces melhores. Dificilmente seria anormal se, sentindo certa ternura com Miller, que não conhecera, necessariamente, antes dele, ela decidisse que a ternura era, sim, melhor, que a ternura era melhor, até, do que o número de chegadas sexuais certificadas — chamem o dr. Kinsey! — que, em tempos, haviam sido melhores, ou do que alguma descarga elétrica de alta voltagem na estratosfera da árvore sexual, sacudida, algum sabor de liberdade (a liberdade de fornicar!), qualquer categoria pode ser melhor: lábios, cheiro, pele, *seja o que for* — não existe padrão que nos impeça de decidir que o nosso sexo atual, no momento, se encontra no seu máximo. É claro, nós todos temos de envelhecer — esse pequeno problema! Todavia, podemos sempre levar nosso passado sexual para o presente (tal como Miller sugeriu em *After the Fall*), mas, nesse caso, só podemos fazer com que o amante presente seja igual à soma de tudo o que houve antes se também estivermos aumentando, isto é, se nos estivermos tornando mais sábios, mais espirituosos ou se formos possuídos por mais força psíquica. Temos de transcender o que é passado — pelo menos nas nossas emoções, se não nos nossos corpos. A emoção tem de passar pela tristeza do passado sem autopiedade; e, assim temos de encontrar mais riqueza no coração — uma "pedida" de certa envergadura!



Arthur Miller

Onde ela afirmara uma verdade absoluta que não era fundada na verdade, agora havia uma negação absoluta, igualmente mal fundada. Ela não a amava de todo, veio ela a dizer. Só desejava servir-se dela.

Uma imagem de tais oscilações emocionais é-nos revelada pelos seus hábitos em Amagansett. O verão de 1957 foi o período em que ele trabalhou melhor como o Jovem Doutor Miller e, muitas vezes, até conseguiu fazê-la abandonar os comprimidos para dormir ou reduzir as doses durante uma ou duas noites por vezes, ela até conseguia dormir. Restaurada por aquele diminuto repouso, havia dias em que Marilyn revelava uma interminável energia e uma extraordinária sensibilidade pelo menos aos olhos de seu amante. Era suficiente que ela observasse as pétalas de uma flor para que a apreciação total de seu adorador fosse invocada — "ela era capaz de olhar uma flor como se nunca tivesse visto algo de parecido em toda a sua vida", diria ele numa entrevista — e também podemos ter um vislumbre daquilo que havia de terno e atraente entre eles na seguinte citação que Guiles selecionou para nós do conto de Arthur Miller, *Please*

rapidamente: "Já sei que não é cruel, se for para comê-los. Eles vão comê-los, não vão?"

"Vão vendê-los para as peixarias", respondeu ele, falando num tom suave, de maneira que o velho pescador que estava puxando a rede não o escutasse. "Alimentarão muita gente".

"Sim", concordou ela, como uma criança tranquilizada. "Vou olhar, então. Estou olhando", acrescentou ela, como se lhe anunciasse algo importante. Mas alguma coisa que havia nela estava contendo sua respiração.

Estamos finalmente lidando com a raiz da comédia humana e é trágico. Ela era uma jovem que não podia sequer suportar a morte de um pequeno peixe — sendo, assim, genuinamente sensível à morte de qualquer vida, ao instante em que essa morte movia intimações, que iam até a raiz de seus nervos divinos — mas estava pronta, mesmo assim, para se matar de preferência a permitir que a vontade dele influenciasse sua própria vontade.

Durante os anos seguintes, quando suas tentativas de suicídio já não eram muito infrequentes, ele compreendeu

Ela estava disposta a fazer várias operações para poder ter um filho de Miller e ele resolveu vencer seus escrúpulos e escrever, especialmente para ela, um roteiro cinematográfico que deu o filme Os Desajustados.

continuação da página 20

Esta depressão pesava tanto sobre ela que Miller atravessou seu Rubicão. Antes, ele jamais escrevera com um ator ou uma atriz no espírito. Ele era um produto da elevada tradição literária que afirma que o teatro depende da peça e que o roteiro é inviolável. Os grandes dramaturgos vivem com temas, não com atores. Mas ele escreveria um roteiro cinematográfico para ela. Adaptaria seu conto, *The Misfits* (5), como um veículo para Marilyn. Tratava-se, do ponto de vista de Marilyn, da mais elevada oferta do seu amor ou, então, do primeiro cálculo agressivo de um cérebro mesquinho e ambicioso. Sua disposição melhorou e ela estava alegre durante alguns dias, mas, no seu

Miller, se por um lado era um modelo de amor e generosidade, por outro era ambicioso, limitado e estreito de espírito e com pavor de novas experiências que poderiam abrir suas idéias.

regresso do hospital, caiu de novo na depressão e começou aumentando sua dose de Nembutal. Certo dia, Miller viu-a cair sobre uma cadeira e entrar quase imediatamente numa espécie de coma. Sua respiração era difícil. Depois, pela primeira vez, escutou o que se tornaria os sons inconfundíveis de um diafragma semiparalisado — sua respiração parecia-se a um estranho suspiro contínuo. O vento da morte soprava na mortalha. Miller não tentou dar-lhe café ou fazê-la caminhar, esbofetear seu rosto ou beliscar a parte de trás de seus joelhos. Em vez disso, procurou "auxílio médico imediato". Encontrar soluções de amor não era algo que fizesse parte do seu caráter. Aparelhos e técnicos de uma clínica vizinha chegaram muito rapidamente — poderá este ser o tipo de assistência médica que nós conhecemos? — e não tardaram a ressuscitá-la. Miller salvou-lhe a vida. Teria de voltar a salvá-la mais de uma vez. Nos dias que se seguiram a este incidente, segundo Guiles, ela mostrou-se muito terna para com Miller, beijando-lhe as mãos repetidamente...

Que estamos nós presenciando? Teria ela suposto (com sua abominável facilidade para viver no inconsciente dos outros) que ele a teria deixado morrer? Ou teria seu ódio sido tranquilizado quando ela viu a expressão de alívio nos olhos de Miller, quando este verificou que ela ainda estava viva?

Assim, eles começaram brotando raízes. Miller encontrou outra fazenda em Connecticut e resolveram comprá-la. Marilyn estava feliz e muito ocupada com os pormenores das alterações na nova casa, examinando o trabalho cotidiano dos carpinteiros, enquanto ele começava trabalhando no roteiro para o filme *The Misfits*. Foi um período feliz, mas terminaria. Miller sabia-o perfeitamente, logo que as obras fossem concluídas. Tinha razão. Ela sentia tédio, ali, no campo, e já começava falando de terem seu próprio apartamento em Nova York. Assim, mudaram suas coisas do apartamento dos Greenes, em Sutton Place, para outro, em 444 East Fifty-seventh Street. Seu amor pelo Brooklyn já não era, agora, tão intenso quanto o fora. Então, de novo em Nova York, ela voltou a frequentar as aulas de Strasberg e passou muitas noites

falando com outros atores na casa dos Strasbergs. Miller não a acompanhava com frequência, mas também não se opunha a essas visitas. Era como se ele sentisse que Marilyn precisava de estar sempre preparando o ninho de alguma futura identidade. O fato de estar entre atores oferecia-lhe uma cultura que ela só conseguir obter da mesma forma como outros aprendem uma língua estrangeira, escutando-a — Marilyn estava absorvendo, pelo menos, o ambiente dos atores do método que viviam em Nova York, seus "papos", seus projetos, sua sofisticação, seu cinismo, seus incisivos horizontes. Viver, finalmente, num ambiente devia ser, para ela, o equivalente do oxigênio. Todavia, durante todo este tempo, parecia respeitar grandemente Miller. Quando alguns convidados visitavam seu apartamento de Nova York, ela recomendava-lhes sempre muito cuidado, muito silêncio, quando eles passavam diante do mais importante quarto da casa — aquele onde seu marido escrevia. Podemos perfeitamente imaginá-lo, sentado diante de sua mesa de trabalho, não conseguindo escrever uma só palavra enquanto escutava a cautela de seus convidados. Durante este período, é claro, Milton Greene estava sendo processado, para entregar o controle de Produções Marilyn Monroe, um sério episódio. A pedido de Miller, Marilyn até tentou, através de seus advogados, ter o nome de Greene eliminado como produtor executivo do filme *O Príncipe Encantado*. Tal como já acontecera com Natasha Lytess, Milton Greene não recebera a menor notícia de Marilyn nesse Interim. Como ele acabara de recusar uma oferta de 2 milhões de dólares para uma série de filmes na TV pelo fato de "Marilyn não estar suficientemente bem para o esforço que a série representaria", Greene podia sentir legitimamente que protegesse os interesses dela. Metade desses 2 milhões, afinal, seriam para ele. Apesar de Greene ter ameaçado outro processo em que exigiria quantias enormes, a que teria direito, não se sentiu com alma par isso, finalmente, e aceitou 100 mil dólares, muito menos do que os advogados de Marilyn estavam dispostos a pagar. "O meu interesse pela carreira de Marilyn", viria ela a dizer, falando com uma triste dignidade, "não foi por dinheiro", e, depois de três anos de atividade que haviam mudado inteiramente sua vida, ele voltou à sua antiga profissão de fotógrafo.

Fosse por esta vitória de Miller ter contribuído um pouco para a excelência do roteiro para o filme *Os Desajustados* (5), o que jamais saberemos, a verdade é que seu trabalho prosseguia muito bem. Ele saíra de sua melancolia literária. Algum tempo depois do primeiro rascunho do roteiro estar pronto, Miller convidou seu velho amigo e vizinho, Frank Taylor, que era um editor de livros e já fora produtor de Hollywood, para que ele escutasse a leitura do script. Assim, certa tarde de julho de 1958, Miller leu-lhe o roteiro e Taylor ficou obviamente impressionado, sugerindo até que ele enviasse imediatamente o texto para John Huston, que estava em Paris. Uma semana depois, Huston telegrafava de Paris, dizendo que era "magnífico". Tinha o maior prazer em dirigir o filme. Clark Gable recebera uma cópia do roteiro e também estava ansioso por fazer o filme. Taylor aceitou abandonar a edição de livros durante algum tempo e ser o produtor. A United Artists mostrou-se interessada em cuidar do financiamento do filme. Agora, eles não só tinham uma produção de primeira grandeza, como também um súbito sentido de excitação em sua volta. Era como se, finalmente, estivessem perante promessas de uma realização mútua. Marilyn e Miller pareciam ter emergido de um casamento bem sólido para um trabalho excitante, a que se entregariam juntos. Havia já muito tempo que tanto talento e celebridade não se juntavam num só filme.

(5) Os Desajustados.

O rock sonha de novo?

Volta à cena a discussão sobre se acabou ou não o sonho do rock e de toda uma geração, como profetizou John Lennon. Desta vez, por motivos concretos: o festival de Watkins Glen, Estado de Nova York, que reuniu 600 mil jovens entre os dias 28 e 29 de julho. Seria uma ressurreição? Ou um sinal de que a famosa frase de Lennon nada significava? Os vários aspectos de um acontecimento tão múltiplo não permitem uma resposta precisa, ao menos enquanto ainda é removida a volumosa onda de lama e detritos, deixada no autódromo ocupado pela multidão. O empresário do rock Bill Graham, falando do que sabe, arrisca um palpite: "Foi como ir a um bom restaurante onde você sabe que vai comer um bom bife. Agora nós somos profissionais. O rock ficou adulto". Na área dos negócios, aliás, Watkins Glen não causou pesadelos. Shelly Finkel e Jim Koplick, os realizadores, venderam 150 mil ingressos de 10 dólares, arrecadando um milhão e meio, dos quais pelos menos 200 mil ficarão como lucro.

Se a organização, porém, tornou-se mais sólida e segura (houve apenas quatro mortes, todas por acidentes, durante a concentração), houve mudanças de comportamento que

colocam em dúvida projetos de um sonho permanente. Sintomaticamente a música começou a ocupar um lugar de menor destaque. De 40 artistas e três dias de música em Woodstock, passou-se a 24 horas de som no encontro de Pocono, na Pennsylvania, há um ano, com 10 grupos, e a 12 horas de música (embora prorrogadas por causa das chuvas) pelos três grupos convidados a Watkins. Dos astros contratados nenhum é especialmente um ídolo internacional. Grateful Dead, The Band e Allman Brothers podem inclusive ser considerados grupos de assimilação mais difícil que os integrantes de Woodstock, seguindo uma linha sonora quase regionalista de blues (Allmans e Grateful) e western (Band). Numa reduzida nota de 34 linhas, em que classificava o festival de "espetáculo nostálgico de jovens em busca de sua juventude" o nem sempre liberal *Time* sequer mencionava a presença dos conjuntos.

Marijuana, LSD, heroína e cocaína, evidentemente, foram muito consumidos. Mas a maioria dos relatos fala da ascensão (e quase substituição) destas por outras drogas — o velho álcool, mais agentes depressivos como barbitúricos e metaqualones. Um dos médicos presentes arriscou outra definição: "Antes, eles estavam acima

demais para sentir a realidade. Agora descenderam tanto que a lama e o liso são brinquedos para eles". Se houve, de fato, um freio nos ânimos e na euforia de, por exemplo, Woodstock, ele tem sintomas ainda mais significativos se examinada a média de idades dos espectadores. Opiniões dos que não se divertiam com a audiência das músicas dizem que Watkins foi o encontro dos irmãos e irmãs caçulas dos espectadores de Woodstock. Sua idade média foi calculada entre 16 e 20 anos.

Que eles não foram apenas ouvir música parece uma questão pacífica. O organizador Koplick tenta pensar pela cabeça de seu público: "Eles devem ter achado que este era o lugar do momento; onde toda pessoa deveria estar". Opina um dos espectadores, Steven Gregorian, de 17 anos: "Nós realmente quebramos o recorde! Isso é dinâmite!". E como segundo o jornal *Washington Post* não havia sinal de atividades políticas ("até Watergate era pouco comentada"), diz o repórter, as perguntas a respeito da duração e espécie de sonho reatado em Watkins ficam no ar. Talvez tudo se resume a uma explicação simples como a da espectadora Susan Anderson, 16 anos: "Eu realmente adorei a música, mas o que me deixou mais empolgada foi ver tanta gente reunida". (Tárik de Souza)

Os "perigos" dos programas ao vivo

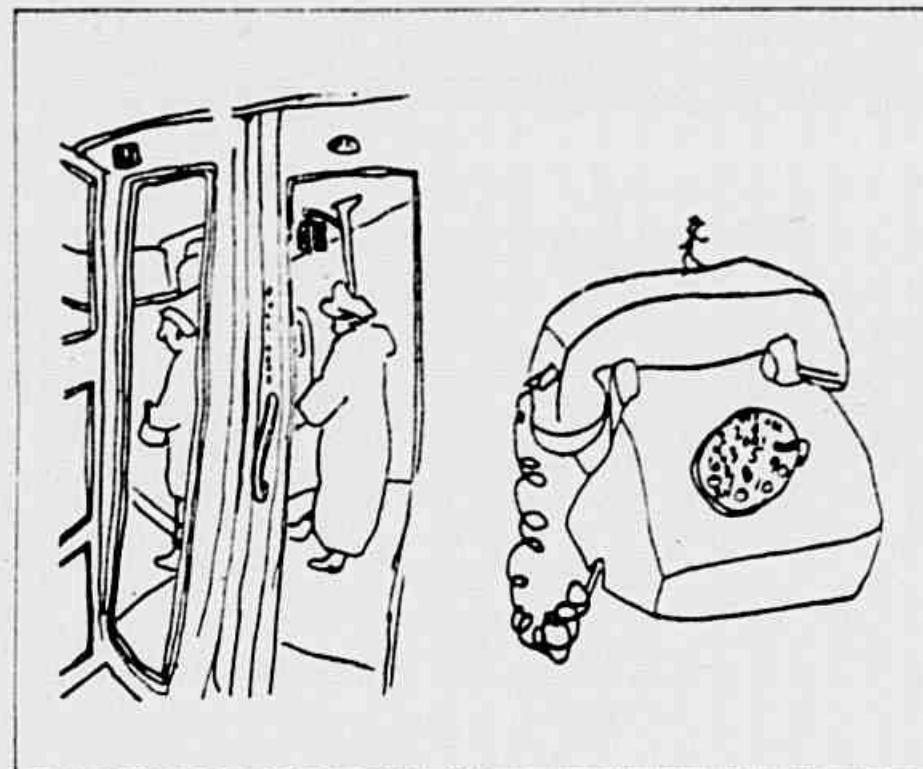
Desta vez parece que o erro de Flávio Cavalcanti foi não seguir o popular e prudente preceito que manda lavar a roupa suja da família entre as quatro paredes do próprio lar. Numa entrevista no mesmo canal por onde escorre seu programa dos domingos à tarde, Flávio afirmou que "se ganhasse na Loteria Esportiva pagaria os salários atrasados dos funcionários da Rede Tupi de Televisão". Como castigo a direção geral da Tupi resolveu puni-lo juntamente com o entrevistador o pupilo de Flávio, Sérgio Bithencourt, suspeito de conivente na indiscrição salarial.

Esse é o terceiro caso rumoroso envolvendo o rumoroso Flávio nos últimos oito meses. No dia 3 de dezembro passado, em defesa de "um velho amigo, um homem de valor" (o policial Nelson Duarte) — cujas façanhas haviam merecido inquérito da Delegacia de Defraudações e noticiário da imprensa — Flávio Cavalcanti acusou alguns jornais do Rio de covardes e mentirosos. Foi um desafio à imprensa mas, talvez pela fraqueza atual do contendor, a escaramuça terminou sem arranhões para o desafiante.

Depois disso o apresentador, que tem como marca registrada o tirar e botar óculos, atingiu susceptibilidades mais poderosas e atuantes e saiu de cena de 16 de março a 15 de maio. O fato de ter voluntariamente explorado um estranho e ingênuo triângulo amoroso caboclo com perguntas indiscretas lhe proporcionou uma involuntária folga, logo aproveitada para um passeio à Europa.

Agora o castigo seria a expulsão do empregado importante mas boquirroto da empresa mau pagadora, mas ciosa da necessidade de manter seu calote na confortável sombra do sigilo. O caso teve uma certa movimentação nos bastidores que, na forma de declarações e especulações, chegou até os espectadores mais atentos: Flávio seria despedido; Flávio se retrataria; a Tupi não teria aceito os termos da retratação; Flávio não teria aceito a retratação nos termos da televisão; Flávio esperaria mesmo ser demitido para ir trabalhar noutra TV; Walter Clark, da Globo, teria declarado que nunca havia pensado em contratar Flávio.

O certo é que Flávio Cavalcanti teve



Os desenhos de Bob Dylan

seu programa substituído por um outro semelhante, mas sem ele como apresentador, e poucos dias depois a direção da TV Tupi considerou que esta punição era suficiente e que ele poderia retornar.

Não se sabe se o hipotético destino que Flávio disse pretender dar a um eventual prêmio recebido da Loteria Esportiva melhorou a situação dos empregados não pagos da TV Tupi, mas seria errado pensar que a afirmação de Flávio e suas consequências tenham sido destituidas de qualquer proveito. O diretor-geral da Rede Tupi afirmou que a punição do apresentador por falar em salários atrasados "foi boa para nós em termos de disciplina, porque aqui se costumava punir os pequenos e não os grandes". (Julio Cesar Montenegro)

Os desenhos do poeta Dylan

Bob Dylan sempre representou um pouco mais do que um inteligente e talentoso músico da chamada cultura pop; algo assim como um profeta cujas desordenadas e poéticas palavras eram ouvidas pela juventude norte-americana como um eco de seus apelos interiores. Primeiro, Dylan levou-os todos a uma ingênua meditação filosófica com *Blowing in the Wind*, uma suave canção que se interroga sobre o homem e o mundo e conclui

que as respostas estão voando com o vento.

Depois, foi a vez do protesto. E Dylan se encarregou de liderar a turma, e fornecer-lhe o refrão com *The Times They Are a-Changing* pregando um novo mundo na medida dos anseios utópicos da juventude. Seguindo um percurso paralelo à *folk-song* de Peter Paul and Mary e ao sofisticado *rhythm-and-blues* dos Beatles, Dylan era ao mesmo tempo muito pessoal. E, além disso, mais inteligente. Com frequência suas canções exprimiam posições políticas e morais vindas de alguém que certamente não passava a vida dedilhando um violão.

Por isso, num momento em que o cantor está mais ou menos na sombra (muito embora, ao contrário dos Beatles, ele tenha sempre preservado sua vida particular da máquina publicitária), e num momento em que a própria juventude norte-americana parece estar mais introspectiva, senão desencantada, a publicação de um livro de Bob Dylan torna-se particularmente interessante. O livro, *Writings and Drawings* reúne em 300 páginas as letras de Dylan, acompanhadas de ilustrações do próprio autor, e é uma boa oportunidade para se repensar uma época da década de 60. Numa larga medida, e esse talvez seja o seu maior mérito, ele foi o responsável por uma reaproximação da poesia — ainda que musicada — com o cotidiano das pessoas. E também o mais lúcido porta-voz dos protestos e ansiosos da juventude norte-americana. (Ronaldo Brito)

Em Lima, no Peru, por volta de 1963, alunos e oficiais-professores do colégio Leôncio Prado ficaram em pé de guerra. Revoltados com um livro recém-publicado — onde aquele estabelecimento de ensino era severamente retratado — promoveram um pequeno festival medieval em seu pátio: queimaram mil exemplares de *La Ciudad y los Perros*. Como se não bastassem as críticas e prêmios internacionais recebidos, esta fica sendo a prova mais concreta da vitalidade do primeiro romance de Mario Vargas Llosa. Romances como este comprovam a força da literatura, acirrando ânimos, irritando e ferindo os preconceitos.

Vargas Llosa estudou no Leôncio Prado, depois que saiu de Arequipa, sua cidade natal, com breves passagens por Cochabamba (Bolívia) e Piura. Formou-se em Letras na Universidade de San Marcos, depois seguiu para Madri (1958), como bolsista para fazer o doutorado. Foi nesta época que começou a escrever *La Ciudad y los Perros*. Com o diploma em mãos, mudou-se para Paris, onde leciona espanhol na Berlitz School, trabalhando depois na Rádio e Televisão Francesa. Em 1962, sua vida começa a mudar: os originais de seu romance vencem 81 concorrentes ao Prêmio Biblioteca Breve, ganhando-o por unanimidade. No ano seguinte, como único candidato de língua espanhola ao importante Prix Formentor, ficou num honroso segundo lugar para *A Longa Viagem*, de Jorge Semprum, vencendo autores como Lé Clésio (*Le Procès Verbal*) e Ludovico Terzi (*L'Imperatore Timido*).

Dal em diante, uma carreira fulminante. Sua obra cresce: *Casa Verde* (já publicado em português pela Sabiá), *Los Cachorros*, uma novela curta, *Conversación en la Catedral*, em dois volumes, além da reedição de seu livro de estreia, *Los Jefes*, contos. Em 1967, ganha o Prêmio Rómulo Gallegos, da Venezuela, por *A Casa Verde*. Em seu discurso, fala sobre o papel do escritor latino-americano, lembra o nome de Juan Carlos Onetti, "a quem a América Latina não deu ainda o reconhecimento que merece", e analisa a função da literatura, esta "forma de insurreição permanente". Ele já tem, então, condições de parar com os cursos que vinha dando em universidades inglesas (quando não deixava de falar em dois brasileiros por quem tem particular admiração: Machado de Assis e Manuel Antonio de Almeida) e se fixar definitivamente em Barcelona, próximo ao seu amigo Gabriel García Márquez. Desta convivência nasce o livro sobre o autor de *Cem Anos de Solidão*: *García Márquez — Historia de un Deicidio*.

Próximo do Ideal

Com uma participação política marcante — Vargas Llosa só se reconciliou com a situação peruana, quando o governo Alvarado votou a reforma agrária. Exilado voluntário, costuma justificar sua mudança para a Europa também em função de sua vocação, a de escrever. Ele a encara de uma forma quase sacerdotal: "Na América Latina, a literatura não foi levada a sério. A sociedade, em primeiro lugar, não a levou a sério, e por consequência tampouco o escritor a tomou a sério. O escritor latino-americano não assume sua vocação de maneira exclusiva, que é a única maneira que se pode assumi-la, creio eu. Muitas vezes ela é tomada como um passatempo, como uma atividade paralela, como um *hobby* de domingo. Creio que isso explica em parte a pobreza da literatura hispano-americana". E lembra os escritores do século XIX, Balzac, Flaubert, Rimbaud, que trabalhavam "num ambiente hostil". No caso dos peruanos, segundo ele, existem os desertores, que mudam de ramo, a falta de editores e de leitores, e os exilados. Caso do poeta Cesar Vallejo, que morreu praticamente de fome nas ruas de Paris.

Emir Rodríguez Monegal, uma espécie de crítico oficioso do chamado boom literário latino-americano, e Roger Callois, responsável pelo lançamento de Borges na França, exaltam as qualidades de *La Ciudad y*

A escola de Vargas Llosa

Dez anos depois de escrito pelo autor peruano (então com 27 anos) foi publicado no Brasil "um dos mais vigorosos romances do continente"



los Perros e ressaltam, nele, a utilização de algumas conquistas técnicas do *nouveau roman*. A verdade é que este primeiro romance de Vargas Llosa é realista, cumprindo, como tal, seus objetivos mais imediatos: reflexo do real e crítica social. Toda a conotação simbólica, metafórica ou metaliterária passa a um segundo plano. Llosa, por esta época, era um defensor ferrenho do realismo, chegando a afirmar que fora dele não existia literatura. Com o tempo — ele diz que, depois da injustiça, o dogmatismo é o que mais odeia — refez seu ponto de vista: "Penso que os limites da literatura realista são os da realidade que não tem limites. Que a realidade pertencem a ação humana, e também os sonhos humanos, e também os mitos humanos. Os pesadelos de Kafka, as trabalhadas ficções psicológicas de Proust ou Dostoiévsky, a impecável objetividade de Hemingway, a mítica de um Carpentier, as fantasmagorias alucinantes de um Cortázar... expressam zonas diferentes, níveis distintos de uma só realidade". Conclui que "só as más literaturas são irreais" — mas não cita Borges, e possivelmente discordaria do autor de *El Aleph*, quando este afirma que o realismo é uma invenção do século passado: a literatura sempre foi fantástica.

Os elementos do *nouveau roman* existentes em *La Ciudad y los Perros* são superficiais. Na realidade, o romance utiliza uma série de fórmulas que são conquistas do realismo deste século, desde John dos Passos, passando por Faulkner (a multiplicidade de pontos de vista da narração), chegando a Norman Mailer (de *Os Nus e os Mortos*). Enfatizando uma parte do real — o realismo é sempre um corte, nunca a reprodução total, o que significaria o romance total, empreendimento impossível — o

Batismo de Fogo, (La Ciudad y los Perros), Mario Vargas Llosa (Nova Fronteira, 373 páginas, Cr\$ 25,00)

autor não lança mão de esquemas de vanguarda. Ao contrário de Cortázar, quanto ao tipo de narrativa e principalmente à estrutura do livro, e de seu companheiro de geração Cabrera Infante (*Três Tristes Tigres*) quanto à inventiva de linguagem — ambos seguindo mais livremente a fórmula de "conquista verbal da realidade" — Vargas Llosa é, de todos os grandes autores contemporâneos da América Latina, o que mais se aproxima de um ideal clássico de literatura.

Impotência e machismo

Desde jovem ele foi um admirador de Gustave Flaubert, e não certamente o Flaubert de *Bouvard et Pécuchet*, que viria a influenciar Joyce, mas o de *L'Education Sentimentale* e *Madame Bovary*. O realismo de Vargas Llosa, no entanto, é mais visível em seus primeiros livros, pois ele ousaria mais, em termos de estrutura, em *Casa Verde*, e, quanto a uma maior flexibilidade da escritura, em *Los Cachorros* e *Conversación en la Catedral*. Llosa costumava criticar o humor, um dado humano aliás ausente em seus primeiros livros, como algo "acomodado". É interessante notar que, a partir de certa evolução de seus romances, vamos começar a descobrir o humor, já em *Los Cachorros*, um humor quase de *comics*, principalmente bem cosido na narrativa e assumindo características onomatopáicas.

Em termos de literatura peruana — nascida ainda no século XVI, com os *Comentarios Reales* do inca Garcilaso

de la Vega — Mario Vargas Llosa aparece depois de Ciro Alegria (*Vasto e Estranho É o Mundo*, publicado entre nós, há alguns anos, e *La Serpiente de Oro*) e José María Arguedas (*Los Rios Profundos*). Alegria foi um dos ápices continentais da época do *costumbrismo*, enquanto que Arguedas se preocupou com o Peru interiorano, o índio e a selva. Mas nenhum escritor peruano teve a repercussão internacional de Vargas Llosa. E depois dele, outros dois ganharam projeção: Juan Ramon Ribeyro (*Crônica de San Gabriel*) e Manuel Scorza (*Redoble por Rancas*, ou *Bom Dia para os Defuntos*, segundo a tradução brasileira).

Llosa atingiu a universalidade através de uma forte conotação nacional. Ele é um escritor intimamente ligado — inclusive no uso de certas expressões, gírias locais — à cidade de Lima. Parece ter seguido as palavras de seu conterrâneo José María Mariategui — um dos mais importantes pensadores deste continente — em *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* (1928), em que propunha uma literatura que não fosse de modismos do "decadentismo ocidental" nem um regionalismo populareresco, mas alguma coisa que nos aproximasse "cada vez mais de nós mesmos". E a temática e o tom de narrativa de *La Ciudad y los Perros* já estava presente no conto *Los Jefes*, incluído no livro de mesmo nome.

O papel de Lima neste romance é de grande importância, pois os alunos da "realidade ordenada" do Colégio estão também em constante relacionamento com ela, que os envolve e os aguarda nos fins de semana. Daí porque o título do original — que antes iria se chamar *Morada del Heroe* e depois *Los Impostores* — indica uma tensão constante e dialética entre o meio-

ambiente — *la ciudad* — e os personagens — *los perros*, que é como são conhecidos os cadetes do Leôncio Prado. (A edição espanhola traz um mapa da capital peruana, que ajuda o leitor a se situar; este mapa não existe na edição brasileira). O romance representou, na época, uma nova visão de Lima, mais cruel e cheia de separações entre seus habitantes. Por coincidência, no mesmo ano de 1963, aparecia o ensaio de Sebastian Salazar Bondy, *Lima, la Horrible*.

Se o realismo é a forma e a forma (como diferenciar essas duas palavras, com essa nova acentuação?) de *La Ciudad y los Perros* — e poucos escritores vivos teriam atingido, nesta corrente, o nível deste livro — o tema central, o *leit-motiv* é o machismo, versão latina da "dialética do chicote", que atinge oprimidos e opressores. Com vários pontos de vista narrativos — Alberto, o poeta; Jaguar, o Escravo — é a presença de valores constantes e castradores: a força física, o exibicionismo adolescente, com pontos de honra caricatos, brigas, cigarros, bebidas, bordéis e masturbações como provas de masculinidade; e a violência sempre presente, tanto "de cima", da direção do colégio, como entre os colegas do "Círculo". A contrapartida deste espírito de super-homem subdesenvolvido é o personagem Escravo, calado, sempre gozado pelos companheiros. Alberto sente amizade por ele e passa a protegê-lo, mas até a "proteção" faz parte do sistema de valores. A impotência do Escravo já é perceptível no apelido. Ele acaba morrendo, com um tiro accidental, embora Alberto desconfie de Jaguar, devido a uma delação aos superiores, e acuse-o de assassino aos diretores do colégio. Os oficiais fazem tudo para que a versão de acidente prepondera, a fim de conservar o "bom nome da casa".

O problema da impotência — intimamente ligado ao do machismo — assume aspecto físico e é o tema central de *Los Perros*, cujo subtítulo, *Pichula Pichar*, é intraduzível e se traduzível, impubescível: é a história de um garoto que teve seu órgão genital decepado por um cão.

Pequena crítica

Romance-de-formação, com ambientação escolar — como *Les Désarrois de l'Élève Toerless* (conheço a versão francesa) do austríaco Robert Musil, e o nosso *Ateneu*, de Raul Pompéia — o primeiro romance de Vargas Llosa teve a sorte, em sua edição brasileira, de contar com a tradução de Milton Persson. Se o título escolhido — *Batismo de Fogo* — não é o ideal, temos de reconhecer que o original trairia um pouco o sentido. Aliás, a única crítica a ser feita ao trabalho de Persson foi não ter explicado, através de uma notinha de pé-de-página, o sentido local de *perros*, que ele traduziu por *cães*, simplesmente. Conscientes de que a tradução do espanhol não é fácil, como pensam alguns editores, e das dificuldades, em específico, da prosa de Vargas Llosa, podemos considerar esta tradução como uma das mais criativas entre os hispano-americanos publicados entre nós.

Uma das poucas críticas feitas ao original de Vargas Llosa foi a de um artifício técnico utilizado por ele: a personagem feminina, Tereza, é a mesma que influi na vida dos três cadetes, o que confunde um pouco o leitor. O autor se explica: "Eu queria que, no romance, os personagens reagissem sempre frente ao mesmo estímulo. E que reagissem de uma forma distinta, precisamente segundo suas procedências sociais, segundo seus traumas familiares, segundo suas psicologias, segundo seu próprio estatuto social (...). Isso ia me permitir defini-los melhor". E conclui "que o que falhou no romance não foi o tema da garota, mas sim a própria realização: falhou o autor". Rigoroso ou modesto? A verdade é que Mario Vargas Llosa, aos 27 anos, escreveu um dos mais vigorosos romances do continente — e a Nova Fronteira, 10 anos depois, publicou o que já se pode considerar um dos dois ou três melhores lançamentos de 1973. (Flávio Moreira da Costa)

Ursus ~ Macistes para crianças

1. **C**abe muito, nos últimos meses, o nível da programação de filmes nos três canais de televisão do Rio de Janeiro. Claro que, eventualmente, alguns acertos ainda são cometidos, como *Casablanca* (apesar dos imensos intervalos comerciais), ou os dois filmes de Hitchcock que foram exibidos em uma mesma terça-feira (sendo que *Intriga Internacional* entrou no ar depois de 1 hora da manhã), ou ainda — e principalmente — *Model Shop*, a obra prima de Jacques Demy, filmada em Los Angeles e apresentada em cores excepcionais, etc., mas a média da programação geral (todos os horários e canais) é hoje, certamente, de nível bastante inferior ao dos primeiros meses do ano. A sessão de cinco e meia da tarde, na TV Rio, por exemplo, que fazia uma boa seleção de filmes (incluindo, entre outros, *Louis Pasteur* de Dieterle, *Condessa Descalça* de Mankiewicz e *La Règle du Jeu* de Jean Renoir) ao que parece resolveu, também, ceder à tentação de entrar no esquema de possuir uma programação "dirigida" ao público infantil, o consumidor forte do horário do fim da tarde. Assim, os novos ocupantes da sessão passaram a ser *Ursus*, *Hércules*, *Maciste*, alguns gladiadores, personagens infalíveis dos conhecidos subprodutos italianos cujas discutíveis intenções historicistas tenham, talvez, levado o programador da TV Rio a vislumbrar, em meio à algazarra, algum possível elemento educativo.

O espectador infantil é, como de hábito, imaginado de uma maneira falsa, o que origina, então, uma lamentável associação de suas aspirações verdadeiras com os filmes desse gênero. Se é que se vai "dirigir" alguma coisa ao público infantil, é essencial que, pelo menos, ele seja preservado desse tipo de "diversão", da mesma forma que o é em outros momentos de igual tensão como, por

exemplo, quando lhe proibem de brincar com fogo. Em ambos os casos o perigo é iminente, sendo que se o fogo, por um lado, nem sempre fere, a visão de um filme de Maciste tem, invariavelmente, um forte e duradouro efeito pernicioso, obtido a partir das explosões de violência física somente comparáveis, em boçalidade, à burrice evidente de seus heróis positivos, apresentados, apesar de tudo, como modelos ideais de comportamento.

2. **A** apresentação, pela Globo, do *tape* de um programa musical com Elis Regina, gravado na televisão alemã, despertou, em algumas colunas de jornais, opiniões divergentes quanto a seu nível de qualidade técnica, em relação aos programas de mesmo gênero da televisão brasileira. Variam as opiniões desde as que achavam ter o *tape* demonstrado, definitivamente, a total ingenuidade técnica de nossa televisão, até as que, ao contrário, reconheciam, no programa alemão, soluções de tal forma bisonhas que teriam sido utilizadas aqui há mais de 10 anos e que, por isso mesmo, funcionariam como prova cabal do nosso avanço técnico. Assim, um mesmo lado do programa (o detalhe técnico) serve como elemento de prova de posições opostas, denunciando, então, o nível de confusão reinante na praça e tornando claro o abismo que separa duas atitudes semelhantes (na aparência): "assistir" e "ver" televisão.

Na verdade o ar claramente "lavado" que o programa apresentava era um sintoma evidente de que havia sido produzido fora do Brasil; apesar de ter em cena a mesma Elis Regina, cantando as mesmas músicas conhecidas, quase sempre em português, a procedência européia era denunciada na própria relação dessas músicas com os cenários e coreografias, o que criava uma espécie

de visão alemã da coisa brasileira, bastante interessante. Mas se isso mostrava um trabalho tecnicamente correto, a verdadeira qualidade (que é o que foi posto em discussão) não é fruto, apenas, de uma manipulação eficiente de setores acessórios da produção, mas, como sempre acontece, depende do nível criativo da idéia geradora.

Sabe-se, por exemplo, que o sistema PAL-M de televisão a cores, utilizado no Brasil, é o melhor (mais aperfeiçoado) existente, assim como se sabe que há dinheiro para a compra de qualquer equipamento novo que se faça necessário. Mas é preciso que exista, para que haja, enfim, qualidade, uma idéia verdadeiramente estimulante que se coloque a um nível mínimo de criação e que atue, justamente, em cima desses setores de produção e a partir desse aparato técnico. Não é possível detectar nenhum "alto nível" na televisão brasileira a partir de comparações (apressadas, inclusive) com programas estrangeiros ao nível de utilização de cenários, coreografias, iluminação, som, etc. Manejar, corretamente, esses elementos é fazer não mais que a obrigação e mesmo isso apresenta problemas sérios por aqui. O importante é que, a rigor, se o programa alemão era bom, os motivos eram outros e não os alegados. Como de hábito, discute-se as coisas que estão fora do ponto principal (a idéia, a criação). Assim entendido, o programa atingiu seu ponto ótimo com a estrada em cena de Michel Legrand que dele passou a participar tocando e cantando com Elis Regina, chegando, em momentos como no dueto de *Parapluies de Cherbourg* a alcançar uma certa "verdade de sentimentos", inédita em nossa televisão tropical e expressa, principalmente, no clima poético criado pela figura de Legrand. (Haroldo Marinho)

Começou o interzonal

João Lizardo

A pós uma série de peripécias, finalmente iniciou-se o interzonal de Petrópolis. Os lances curiosos não faltaram: primeiro, a mudança do torneio de Brasília para Petrópolis; depois, o início deveria ser a 20 de julho, mas problemas burocráticos atrasaram a concessão de vistos para os participantes soviéticos, impossibilitando-os de chegar a tempo; diante disto, a Federação Internacional de Xadrez adiou o início para o dia 25 e mandou telegramas a todos os participantes; enquanto isso, a Federação Brasileira de Xadrez conseguia que a embaixada do Brasil em Moscou acelerasse a concessão dos vistos para que os soviéticos pudessem chegar antes de 20 de julho, e telegrafava aos 18 jogadores a última forma. Infelizmente, um telegrama não alcançou seu destinatário, o iugoslavo Ivkov; este, quando recebeu o aviso oficial do adiamento resolveu tirar um descanso no campo e não soube das novidades. Resultado: a Federação Brasileira de Xadrez decidiu não esperar até o dia 25, o pobre Ivkov chegou atrasado e ainda sofreu insinuações indevidas, por parte do JB, de estar "pretextando cansaço" para não jogar com Mecking no mesmo dia de sua chegada. Para completar a lista dos contratempos, o soviético Leonid Stein morreu de repente pouco antes do torneio e teve de ser substituído às pressas por David Bronstein.

Quanto ao interzonal propriamente dito, ainda é cedo para fazer afirmações categóricas. Mas é interessante comparar os prognósticos de Barden, já veiculados nesta coluna, com os de Robert Byrne, um dos três classificados em Leningrado e atualmente fazendo a cobertura de Petrópolis para o *New York Times* (e em cujas observações nos baseamos para a retrospectiva acima): o favorito

de ambos é o húngaro Portisch, mas depois as opiniões divergem — Byrne escolhe Polugaevsky para o segundo lugar, enquanto Barden teme que seus nervos fraquejem. Para o terceiro lugar, Byrne hesita entre Hort (Tchecoslováquia) e Geller (URSS), discutindo ainda as possibilidades de Smyslov, Keres, Reshevsky e Bronstein. Barden, por seu lado, recusa-se a um prognóstico tão preciso, embora destaque os nomes de Geller, Ljubojevic e Mecking. Enquanto isso, após seis rodadas Ljubojevic lidera com 4,5 pontos, seguido de Polugaevsky com 4, Mecking e Portisch com 3,5 e mais cinco jogadores com três pontos ganhos. Enquanto escrevemos, Mecking e Portisch estão decidindo sua partida suspensa, bem como Panno (Argentina) e Ljubojevic.

Problema N.º 38

As brancas dão mate em dois lances, contra qualquer defesa (por E. M. Housberg).



Solução do N.º 37

1. C6R (ameaça 2. D4B+ B5D 3. DxB mate). Se 1...RxT 2. D4B+ RxD 3. C3R mate. Se 1...B4R 2. D4B+ R4B 3. C7C. Se 1...C7D 2. DxB. Se 1...B5D 2. TxB+.

Entre Juarez, Kissinger e Plaget, não escolha. Compre os três.



C\$ 25,00

JUAREZ TANORA
Uma Vida e Muitas Lutas - 1.º volume.
Memórias de um dos líderes de uma geração de brasileiros que juntos atravessaram uma das mais críticas e decisivas fases da vida política do Brasil.



C\$ 25,00

HENRY KISSINGER
O Mundo Restabelecido.
Uma obra que nos dá a oportunidade de penetrar no pensamento de homem que mudou a política norte-americana.



JEAN PIAGET
Para onde vai a Educação?
A síntese de toda a obra psicológica do mais importante cientista educador deste século.

Oferta especial aos leitores de OPINIÃO.

10% de desconto

Mediante a apresentação desta oferta em qualquer loja de livros de OPINIÃO, na cidade de São Paulo, ou em qualquer loja de livros de OPINIÃO, na cidade de São Paulo.

Livraria José Olympio Editora continue de boa leitura.



História sem fim

Simon Head

Alguns apoiadores da política de Nixon no Vietnã sempre tentaram estabelecer paralelos elogiosos com a hábil retirada de De Gaulle da Argélia. Argumentam que os cálculos e julgamentos que conduziram à retirada norte-americana do Vietnã durante os últimos quatro anos são idênticos aos que constituíram a política da França na Argélia depois de 1958. Tanto De Gaulle quanto Nixon teriam percebido desde o início que não poderia haver "vitória" em suas respectivas guerras, porque em ambos os casos a opinião pública não toleraria os sacrifícios que uma vitória custaria. Ambos os chefes de Estado teriam concluído que só restava uma alternativa — a retirada — mesmo que isso significasse o abandono das causas pelas quais seus países tinham feito enormes sacrifícios.

Em ambos os casos — prossegue o argumento — havia razões políticas e estratégicas para que a real retirada fosse adiada ou prolongada, mesmo depois de já tomada a decisão de retirar. Mas por fim toda a intervenção militar e política nos assuntos do antigo protetorado chegariam ao fim, e a sabedoria e o bom senso do poder imperial não mais poderiam ser postos em dúvida. No Vietnã, não haveria mais norte-americanos lutando em terra ou no ar. Não mais tentativas grosseiras de manipular as diversas facções de Saigon em nome da estabilidade e da ordem. E não mais temores irracionais de que a perda do Vietnã levaria à apesentadoria dos EUA da arena da política mundial. Os EUA continuariam fornecendo munições e peças de reposição às forças sul-vietnamitas. Mas não fariam mais nada além disso.

Nixon e Kissinger, caracteristicamente, evitavam fazer qualquer descrição detalhada de como seria o relacionamento com os sul-vietnamitas depois da retirada. Mas a noção de que o Vietnã do Sul — como um vírus que perturba — seria expelido mais cedo ou mais tarde estava implícita nas palavras de Nixon e Kissinger. Em todos os discursos em que Nixon anunciava a retirada de mais um grupo de soldados, ele enfatizava invariavelmente que a retirada era possível graças ao formidável progresso do Vietnã do Sul — o que significava que esse progresso finalmente chegaria a um ponto em que seria possível uma retirada completa. Quanto a Kissinger, o que existe é sua comentada estratégia de "duas vias" para terminar a guerra, exposta pela primeira vez num artigo publicado em janeiro de 1969. Essa estratégia — que deve ter servido de base para suas negociações posteriores em Paris — previa um desenvolvimento mútuo dos EUA e Vietnã do Norte, deixando a negociação de um acordo político a cargo das facções sul-vietnamitas, então livres de interferência externa. Essas previsões chocavam-se com a doutrina de Nixon de que o poderio aéreo norte-americano estaria sempre disponível para salvar regimes em perigo. Mas pelo menos até recentemente os porta-

vozes da administração eram sempre evasivos quanto à aplicação da doutrina ao Vietnã do Sul, preferindo citar o Camboja como a "mais pura" aplicação da doutrina de Nixon.

O número de eleitores, senadores, congressistas e jornalistas totalmente convencidos de que a política vietnamita de Nixon realmente terminaria em tal des-envolvimento nunca foi grande. O número de descrentes, porém, não era maior. No meio, um grande amontoado de indecisos, instáveis e cheios de dúvidas quanto às estimativas do que estava acontecendo. A existência desse grande bloco instável e incerto era um grande trunfo político para Nixon e Kissinger, porque permitia-lhes manipular a opinião pública através da manipulação dos acontecimentos. Se um ato belicoso qualquer, como a invasão do Camboja, levantava graves suspeitas, era sempre possível suavizá-lo com o anúncio da retirada de mais alguns soldados ou com uma viagem de Kissinger pelo mundo, "em busca da paz". Não eram muitos os pacifistas que sentiam *saber* que a vietnamização era uma fraude e que os EUA continuariam envolvidos na Indochina anos depois de supostamente completada a vietnamização.

A ambivalência da maioria refletia a ambivalência dos próprios acontecimentos. Quando Johnson comandou a guerra, de 1965 a 1968, era possível adivinhar seus propósitos reais — bastava olhar para o que ele estava fazendo. Em quase todos os atos de Johnson havia uma inflexível agressividade que revelava um furioso desejo de vitória. Mas a mensagem das ações de Nixon sempre foi ambígua. Houve atos de loucura — a invasão do Camboja, a "incursão" no Laos, o bombardeio e a colocação de minas em Haiphong — que indicavam uma fútil busca da vitória. Mas também existiram sintomas de uma política mais racional, sem equivalente no período de Johnson: houve a aparente racionalidade e o bom senso de Kissinger, tão apreciados pela imprensa de Washington. Houve também a vitoriosa reaproximação com a China, o que, de repente, pareceu transformar o envolvimento no Vietnã numa simples anomalia estratégica. E houve finalmente os vários planos de paz revelados por Kissinger, que, na ocasião, pelo menos pareciam mais racionais do que os de Dean Rusk e Walt Rostow, segundo os quais "Hanói devia admitir sua culpa e deixar o sul sozinho".

Qual era a verdadeira intenção dos EUA? Durante o primeiro governo de Nixon, a resposta definitiva a essa pergunta parecia, para muitos, estar localizada nos acontecimentos de um futuro ainda distante. A resposta viria quando o último soldado fosse retirado — o momento que na mitologia da vietnamização simbolizaria a realização, da parte dos EUA, de todos os seus deveres como aliado. Ou os EUA realmente deixariam o Vietnã, como a mitologia exigia, ou continuaria a intervenção. Não haveria como conciliar as duas coisas. Mas pelo menos durante os primeiros três anos e meio de presidência de Nixon, esse momento parecia distante, e naquela época o real significado dos acontecimentos permanecia, para muitos, altamente indefinível.

Esse momento da verdade realmente chegou entre outubro e janeiro últimos. E aquilo que alguns críticos da guerra mais radicais sabiam que ia acontecer — e muitos outros suspeitavam — acabou acontecendo mesmo: não houve um real descomprometimento, nem um desligamento do Vietnã do Sul, e nem uma retirada que pudesse ser comparada à da França em relação à Argélia. E isso é verdadeiro mesmo com a proibição dos bombardeios imposta pelo Congresso norte-

americano. Embora a determinação dos congressistas seja muito bem-vinda entre o povo indochinês (especialmente se for obedecida), ela não atinge a intervenção básica norte-americana, que é a preservação do regime de Thieu. Pois está ainda mais evidente agora do que antes que o regime de Thieu é uma mera criação do poder dos EUA. Trata-se de um pequeno grupo cuja sobrevivência depende inteiramente do apoio financeiro e moral norte-americano. Mesmo em comparação com regimes tão dependentes como os de Formosa e Coreia do Sul, o grupo que está no poder no Vietnã do Sul é o único em seu total alheamento do povo que deveria representar.

Depois de conseguir manter esse tipo de equilíbrio durante e após o difícil período do cessar-fogo, a política de Nixon atualmente, como sempre, é tentar ganhar a guerra, estabelecendo a completa supremacia política e militar de Thieu. Os EUA auxiliam Thieu na eliminação de

perseguição àqueles que lutam por uma sociedade mais justa, até que restem apenas colaboradores, refugiados e os que estarão intimidados demais para pensar ou agir.

Como é muito provável que os norte-vietnamitas e vietcongs acabem por reiniciar a guerra — ao invés de se submeterem passivamente a Thieu — um dos grandes objetivos da política dos EUA atualmente é mantê-los afastados o maior tempo possível, deixando Thieu livre para agir durante esse tempo. Daí as recentes ameaças da "volta dos bombardeios".

A previsão de uma nova guerra também obriga os norte-americanos a cuidar dos interesses estratégicos de Saigon no Camboja e outros países fronteiriços em que Saigon, sozinho, não teria condições de se envolver. Se a perda da linha de abastecimento que vai de Sihanoukville a Phnom-Penh, no Camboja, fortalecer (como se supõe) a capacidade ofensiva das forças norte-vietnamitas que lutam a oeste de Saigon, então os EUA devem manter a linha de abastecimento conservando o decrépito regime de Lon Nol no poder — mesmo que isso tenha custado, até agora, sete meses de bombardeios de terror com B-52. Se é bom para Thieu que as divisões norte-vietnamitas permaneçam no Laos protegendo a trilha Ho Chi Minh e as

norte-vietnamitas, desgastando-os gradualmente numa eterna guerra de atritos, até que a guerra seja efetivamente vencida.

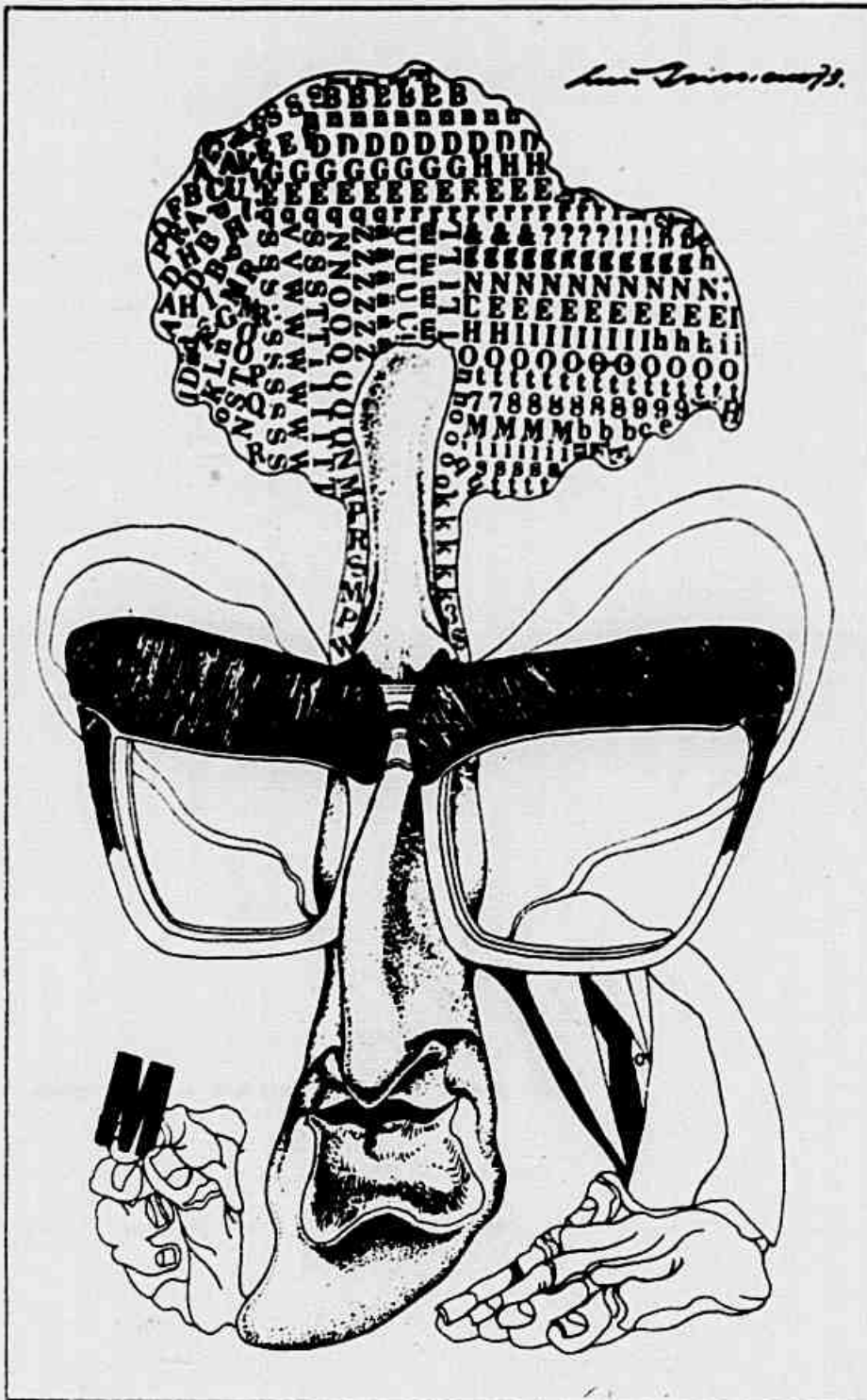
Enquanto isso, por trás dessa barreira supostamente impenetrável, o trabalho de pacificação no campo e de eliminação da oposição pode ser realizado sem interferência. No final, essa guerra também poderá ser vencida. Mas nada disso pode ser sequer tentado sem bilhões de dólares para manter o Exército de Saigon ativo.

Mas por que os Estados Unidos precisam vencer? O maior valor do mais recente livro de Chomsky — *For Reasons of State* — e dos ensaios sobre a guerra que ele editou juntamente com Howard Zinn — *Critical Essays and an Index to Vols. 1-4 of the Senator Gravel Edition of the Pentagon Papers* — é que essas obras fornecem uma resposta satisfatória a essa pergunta. No primeiro livro, Chomsky mostra como os fatores psicológicos e geopolíticos que guiam a política norte-americana na Indochina desde o início são uma parte importante da psicologia política e do comportamento de Nixon assim como o foram de Johnson ou Kennedy. Embora a análise de Chomsky seja basicamente dirigida ao período pré-Nixon (1949-1968), as conclusões a que ele chega aplicam-se com força idêntica aos quatro últimos anos e, há suspeitas, aos próximos quatro.

A ligação mais óbvia com o passado está na evidente irracionalidade da política norte-americana. Os Estados Unidos ainda não podem "perder a guerra" (e, portanto, precisam vencê-la, como a melhor forma de garantia), não simplesmente porque "perder" teria certas consequências visíveis e definidas, prejudiciais aos interesses dos EUA. (No sentido, por exemplo, que a chamada "teoria do domínio" prevê uma sucessão de acontecimentos desastrosos em seguida a uma "derrota" — vitória de movimentos de libertação nacional, derrubadas de governos ou países "perdidos para o comunismo".) Os Estados Unidos precisam ganhar a guerra também porque a "derrota" é, em si, um mal. E evitá-la é um imperativo moral cuja necessidade prevalece sobre os mais simples cálculos de consequências.

Foi Kennedy quem alertou que "se Krushchev quer esfregar o meu nariz na sujeira, então ela acabou" (ela sendo a civilização ocidental); foi Johnson quem disse aos soldados dos EUA no Vietnã que se eles não se dedicassem com firmeza, "as desgraças do mundo se abateriam sobre os Estados Unidos e nos tomaria o que temos". Nixon, por sua vez, acredita (e evidentemente ainda acredita) que os EUA se revelariam um "desprezível gigante desamparado" caso os norte-vietnamitas ou o khmer vermelho conseguissem agir livremente nas selvas do Camboja oriental.

Com esse exagero e até paranóico medo da derrota, não há possibilidade da guerra se transformar numa "guerra vietnamita" só porque agora são os sul-vietnamitas que estão lutando. Não é possível também transferir a culpa e a humilhação da "derrota" do lado norte-americano para o vietnamita. A honra norte-americana, pelo contrário, continua em jogo mesmo depois da retirada dos soldados: os sul-vietnamitas são, agora, os responsáveis por ela, por procuração. Se, portanto, Saigon perder, todos os enormes esforços dos EUA e os 50 mil norte-americanos mortos teriam sido em vão, etc. Além disso, esse sentido de honra enormemente desenvolvido parece ser fortemente resistente à influência do tempo. Com o ódio à derrota sendo tão grande quanto é hoje, deve-se supor que o Vietnã ainda será considerado o campo de prova moral daqui a 10 ou 20 anos. Isso, é claro, se os EUA continuarem a ser governados por homens com a peculiar sensibilidade de Nixon — uma perspectiva alarmante que pode ou não ser apagada por Watergate.



Chomsky

todos os grupos de oposição comunistas ou não permitem-lhe ignorar todas as exigências políticas dos Acordos de Paris. Fortalecido e incentivado por esse apoio, Thieu pode continuar em busca de sua própria "solução final" para o problema vietnamita. Enquanto isso, inúmeros bandos de criminosos ocultos sob respeitáveis nomes burocráticos como "forças especiais de polícia", "quadros de desenvolvimento revolucionário" ou "forças regionais populares" — formando verdadeiras legiões de *ton ton macoutes* a serviço do Papa Doc vietnamita (embora Thieu seja um Papa Doc desprovido de magia ou bruxaria) — continuam a virar o Vietnã do Sul do avesso em

fronteiras do Vietnã do Norte contra as forças do "mundo livre" (Laos), ao invés de entrarem no Vietnã do Sul, então os EUA precisam manter no poder os direitistas laocianos, na esperança de que suas operações consigam isso de alguma maneira.

Quais são os objetivos a longo prazo dessa obsessiva determinação de continuar a guerra a qualquer custo? A resposta é simples: a fórmula para a vitória assim como os objetivos de 1973 não são diferentes dos de 1968 ou 1965. O objetivo principal, tanto agora como antes, deve ser o estabelecimento de uma superioridade estratégica na remota região fronteiria do Vietnã do Sul, e lá fixar um tipo de linha Maginot Oriental que com o tempo afastará os

Livros comentados neste artigo:
For Reasons of State, de Noam Chomsky, Pantheon, 440 págs., US\$10,00 (brochura: US\$3,45)
Critical Essays and an Index to Vols. 1-4 of the Senator Gravel Edition of the Pentagon Papers, editado por Noam Chomsky e Howard Zinn, Beacon, 341 págs. de texto e 70 págs. de índice, US\$12,50 (brochura: US\$5,00)

© 1973, NYREV Inc.

Simon Head, do NYRB, escreve também para o New Statesman e já foi correspondente na Índia para o Financial Times de Londres.

continua no próximo número